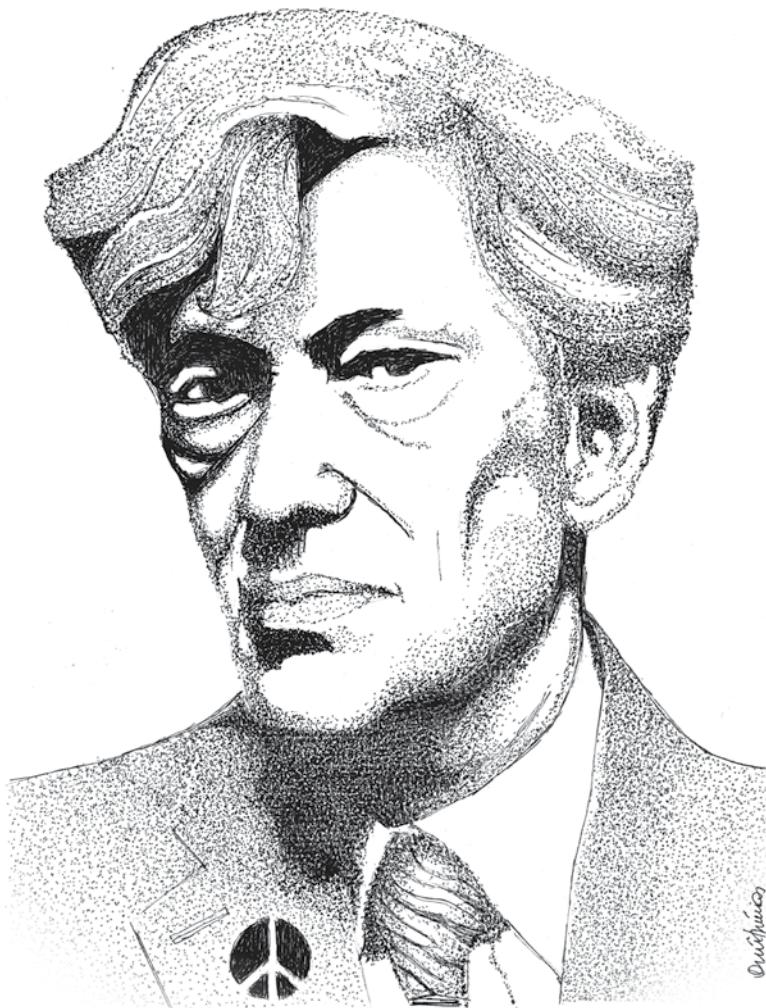


E. P. THOMPSON PANFLETÁRIO ANTIFASCISTA

PLEBEU GABINETE DE LEITURA

E. P. THOMPSON,
PANFLETÁRIO
ANTIFASCISTA



**E. P. THOMPSON,
PANFLETÁRIO
ANTIFASCISTA**

PLEBEU GABINETE DE LEITURA

6 O Protesto Sobrevive!

Adelaide Gonçalves e Lucas Assis

38 Ameaça fascista à Grâ-Bretanha

60 A luta por uma imprensa livre

98 Fascist threat to Britain *fac-símile*

116 The Struggle for a Free Press *fac-símile*

142 E. P. Thompson: uma bibliografia

Thiago da Silva Nobre

O PROTESTO SOBREVIVE!

Adelaide Gonçalves
Lucas Assis

Fortuna crítica e bibliográfica

No último período, é assinalável o esforço de reedições e traduções da obra de E. P. Thompson (1924-1993), entre estas destacamos a edição crítica de Alejandro Estrella, uma seleção de ensaios escritos entre 1957 e 1960: “en los que puede apreciarse en pleno fragor el pensamiento político de Thompson, entendido no tanto como una arquitectura conceptual sistemática, sino como un conjunto de nociones y de convicciones morales que lo acompañarán el resto de su trayectoria, orientando sus posteriores apuestas políticas y – de manera indirecta – sus proyectos historiográficos”¹. Para além da arquitectura conceitual, Estrella convida os leitores a “interpretar los textos en clave normativa, suponiendo la posibilidad de encontrar indicaciones para los desafíos del mundo actual partiendo de la hipótesis

¹ Os textos de E. P. Thompson da edição crítica preparada por Alejandro Estrella, são os seguintes: “El socialismo y los intelectuales” (1957); “El socialismo y los intelectuales, una réplica” (1957); “El humanismo socialista. Una epístola a los Filisteos” (1957); Acción y Elección. Una Respuesta a la crítica (1958); “La nueva izquierda” (1959); “El puente de producción” (1960); “Revolución” (1960). Publicados originalmente nas seguintes revistas: *The New Reasoner*, *Universities and Left Review* e *The New Left Review*. Ver: ESTRELLA, Alejandro. “Estudio Introductorio”. In: E. P. Thompson: *Democracia y Socialismo*. Edición crítica Alejandro Estrella; prólogo Bryan D. Palmer; traducción América Bustamante Piedragil. México: UAM, Unidad Cuajimalpa, 2017, p. 19. Ver também: ESTRELLA, Alejandro. *Clío ante el espejo. Un socioanálisis de E. P. Thompson*. Cádiz: Universidad Autónoma Metropolitana, 2011.

de que existen ciertos paralelismos entre el contexto en el Thompson escribe y la situación en la que hoy nos encontramos".²

A repercussão da obra de Thompson, no mundo de fala espanhola, muito se deve ao historiador catalão Josep Fontana desde sua leitura de *The Making of the English Working Class* (1963): "Recuerdo con claridad el día en que descubrí en una librería de Barcelona aquel grueso volumen de cerca de mil páginas, que costaba la suma de 198 pesetas, lo que no era entonces insignificante. Lo compré, me lo llevé a casa, donde lo conservo, y puedo decir que aquel libro cambió en alguna manera mi vida".³ Fontana assinaria o prólogo da edição espanhola, (Editora Laya, 1977). Michael Löwy, frente aos escritos políticos, teóricos e historiográficos de Thompson, destaca como fio condutor de sua obra a crítica à civilização industrial (capitalista) e afirma: "A originalidade, a novidade, a força subversiva e a coerência de seus trabalhos históricos estão intimamente ligadas à sua capacidade de redescobrir e reformular em termos marxistas (heterodoxos) a tradição romântica de crítica da modernidade".⁴ Em seu debate com E. P. Thompson, no âmbito da repercussão de *Miséria da Teoria*, Perry Anderson assim escreve sobre a prática de Thompson historiador:

² ESTRELLA, Alejandro. "Estudio Introductorio". In: *E. P. Thompson: Democracia y Socialismo*. Edición crítica Alejandro Estrella; prólogo Bryan D. Palmer; traducción América Bustamante Piedragil. México: UAM, Unidad Cuajimalpa, 2017, p. 19.

³ FONTANA, Josep. "La formación de E. P. Thompson" In: *História e Perspectivas*. Uberlândia (1): 33-53, jan./jun. 2014, p. 23.

⁴ LÖWY, Michael. "E. P. Thompson (1924-1993): a religião dos trabalhadores" In: *História e Perspectivas*. Uberlândia (1): 295-311, jan./jun. 2014, p. 296. Na nota 4, Michael Löwy faz a seguinte consideração: "trata-se, como bem notou Miguel Abensour no prefácio para a tradução francesa da obra, 'um grande livro morrisiano', ou seja, profundamente impregnado pelos modos de percepção adquiridos com a leitura da obra de William Morris". ABENSOUR, Miguel. *La passion d'Edward P.Thompson*. In: THOMPSON, E. P. *La formation de la classe ouvrière anglaise*. Paris: Gallimard/Seuil/ Hautes Etudes, 1988, p.VI, XV, XVI.

Do começo ao fim, sua prática foi a mais declaradamente política de todos de sua geração. Todos os grandes – e quase todos os pequenos – trabalhos que escreveu concluem com uma reflexão aberta e direta sobre suas lições para os socialistas de seu próprio tempo. William Morris termina com uma discussão sobre o “realismo moral”; A formação da classe operária inglesa relembrava nossa dívida com a “árvore da liberdade” plantada pelo antigo proletariado inglês; Senhores e caçadores termina com uma reavaliação geral do “Estado de direito”; um ensaio como “Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial” especula sobre uma possível síntese do “velho e do novo sentido do tempo” em uma sociedade comunista do futuro que tenha superado o “problema do ócio”.⁵

Roy Porter, frente à leitura de *Costumes em comum* (1991), assinala tanto a esplêndida narração quanto o socialismo humanista de nosso autor:

Aquí hay ‘socialismo humanista’ en su mejor expresión: una espléndida narración que equilibra esperanza y pesimismo, una visión de la lucha del hombre que hace su propia historia aunque no en sus propios términos. Y hay también, y no es lo menos importante, una emocionante recuperación de la voz silenciada de los pobres, esforzándose en preservar sus medios de vida y su identidad contra una sociedad patricia dominante.⁶

A atividade intelectual e política de Thompson, assim como seus trabalhos em torno da história e da literatura, se iniciam muito cedo, indicando aos seus leitores em língua portuguesa que ainda há muito a conhecer. A difusão da obra de E. P. Thompson em Portugal muito deve ao contributo de José Neves, traduzindo, com Frederico Ágoas, o ensaio *A economia moral da multidão na Inglaterra do século XVIII*⁷,

⁵ ANDERSON, Perry. *Teoria, política e história: Um debate com E. P. Thompson.* (Tradução de Marcelo Cizaurre Guirau). Campinas: Ed. da Unicamp, 2018, p. 13-14.

⁶ PORTER, Roy. Apud FONTANA, Josep. “La formación de E. P. Thompson”. In: *História e Perspectivas*. Uberlândia (1): 33-53, jan./jun. 2014, p. 30.

⁷ Em *Da economia moral da multidão à arte de não ser governado* constam os seguintes estudos sobre Thompson: “William Morris depois de E. P. Thompson e E. P. Thompson depois de William Morris”, de Fátima Vieira; “Emancipação, história e

uma das mais originais e potentes reflexões em torno da agência plebeia diante dos açambarcadores de grãos e da carestia dos víveres. A recepção entre os historiadores ibéricos, todavia, data do final dos anos de 1970, com a atividade de Josep Fontana e, nos anos 1980, com a crítica de José Álvares Junco e Manuel Pérez Ledesma ao reducionismo econômico da historiografia espanhola do movimento operário. Deste período em diante, as discussões de Thompson acerca da cultura popular e em torno da racionalidade da agência plebeia marcaram presença nos cursos de História em Espanha, como destacado por Carlos Gil Andrés.⁸

No Brasil, a recepção da obra de E. P. Thompson é tratada em vários estudos⁹ e aqui apenas se sublinha (como homenagem) uma

política: notas de uma leitura cruzada em E. P. Thompson e Antonio Negri”, de José Neves; além de uma entrevista com James C. Scott, realizada por Diogo Duarte, Diego Palacios Cerezales, José Manuel Sobre e José Neves. CEREZALES, Diego Palacio; FERREIRA, Fátima Sá e Melo (Organizadores). *Da economia moral da multidão à arte de não ser governado: E. P. Thompson e James C. Scott na Ibéria*. Coleção Cultura e Sociedade (Direção de Paula Godinho). Alentejo: Ed. 100 Luz, 2013; THOMPSON, E. P. A economia moral da multidão na Inglaterra do século XVIII. (tradução de José Neves e Frederico Ágoas). Lisboa: Antígona, 2008; NEVES, José. “E. P. Thompson ou a arte de sabotagem dos caminhos de ferro”. In: NEVES, José. (Org.). Da gaveta para fora: ensaios sobre marxistas. Porto: Edições Afrontamento, 2006; LÖWY, Michael. “A corrente romântica nas ciências sociais de Inglaterra: E. P. Thompson e Raymond Williams. In LÖWY, Michael. Utopias. (seleção de textos e apresentação de José Neves). Lisboa: Ler Devagar/Edições Unipop, 2016, p. 77-114.

⁸ Em Portugal, em 2012, um encontro foi organizado, desta vez com a presença de a James C. Scott, resultando na publicação *Da economia moral da multidão à arte de não ser governado*. Já no ano de 2013, em decorrência dos 50 anos da publicação de A formação da classe operária inglesa, na Fundación de Investigaciones Marxista realizou em Madrid um colóquio. Sobre a recepção de Thompson em Portugal e em Espanha, ver: CEREZALES, Diego Palacio; FERREIRA, Fátima Sá e Melo. “Introdução”. In: *Da economia moral da multidão à arte de não ser governado: E. P. Thompson e James C. Scott na Ibéria*. Coleção Cultura e Sociedade (Direção de Paula Godinho). Alentejo: Ed. 100 Luz, 2013, p. 9-16.

⁹ Algumas revistas acadêmicas no Brasil dedicaram dossiês a E. P. Thompson. Conferir: “Diálogos com E. P. Thompson”. In: *Projeto História*. São Paulo, (12), out, 1995; “Dossiê E. P. Thompson” In: *Mundos do Trabalho*. vol. 5, n. 10, julho-dezembro de 2013; “Dossiê Cultura e resistência – Dez anos sem E. P. Thompson” In: *Esboços*, v. 11, n. 12 (2004); “Dossiê História Social: E. P. Thompson (1924-1993)” In: *História*

e outra leitura de alguns de nossos Mestres, também nesta tópica. José Sérgio Leite Lopes rememora que encontrou *The Making of the English Working Class* em meados dos anos 1970, “numa feira de livro em que havia muitos títulos da Penguin Books... Na época da ditadura [de 1964], as editoras nacionais estavam todas sob censura, mas de vez em quando vinham uns livros estrangeiros, apareciam em língua espanhola, em francês como em inglês”¹⁰ Naquela altura, alguns dos ensaios de Thompson eram lidos em espanhol, reunidos por Josep Fontana em *Tradición, revuelta y consciencia de classe* (1979), como depois em outros títulos do Editorial Crítica. As edições de Thompson “em espanhol eram disputadíssimas”, lembra Déa Ribeiro Fenelon.¹¹ Apenas em 1987, graças ao esforço combinado de tradução de Denise Bottmann e editorial de Edgard de Decca, recebíamos em três volumes *A formação da classe operária inglesa*, na coleção *Oficina de História*, da editora Paz & Terra.¹² Também das boas conversas com

e Perspectivas. N° especial, p. 1-468, jan./jun./2014; “Dossiê Trabalho, história e experiência de classe: Thompson 50 anos depois”. In: *Trabalho necessário*. v. 12, n. 18 2014. Sobre a recepção da obra de Thompson no Brasil, conferir também os títulos: MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2012; NEGRO, Antonio Luigi. “E. P. Thompson no Brasil: recepções e usos”. *Critica Marxista*, n. 39, p.151-161, 2014; BARREIRO, José Carlos. “E. P. Thompson e a historiografia brasileira”. *Projeto História*. São Paulo, (12), out, 1995; FARIA FILHO, Luciano Mendes; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. *Edward P. Thompson: história e formação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010; DUARTE, Adriano Luiz; MÜLLER, Ricardo Gaspar (Orgs.). *E. P. Thompson: paixão e política*. Chapecó: Editora Argos, 2012; THOMPSON, E. P.; NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sérgio. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2012.

¹⁰ Entrevista com o professor José Sérgio Leite Lopes (Concedida a Roberta Novaes e Maya Valeriano). *Revista IDEAS*, v. 4, n. 2, p. 544-591, 2010, p 564.

¹¹ FENELON, Déa Ribeiro. “E. P. Thompson: História e Política”. *Projeto História*, São Paulo, out, 1995, p. 78. CRUZ, Heloísa de Faria: “E. P. Thompson e Déa Fenelon: trajetória de uma história radical”. In: BÓSI, Antonio de Pádua; SOUZA, Aparecida Darc de; MORAIS, Sérgio Paulo. *E. P. Thompson: história, educação e presença*. São Paulo: Edições Verona, 2018.

¹² “A Árvore da Liberdade”, “A Maldição de Adão” e “A Força dos Trabalhadores”.

livreiros resultariam as providenciais indicações de traduções realizadas no México, no Instituto Mora. Não se deve esquecer a alegria por encontrar nas visitas aos sebos e alfarrabistas em Buenos Aires os livrinhos de E. P. Thompson e os ótimos dossiês e entrevistas encartadas nas revistas *Punto de Vista*, *El Cielo por Asalto* e outras mais.¹³ Bons tempos aqueles em que os efeitos deletérios da Amazon ainda não se faziam sentir!

Entre nós, no Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, e em nosso Programa de Pós-Graduação em História Social, a presença de E. P. Thompson se observa em disciplinas regulares ou em cursos específicos, na partilha de livros e leituras em comum, na vivência em grupos de estudos, repercutindo na pesquisa histórica no Ceará, como se observa em Frederico de Castro Neves e Tyrone Cândido, entre outros¹⁴. Por último, se deu à estampa um belo livrinho da lavra de João Ernani Furtado Filho, *No calor da Guerra Fria: E. P. Thompson e a luta antinuclear* (2017), o que nos alvoroçou no sentido de continuarmos buscando um tanto da força subversiva de Thompson na escrita pública de seus panfletos antifascistas, como inspiração e alimento às nossas lutas no Brasil do tempo presente.

¹³ Conferir o texto de José Sazbón, “Duas caras do marxismo inglês: o intercâmbio Thompson-Anderson”, publicado originalmente em *Punto de Vista*, nº 29, em 1987. Sazbón escreve um bonito obituário publicado em *El Cielo Por Asalto*, dossiê “E. P. Thompson y la historiografía marxista inglesa”, año III, nº 6, verano/1993-1994; Nas publicações em memória de Thompson ver também *Radical History Review* 59:1-3, 1994, com os seguintes obituários: “E. P. Thompson: In Solidarity”, de Michael Merrill; “E. P. Thompson”, de Eric Hobsbawm; “A Thoroughly English Dissident”, de W. L. Webb.

¹⁴ Dos trabalhos destacamos *A multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000), de Frederico de Castro Neves; e a primeira dissertação defendida no PPGH-UFC, *Dos homens sendo e tornando-se: Tradição e experiência em E. P. Thompson* (2002), de Tyrone Apollo Pontes Cândido.

Intelectual Público

Muitos dos primeiros escritos de E. P. Thompson dos anos de 1940 não estão traduzidos para o português, tal é o caso dos panfletos publicados por partidos ou organizações políticas, dos artigos nas revistas *Our Time*, *Arena*, *Daylight*, no periódico *Daily Worker* (People's Press Printing Society), assim como *The Railway* (1948), o relato de sua experiência no batalhão britânico para a construção dos caminhos de ferro Samac-Sarajevo na Iugoslávia; entre outros¹⁵. Sua escrita desse momento, em parte, é marcada pela perda de seu irmão mais velho em circunstâncias trágicas. Frank Thompson, destacado militante comunista, foi executado pelos fascistas na Bulgária em 31 de maio de 1944, aos 23 anos de idade. Thompson e sua mãe, Theodosia Jessup, reúnem registros pessoais, poemas, cartas e diários, publicando *There is a Spirit in Europe: a memoir of Frank Thompson*, em 1947.

There is a Spirit in Europe foi editado por Victor Gollancz, um liberal antifascista que articulou com outros intelectuais, junto ao partido comunista, com John Strachey, Harry Pollitt, e à esquerda trabalhista, com Harold Laski, um dos projetos de maior significado no campo da cultura antifascista, na Grã-Bretanha do entreguerras. A criação do Left Book Club (1936) é um dos desdobramentos de tal atividade, como anotado no estudo de Adrià Llacuna.¹⁶

¹⁵ LLACUNA, Adrià. "Edward Thompson. Un comentario bibliográfico". In: BALBINO, José; ERICE, Francisco (Eds.). *E. P. Thompson: Marxismo e Historia social*. Madrid: Siglo XXI, 2016.

¹⁶ *The Making of the English Working Class* também foi publicada pela editora de Victor Gollancz; LLACUNA, Adrià. "Edward Thompson. Un comentario bibliográfico" In: BALBINO, José; ERICE, Francisco (Eds.). *E. P. Thompson: Marxismo e Historia social*. Madrid: Siglo XXI, 2016, p. 334. Sobre Victor Gollancz e o Left Book Club, ver os artigos de Matheus Cardoso da Silva: "Ecos da Guerra Civil espanhola na Grã-Bretanha através das publicações do Left Book Club". *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 18, n. 36, p. 608-638, set./dez. 2017; "Victor Gollancz: um editor socialista nos anos do Popular Front

Sobre os fatos do período e em face da campanha difamatória contra Frank Thompson pela imprensa inglesa, Thompson cuidará de reunir os traços e vestígios apagados (ou distorcidos) da trajetória antifascista de seu irmão. É o que se vê na escrita de *Beyond the Frontier: the Politics of a Failed Mission*¹⁷ (1997), que, na análise de Llacuna, é movida por uma exposição mais trágica dos fatos e em tom dissonante em relação ao livro de 1947.¹⁸ A obra é uma edição póstuma preparada por Dorothy Thompson, reunindo três Conferências¹⁹ ministradas em 1981 na Universidade de Stanford, em que Thompson trata de apresentar um rigoroso relato de experiência sobre a guerra, a prisão e execução de seu irmão como “ejemplo de las muchas maneras en las que puede utilizarse un acontecimiento y también como indicación de algunos de los problemas que conlleva cualquier tipo de narrativa histórica”²⁰ Dorothy Thompson acrescenta

britânico”. *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 8, n. 15, janeiro-junho de 2016, p. 87-108.

¹⁷ THOMPSON, E. P. *Beyond the Frontier: the Politics of a Failed Mission, Bulgaria 1944*. Stanford: Stanford University Press, 1997. Sobre Frank Thompson, conferir também a biografia escrita por Peter Conradi, *A very English Hero: The making of Frank Thompson*. Londres, Bloomsbury, 2011.

¹⁸ LLACUNA, Adrià. “Edward Thompson. Un comentario bibliográfico” In: BALBIN, José; ERICE, Francisco (Eds.). *E. P. Thompson: Marxismo e Historia social*. Madrid: Siglo XXI, 2016, p. 343. Alguns estudos ampliam os contornos sobre a vida e a obra do historiador inglês, como é o caso do estudo S. Hamilton, “The making of E. P. Thompson: Family, antifacism and the 1930s”. In: *The Crisis of Theory. E. P. Thompson, the new left and postwar British politics*. Manchester: Manchester University Press, 2012, p. 11-46.

¹⁹ O título que Thompson dá para as Conferências, mantido como título do livro, é, em parte, derivado do poema de W. H. Auden (*Poemas*) citado por Frank Thompson em carta endereçada ao irmão em 1941. “El ileso líder estirado/De compañeros condenados, todos/Aquellos cuyas voces em las rocas/Ya son perpetuas/Combatientes por el bien de nadie/Caídos más allá de la frontera.” THOMPSON, E. P. *Más allá de la frontera. La política de una misión fracassada: Bulgaria, 1944*. (Traducción de Teresa Palomar). Barcelona: El Viejo Topo, 2012, p. 123. Agradecemos à professora Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo que, gentilmente, nos cedeu o livro citado.

²⁰ THOMPSON, Dorothy. “Introducción”. In: THOMPSON, E. P. *Más allá de la frontera. La política de una misión fracassada: Bulgaria, 1944*. (Traducción de Teresa Palomar). Barcelona: El Viejo Topo, 2012, p. 23.

ademas que o livro póstumo quer dar a conhecer um esforço inconcluso de pesquisa, no qual Thompson não se queda frente a “un acto de devoción familiar, ni como la celebración del coraje y el sacrificio de un soldado en particular”. Mas desejando dar a conhecer os fatos sobre a vida de seu irmão, Thompson “ilustraba las cualidades que tantos jóvenes exhibían por aquellos años”, observando o “modo en que los políticos y los historiadores los trataron en el medio siglo que siguió”.²¹ Dito de outro modo, naquelas Conferências, Thompson apresenta de modo rigoroso sua crítica às narrativas históricas dos e sobre os fatos do período que formavam parte de uma mitologia legitimadora, chamando inclusive nossa atenção acerca do “código útil para la ideología”.²²

Segundo Alejandro Estrella, “Frank Thompson constituye para Edward el paradigma de una concepción de la política en términos de entrega y heroicidad, el símbolo de una época de lucha popular y de *history in making*”²³. Os anos de guerra, em campanha na Itália, e de construção da estrada de ferro na Bósnia, foram um “momento formativo extraordinário em que foi possível estar profundamente engajado, até com a própria vida, em apoio a uma luta política em particular que era, ao mesmo tempo, uma luta popular”, como recorda Thompson.²⁴ A forte presença da memória de Frank é marcante em

²¹ Ibidem, p. 23.

²² THOMPSON, E. P. *Más allá de la frontera. La política de una misión fracassada: Bulgaria, 1944.* (Traducción de Teresa Palomar). Barcelona: El Viejo Topo, 2012, p 55.

²³ ESTRELLA, Alejandro. “Estudio Introductorio”. In: E. P. Thompson: *Democracia y Socialismo*. Edición crítica Alejandro Estrella; prólogo Bryan D. Palmer; traducción América Bustamante Piedragil. México: UAM, Unidad Cuajimalpa, 2017, p. 39.

²⁴ THOMPSON, E. P. *The poverty of theory and others essays, 1978*, p. iii. Apud ANDERSON, Perry. *Teoria, política e história: Um debate com E. P. Thompson.* (Tradução de Marcelo Cizurra Guirau). Campinas: Ed. da Unicamp, 2018, p. 159.

Thompson, sobretudo nesse momento em que o internacionalismo socialista e a luta antifascista convergem de forma particular na sua formação, como observa Perry Anderson.²⁵ Nos núcleos de resistência encontraria o *símbolo do possível*: convicção compartilhada, camaradagem internacional, espírito de sacrifício.

*El fascismo provocó la determinación de resistir y un espíritu de sacrificio. Por encima de todo, en los jóvenes resistentes existía una fe compartida y un compañerismo internacionalista – que eleva por encima de la pobreza espiritual del presente. Ese momento permanece como un símbolo de lo posible. No obstante, fue una posibilidad generada sólo en la situación extrema de la guerra y la represión.*²⁶

Naqueles decisivos anos de guerra, num contexto de politização crescente, muitos jovens radicais assumem a estratégia política de Frentes Populares contra o fascismo, encontrando no Partido Comunista um vetor de resistência internacionalista. O comunismo de Thompson tem como uma das fontes esta experiência de Frente Popular e doravante alargada em seu sentido democrático e emancipador.²⁷ Edward Thompson se filia ao PCGB em 1942, na sequência de seu irmão Frank, filiado desde 1939. No partido, integrou o Grupo de Escritores, do qual fazia parte também Raymond Williams. O Grupo de Historiadores é de 1946. Dorothy era mais ativa que Edward.

“Foi nessa época que nasceu em mim um antifascismo feroz, de que não posso desfazer-me”, é como Thompson situa no tempo sua

²⁵ ANDERSON, Perry. *Teoria, política e história: Um debate com E. P. Thompson*. (Tradução de Marcelo Cizaurre Guirau). Campinas: Ed. da Unicamp, 2018, p 159.

²⁶ THOMPSON, E. P. *Más allá de la frontera. La política de una misión fracassada: Bulgaria, 1944.* (Traducción de Teresa Palomar). Barcelona: El Viejo Topo, 2012, p. 128.

²⁷ ESTRELLA, Alejandro. “Estudio Introductorio”. In: E. P. Thompson: *Democracia y Socialismo*. Edición crítica Alejandro Estrella; prólogo Bryan D. Palmer; traducción América Bustamante Piedragil. México: UAM, Unidad Cuajimalpa, 2017, p. 25-26.

formação militante, dito em entrevista a Penelope Corfield em 1992.²⁸ Seu internacionalismo solidário seria a tônica da luta antinuclear ou, em seus termos, da campanha contra o *exterminismo*²⁹, como percebe Josep Fontana.

*Thompson participaba plenamente de esta campaña contra lo que llamaba “el exterminismo, la última etapa de la civilización”, en lo que era a la vez una lucha contra la guerra fría y a favor de aquel internacionalismo solidario que había tratado de establecer el antifascismo de los años 1945-1947. Luchaba por la paz, pero no era un pacifista.*³⁰

Em termos de escrita militante, é apreciável sua qualidade de intelectual público oferecendo novos contornos aos movimentos pela paz a partir dos anos de 1980, quando as campanhas antinucleares – European Nuclear Disarmament (END), Campaign for Nuclear Disarmament (CND) – exigiam, dia e noite, sua presença infatigável em reuniões, grandes comícios, articulações internacionais e na retomada da escrita urgente ao estilo de panfletos de intervenção, como é o caso mais notável de *Protest and Survive* (1980).³¹ Reproduzindo

²⁸ CORFIELD, Penelope. Entrevista com E. P. Thompson: “O Espírito Whig sem o elitismo”. In: BOURDIEU, Pierre (ed); MICELI, Sergio (org). *Liber* 1. São Paulo: Edusp, 1997, p. 166-167. Esta entrevista foi publicada também em: *Punto de Vista. Revista de Cultura*. Ano XVIII, nº 51, Buenos Aires, abril de 1995.

²⁹ “No apelo ao Desarmamento Nuclear Europeu, já existiam também os esboços de uma estratégia de resistência, e meu ensaio [Notas sobre o Exterminismo] concluía com um resumo dessa alternativa – um resumo que foi vivido na pele das realidades dos movimentos pacifistas nos dois últimos anos”. THOMPSON, E. P. “Europa, o elo frágil da Guerra Fria” In: THOMPSON, E. P.; DAVIS, Mike; BAHRO, Rudolf; MAGRI, Lúcio; MEDVEDEV, Roy e Zhores; CHOMSKY, Noam. *Exterminismo e Guerra Fria*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

³⁰ FONTANA, Josep. “La formación de E. P. Thompson”. In: *História e Perspectivas. Überlândia* (1): 33-53, jan./jun. 2014, p. 27.

³¹ José Ángel Ruiz Jiménez se refere a Thompson como uma figura pública que iniciou e inspirou um movimento pela paz que tomou proporções colossais: “Thompson se introdujo rápidamente en el corazón organizativo de las movilizaciones antinucleares de los primeros 80: pronto pasó a formar parte del Consejo Nacional del CND como vicepresidente, además de ser miembro y fundador del más reciente END”. Segundo dados apresentados pelo autor, a organização nacional da CND passou de

desenho e formato da campanha oficial *Protect and Survive*, Thompson alcança leitores ativistas aos milhares. Em pouco menos de um ano, circulam mais de 50.000 exemplares e, depois, em uma compilação de ensaios publicada pela Penguin Books, outros 36.000 chegaram aos leitores. Considerando que o panfleto passaria de mão em mão e seria motivo de leituras coletivas, a difusão é bastante superior aos números referidos. O alcance de sua palavra como intelectual público é de tal magnitude que o texto base da campanha governamental foi retirado de circulação.

“Se [Thomas] Paine tinha mudado o mundo com um panfleto, *Protest and Survive* de Thompson com suas vendas na ordem das centenas de milhares”³², chegaria perto. Dos célebres escritos de Thomas Paine, “*O Senso Comum*, publicado nos Estados Unidos em 1776, venderia em um ano, ‘150 mil exemplares... para um país com 2,5 milhões de habitantes’ e *Os Direitos do Homem*, publicado na Inglaterra em 1791 (primeira parte) e 1792 (segunda parte), ‘vendeu talvez 250 mil cópias em dois anos, em uma população de dez milhões’; quando da morte do autor, em 1809, ‘perto de um milhão e meio de cópias haviam sido publicadas em língua inglesa’! A impressionante difusão

2.120 membros em 1970 para 100.000 no ano de 1984, decrescendo nos dezesseis anos seguintes. Os números não levam em conta os grupos locais da organização. JIMÉNEZ, José Ángel Ruiz. *Contra el reino de la Biesta: E. P. Thompson, la conciencia crítica de la Guerra Fría*. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2009, p. 165-168. Várias intervenções de Thompson neste período serão compiladas, resultando nas seguintes publicações: *Protest and survive* (1980), *Writing by candlelight* (1980), *Zero option* (1982), *Double exposure* (1985), *The heavy dancers* (1985) e *Starwars* (1985). A estes se acrescenta a sua coautoria em *Appeal for Nuclear Disarmament* (1980); THOMPSON, E. P.; SMITH, Dan (ed.) *Protest and Survive*. Harmondsworth: Penguin, 1980; Depois, ainda com Dan Smith, editou *Prospectus for a habitable planet*, Londres: Penguin Books, 1987, em que foi publicado seu texto “The Rituals of Enmity”.

³² PALMER, Bryan D. “Paradoxo e polêmica, argumento e constrangimento: reflexões sobre E. P. Thompson”. In: *História e Perspectivas*. Überlândia (1): 33-53, jan./jun. 2014, p. 87-8.

dos impressos de Paine encontra a justa apreciação do historiador Robert Palmer: “Paine escreveu o *pamphlet* político mais amplamente conhecido, citado e bem sucedido de todo o levante revolucionário internacional”.³³ Naqueles anos do século XIX, segundo Richard Altick, nenhuma literatura em específico se aproximou de Thomas Paine em termos de circulação.³⁴

O registro mais bonito (a nosso ver) sobre o intelectual em ação e na rua, em convocação multitudinária é da lavra de Bryan Palmer, e aqui reproduzido como inspiração à nossa urgente (re)tomada da rua no Brasil de 2019.

[Thompson] se tornou algo como o William Cobbett de seu tempo. Centenas de milhares de pessoas cresceram acostumadas com as apresentações teatrais de Thompson antes dos comícios do

³³ Sobre o assunto, Modesto Florenzano faz referência a Robert R. Palmer, *The World of the French Revolution* (Nova York, Harper, 1971, p. 200.); FLORENZANO, Modesto. *Thomas Paine revisitado*. In: *Coleção Documentos* – Série Teoria Política, v. 16, 1996, p. 1-16; “John Adams não foi o único presidente norte-americano, da época da independência, a reconhecer a importância dos escritos de Tom Paine. George Washington opinou que ‘O Senso Comum operou uma poderosa mudança na mente de muitos homens’, e Thomas Jefferson, que ‘nenhum escritor superou Paine na expressão perspicaz, na elucidação feliz, no estilo fácil e familiar e na linguagem simples e descompromissada’; citações extraídas de *The Thomas Paine Reader*, introdução de M. Foot e I. Kramnick, Penguin, 1987.

³⁴ Sobre a circulação de *Os Direitos do Homem*: “In 1802 Paine wrote that ‘the number of copies circulated in England, Scotland and Ireland, besides translations into foreign languages, was between four and five hundred thousand’, and at the time of his death seven years later, the total circulation of Part Two alone is said to have been nearly 1,500,000 copies. To gauge the impact of Paine’s writings upon the English reading public one does not have to accept such figures as being even approximately accurate. In 1801 the total population of England, Scotland, and Wales was 10.5 million, and that of Ireland, where Paine had an immense following, was estimated four years later as being around 5.4 million. If the figure of 1,500,000 were true, it would mean that in the space of seventeen years there was roughly one copy of *The Rights of Man*, Part Two, for every ten people in the United Kingdom, men, women, and children. But this is almost incredible. The figure of 200,000 for sales in the first two years is itself hard to believe. No single piece of none literature so far as the few available records indicate, had ever approached such a circulation. ALTICK, Richard. *The English Common Reader: A Social History of the Mass Reading Public 1800-1900*. Columbus: Ohio State University Press, 1998, p. 68-72.

*movimento da paz da década de 1980, cientes de que, assim que ele subisse ao palco, com seu cabelo branco voando, seu corpo esguio encostado a uma alusão histórica a William Blake, sua paixão explodindo, não mais na página, mas por um mar de ouvintes, eles estavam sendo tratados com recusas e argumentos e oposições à consolidação de um “consenso do juízo final.” E tudo ouvido com base nas melhores tradições de oratória da classe operária inglesa no início do século XIX.*³⁵

Naquela conjuntura se pode afirmar com José Ángel Jiménez: ali E. P. Thompson “pasó de ser un ciudadano privado, historiador y escritor *free lance* a un famoso (y, para muchos, infame) personaje público, el ‘profesor’ E.P. Thompson, disponible a cualquier hora del día y a veces también de la noche para el servicio de un enorme, desordenado, a veces extenuante pero siempre idealista y dedicado movimiento por la paz. Por todo ello, no resulta extraño que afirmara: ‘Hubiera sido más agradable tener una vida más sosegada. Pero no van a dejar que sea posible. ¿En qué terminará todo esto?’”³⁶

O reconhecimento internacional de Thompson e a dimensão do intelectual público são, em retrospecto, avivados por Eric Hobsbawm, comparando-o a Bertrand Russell. Seus poemas e outros escritos literários; as entrevistas publicadas em diversas revistas e periódicos; os textos resultantes de conferências e intervenções em círculos acadêmicos ou em sua atuação pública, como afirmado em Perry Anderson são, “à sua maneira, tanto uma intervenção militante no presente como uma recuperação profissional do passado”.³⁷ O alcance

³⁵ PALMER, Bryan D. “Paradoxo e polêmica, argumento e constrangimento: reflexões sobre E. P. Thompson”. In: *História e Perspectivas*. Uberlândia (1): 33-53, jan./jun. 2014, p. 87-8.

³⁶ JIMÉNEZ, José Ángel Ruiz. “Orgullo de inglés nacido libre: el compromiso rebelde de E. P. Thompson contra el exterminismo”. In: *História e Perspectivas*. Uberlândia (1): 33-53, jan./jun. 2014, p. 160-2.

³⁷ ANDERSON, Perry. *Teoria, política e história: Um debate com E. P. Thompson*. (Tra-

multitudinário da atuação de Thompson é destacado por Dennis Dworkin, recuperando o vigoroso alcance de sua voz como *historiador militante e militante historiador* em meio às exigências das campanhas antinucleares:

*Uma medida da estatura de Thompson como intelectual público reconhecido internacionalmente, durante aquela década, foi seu debate com o secretário de Defesa americano Caspar Weinberger, na Oxford Union, em 1984. Eles discutiram se havia uma diferença moral entre as políticas mundiais dos Estados Unidos e da União Soviética. A Union rejeitou o argumento de Thompson de que não havia diferença, por 271 votos contra 232, com três abstenções.*³⁸

Verbo de sedição

Edward Thompson graduou-se em Cambridge em 1946, um ano antes de publicar o panfleto *Ameaça fascista à Grã-Bretanha*, no qual denunciava a tragédia da “reativação da atividade fascista”. No final deste decênio, em 1948, se casaria com Dorothy Towers e passaria a lecionar História e Literatura no Departamento de Educação de Adultos, da Universidade de Leeds. Dorothy confessa, em *Outsiders: Class, Gender and Nation*³⁹, que, como ambos, ela e Edward eram os únicos filhos vivos de suas famílias e, após a guerra, havia um enpuxo para ter filhos; no caso, tiveram três: Ben, Mark e Kate. Dorothy explicitava ainda que o salário inicial de Edward era de apenas 425 libras ao ano.

Em 1952, Thompson publica o panfleto *A luta por uma imprensa livre*. Logo na primeira página, relata o ataque fascista acontecido em

dução de Marcelo Cizaurre Guirau). Campinas: Ed. da Unicamp, 2018, p. 13-14.

³⁸ DWORKIN, Dennis. “E. P. Thompson: historiador militante, militante historiador” In: *História e Perspectivas*. Uberlândia (1): 33-53, jan./jun. 2014, p. 108.

³⁹ THOMPSON, Dorothy. *Outsiders. Class, Gender and Nation*. London: Verso, 1993, p. 6-8.

Trieste, em 1947, quando ele e sua companheira, Dorothy, foram espancados por um grupo fascista pelo “crime” de ler em público um jornal socialista. Os fascistas tinham salvaguarda no grande capital – como nas corporações Thyssen, Krupp – e os diários nacionais, como o *Daily Mail*, os incensavam, por mais truculentos que fossem ou talvez por isso mesmo. Sobre o ocorrido, a imprensa contou desonestidades e mentiras. Este era o agudo juízo de Thompson.⁴⁰

O fatídico episódio de Trieste é exposto no início do panfleto *A luta por uma imprensa livre*. Em nossa apreciação, a militância antifascista é o ponto que aproxima os dois panfletos. O “árduo aprendizado [de] tentar entender o que realmente tinha acontecido” naqueles dias guarda raízes profundas.

Em favor da liberdade de imprensa, os panfletos constituem uma evidência de seu combate antifascista. Nas notações a seguir, fica evidente que estes escritos de Thompson se encontram, em análise e ação, com uma tradição radical em que as noções de liberdade levaram a termo a luta contra o monopólio e as injúrias da imprensa burguesa. No final dos anos de 1940, segundo Dave Renton, o PCGB publicou *It Can Happen Here* (1947), uma brochura ilustrada, e uma série de panfletos antifascistas: *The Mosley Case* (1947), de Denis Nowell Pritt; *Our Flag Stays Red* (1948), de Phil Piratin; e *Beware of the Dangers of Anti-Semitism* (1949), de Louis Sampaix.⁴¹ Na conjuntura do pós-guerra, o programa do PCGB desborda do campo exclusivo

⁴⁰ THOMPSON, E. P. *Fascist threat to Britain*. London: Farleigh Press, 1947; THOMPSON, E. P. *The Struggle for a Free Press*. London: A People's Press Publication, 1952.

⁴¹ RENTON, Dave. *The Attempted Revival Of British Fascism: Fascism And Anti-Fascism 1945-51*. Department of History at the University of Sheffield, August 1998, p. 106-126. Esta tese de doutoramento em Filosofia foi publicada no ano 2000 com o título *Fascism, Anti-fascism and Britain in the 1940s*.

do debate político e econômico para uma disputa de hegemonia cultural traduzida organicamente em seu Comitê de Cultura Nacional (NCC), desejando ampliar seu campo intelectual às diversas áreas da literatura, história, música, entre outros.

A imprensa oficial, este *dragão de papel*, podia ser derrotada, como diz em 1957 ao repensar as posições do intelectual socialista face ao stalinismo e à sociedade capitalista. Sobre a necessidade de “un movimiento de ideas socialistas nuevo, vital y con principios”, Thompson aventa: “Especificamente, estoy pensando en libros, panfletos y periódicos; grupos de discusión y foros; poemas y novelas; un movimiento estudiantil reavivado y con actividades culturales (como el viejo movimiento de teatros sindicales), que no se desanime ante la degradación de los estándares, sino que empiece a contraatacarlos.”⁴² Por dentro desses desígnios é que podemos compreender a atividade de Edward Thompson nos anos do pós-guerra e do rompimento com o PCGB em 1956. O que propunha era há muito amadurecido, este era o cerne de seus panfletos e artigos, de sua atividade militante à esquerda.

Se seus primeiros panfletos comunistas, Fascist threat to Britain (1947), podem generosamente ser interpretados como um lembrete útil de que o fascismo foi derrotado militarmente, mas não necessariamente apagado das mentes de homens e mulheres, The struggle for a free press (1952) lê-se como um sumário para um capítulo de A formação. Ênfases características da política posterior de Thompson estão espalhadas em The struggle for a free press, como uma crítica subterrânea da prática do PCGB. De fato, há o suficiente sobre Fascist threat to Britain e The struggle for a free press para torná-los reconhecidos como obras de E. P. Thompson, não menos importante evidenciam-se nesses a profunda “paixão moral”

⁴² THOMPSON, E. P. “El socialismo y los intelectuales”. In: *E. P. Thompson: Democracia y Socialismo*. Edición crítica Alejandro Estrella; prólogo Bryan D. Palmer; traducción América Bustamante Piedragil. México: UAM, Unidad Cuajimalpa, 2017, p. 91.

*que subscreveu suas demais composições. Se o “tom” tem algo a ver com a teoria política – e Thompson acreditava que tinha – então William Morris e esses panfletos forneceram alguma evidência para as trilhas dissidentes pela qual ele seguiria durante 1956.*⁴³

Alguns argumentos e personagens d'*A luta por uma imprensa livre* são recuperados em sua mais reconhecida obra historiográfica, *A formação da classe operária inglesa*, publicada em 1963, onze anos depois. Sobre a gente simples que sofreu a experiência da Revolução Industrial e saiu derrotada, destacamos o “ganho espiritual”, o fazer-se de uma consciência de classe, “contra o qual deve-se colocar o esfacelamento de um modo de vida mais antigo e, em muitos aspectos, mais humanamente compreensível”⁴⁴.

Joseph Swann, desempregado e sem condições de saciar a fome, se torna jornaleiro. Vendia panfletos e poemas sediciosos para que “o povo saiba como são tapeados...” “Quero que todos os homens leiam essas publicações”. Preso por sua atividade, são estas as respostas da sinceridade atrevida de Swann ante um arrogante magistrado que o ordena que “refreie sua língua”⁴⁵. O excerto do diálogo reproduzido

⁴³ Segundo Wade Matthews, o contexto imediato de “Ameaça fascista à Grã-Bretanha” (1947) “foi o surgimento do exílio político (e prisão) de Oswald Mosley, líder da União de Fascistas da Grã-Bretanha na década de 1930. O panfleto foi escrito como uma polêmica de um momento político particular. É relativamente livre de piedade stalinista.” Quanto ao panfleto “A luta por uma imprensa livre”, o autor diz: “concluía com a afirmação de que o *Daily Worker* (periódico do PCGB) tornou-se um dos últimos canais para a circulação de opinião livre, o único periódico a ficar entre o povo e a campanha sem princípios de mentiras e propaganda de guerra da imprensa capitalista”. Avaliado aqui como o último de uma longa, agora quase quebrada, cadeia de jornais da classe operária que remontam ao Registro Político de Cobbett, Thompson encerrou o lirismo sobre o *Daily Worker* como um farol de ‘sanidade e verdade’. Conferir: MATTHEWS, Wade. Escolas de experiência: 1956, a New Left e A formação da classe operária inglesa. Em: *História e Perspectivas*. Überlândia (1): 33-53, jan./jun. 2014, p. 121-5.

⁴⁴ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989. (v. 3) p. 438.

⁴⁵ Ibidem, p. 326-7.

no jornal *Poor Man's Guardian*, de novembro de 1831, em que Joseph Swann é inquirido pelo *magistrado*, está presente no panfleto *A luta por uma imprensa livre* e, tal e qual, n'A *formação da classe operária inglesa*. Swann teve uma “[d]as sentenças mais longas sofridas por um jornaleiro”, como acrescido no livro de 1963. Ao todo, foram dois anos e seis meses de cárcere. “Sua mulher também foi presa por pouco tempo (por continuar a vender os panfletos); ela e seus quatro filhos sobreviveram com uma pensão paroquial de 9 xelins por semana e algum auxílio de Carlile e Cobbett.”⁴⁶

A jornaleira Susannah Wright também é processada naquele período por vender os panfletos de Carlile, nos quais denuncia a realeza e o clero, causa dos males sociais. Tal é o argumento da escrita de Thompson no panfleto de 1952 e retomado em *A formação*. Susannah Wright, sozinha com o filho recém-nascido, fez sua defesa, pedindo permissão para amamentar. Vilipendiadas e perseguidas socialmente ou pela imprensa que as consideravam prostitutas, mulheres como Susannah forjaram sua consciência política. Com ela estavam muitas outras, mais fortes que frágeis, por vergadas que as quisessem, por maior que fossem as desonestidades da letra oficial. Quando, em um breve intervalo, Susannah Wright saiu do Tribunal para amamentar, foi saudada por milhares de pessoas. Já encarcerada com o filho de seis meses, conta-se que foi visitada por muitas mulheres.⁴⁷ Nos versos de William Blake, a quem Thompson dedicaria posteriormente um volumoso estudo, encontramos o espírito radical destas mulheres: “Criança alguma poderá ter fome/E a pobreza a nossa mente não ultraja”.⁴⁸

⁴⁶ Ibidem., p. 327.

⁴⁷ Ibidem., p. 326.

⁴⁸ “Babe can never hunger there, Nor poverty the mind appall” (Holy Thursday).

No panfleto *A luta por uma imprensa livre* nos deparamos com um grupo de 150 voluntários reunidos por Richard Carlile nos anos de 1820 – “donos de lojas e oficinas, impressores, vendedores de jornais”, “que somados tinham cumprido 200 anos de prisão”.⁴⁹ No tempo em que esteve no cárcere por divulgar paródias do Catecismo e do Credo, William Hone, um “livreiro pobre”, aprendeu os exemplos de outros parodistas blasfemadores.⁵⁰ Tais fatos também são recuperados na escrita d’*A formação*.

Richard Carlile, nos anos que passou na cadeia, continuou a editar panfletos e estava “mais provocador do que nunca”.⁵¹ Ninguém podia prender a língua de Joseph Swann e de Susannah Wright nem a de outros e outros Carliles que teimavam em subir o tom da voz. O suplício da prisão – “sem nada para se deitar” –, por mais severas fossem as penas, podiam aguçar o senso de desafio. No panfleto *A luta por uma imprensa livre*, os fatos são demonstrados por Thompson constituindo ali a matéria de seu apreço à cultura radical, assim como de sua leitura corrente dos escritos de Thomas Paine, William Cobbett e Richard Carlile. Em entrevista a Michael Merrill, no fio de leituras radicais, Thompson se referia mais tarde àqueles a quem considerava pensadores seminais: “Vico, Marx, Blake, Morris; os dois últimos mostram o inglês que sou”⁵² Quanto às influências perenes em sua

BLAKE, William. *A águia e a toupeira*. Poemas de William Blake. [introdução, seleção e trad. Hélio Osvaldo Alves]. Guimarães: Pedra Formosa, 1996, p. 50-51.

⁴⁹ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989, (v. 3) p. 320.

⁵⁰ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989, (v. 3) p. 315.

⁵¹ Ibidem., p. 318.

⁵² “Uma entrevista com E. P. Thompson” (Entrevistador: Michael Merrill). *História e Perspectivas*. Uberlândia (1): 417-445, jan./jun. 2014, p. 438.

obra, como em sua vida, podemos mencionar Mary Wollstonecraft, Christopher Caudwell, Dona Torr⁵³, Maurice Dobb, Christopher Hill, John Saville, Raymond Williams, entre outros. Thompson, por ele mesmo, dirá como se fez historiador:

*Parece-me que é algo como fazer-se poeta ou pintor; o poeta ama as palavras e o pintor ama a plástica. Eu me encontrei fascinado pela possibilidade de chegar até o fundo das coisas, por meio das próprias fontes. Adquiri o entusiasmo pelos arquivos. Suponho que isso, com a ajuda crítica dos companheiros, uma ou duas pessoas especiais e a participação do grupo de historiadores do Partido Comunista, no qual tínhamos contínuas discussões teóricas, fizeram-me historiador.*⁵⁴

Entretanto, tais reconhecidas influências não devem diminuir ou apagar a enorme repercussão, em seu fazer-se historiador, do convívio fraterno e respeitoso com trabalhadores, homens e mulheres, companheiros ao longo de 18 anos na jornada de Educação de Adultos, posto que têm voz e rosto em sua escrita militante, como é o caso de sua perspicaz reflexão sobre o autodidatismo e o gosto pelas leituras radicais.

Com seu vasto conhecimento dos arquivos e dos documentos, Edward Thompson destacaria n'A *formação* as argúcias plebeias por aprender a ler, o autodidatismo formando seu próprio cânone, o tempo da prisão ou da deportação como tempo para fazer novas leituras. Assim, trabalhadores de ofícios vários aprendem a ler a Bíblia, os panfletos de Thomas Paine ou o periódico de Cobbett: “Um sapateiro, que aprendera a ler pelo Antigo Testamento, ia se aperfeiçoar

⁵³ Sobre Dona Torr: RENTON, David. *Opening the Books: The Personal Papers of Dona Torr*. History Workshop Journal, n. 52, p. 236 – 245, Autumn, 2001. Cf. também: SAVILLE, John. (Ed.). *Democracy and the Labour Movement. Essays in Honor of Dona Torr*. London: Lawrence and Wishart, 1954.

⁵⁴ “Uma entrevista com E. P. Thompson” (Entrevistador: Michael Merrill). *História e Perspectivas*. Uberlândia (1): 417-445, jan./jun. 2014, p. 430.

com a *Idade da Razão*”.⁵⁵ Ou como na observação arguta de Raymond Williams, “não havia maneira de ensinar um homem a ler a Bíblia – intenção predominante em grande parte dos inícios da alfabetização – que também não o capacitasse a ler a imprensa radical”.⁵⁶ Em certos casos, é tão intensa a experiência da leitura da Bíblia no cárcere que, saídos dali, poderiam saber melhor que os ilustrados e ociosos juízes: “Os que foram enviados ao cárcere podiam conhecer a Bíblia melhor do que os que estavam na Magistratura, e os que foram deportados para a Terra de Van Diemen podiam pedir aos parentes que lhes enviassem o *Register de Cobbett*”.⁵⁷

No século XIX, os modos de ler eram outros e estas são, a nosso ver, as mais belas páginas de *A formação da classe operária inglesa*, antecipando sensivelmente o que se convencionou chamar de história do livro e da leitura. “Nos vales da Cadeia Penina, onde os filhos dos tecelões eram pobres demais e não podiam pagar o papel ou a lousa, aprendiam a escrever traçando as letras com o dedo numa mesa com areia por cima”.⁵⁸ Este era, a muito custo e teimosia, o *livro de areia*, imperecível, em que tudo podia ser escrito, riscado, desenhado, sem resistência à mão ou ao tempo, muito diferente daquele antigo exemplar de páginas infinitas que Jorge Luis Borges escondeu no porão da Biblioteca Nacional da Argentina.⁵⁹

“Em períodos de fermentação política”, nos conta Thompson, “os alfabetos pediam aos companheiros de trabalho que lessem os

⁵⁵ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989, (v. 3) p. 304.

⁵⁶ WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992, p. 109.

⁵⁷ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989, (v. 3) p. 438.

⁵⁸ Ibidem., p. 310.

⁵⁹ BORGES, Jorge Luis. *O livro de areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

periódicos em voz alta". Muitas eram as dificuldades do *leitor operário* daqueles anos⁶⁰, "a falta de tempo livre, o preço das velas (ou dos óculos), além das carências de formação".⁶¹ Os panfletos e os jornais reuniam os atentos círculos de leitura escutada e leituras públicas. As "folhas soltas do radicalismo plebeu" passavam de mão em mão, ecoavam de boca em boca, estampavam as paredes das ruas. Vendidos, revendidos, emprestados, roubados, copiados à mão, os impressos circulavam. Sem míseros xelins para comprar livros e tendo, antes, que saciar a fome, os panfletos, no entanto, parecem chegar mais rápido às mãos da gente comum, que, muitas vezes, tinham na venda destes a principal fonte de algum ganho material e espiritual. Os leitores não cabiam nas estatísticas de venda ou tiragem dos periódicos. Ler é também ouvir ler, conversar, ir ao *teatro popular*, se deliciar ou se ressentir com o *cartum político*.

Espíritos como o de Edward Thompson, se pudessem ser transportados por um *túnel* ou por força da imaginação para duzentos anos atrás, ali na Grã-Bretanha, decerto, habitariam tipografias, oficinas, organizações de trabalhadores, tabernas e feiras, lendo e imprimindo manifestos, panfletos e verbos de sedição, garantindo inimigos entre a Coroa, a *gentry* e os açambarcadores dos mercados e dos grãos. A prisão, o trabalho forçado nos navios e nas colônias, o cidadafalso e toda desgraça de penas e terror estavam reservadas a estas vozes sediciosas para quebrar-lhes o espírito. Assim aconteceu com homens e mulheres que resistiram com seus Planos de Libertação.

⁶⁰ Sobre os *modos de ler* na Inglaterra do século XIX, conferir AL TICK, Richard. *The English Common Reader: A Social History of the Mass Reading Public 1800-1900*. Colombus: Ohio State University Press, 1998.

⁶¹ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989, (v. 3) p. 305.

A imaginação e a rigorosa e radical história de causas que podem ser ganhas nos servem de *túnel* ou de *trem expresso* para tal façanha. Contrários ao governo da *Besta* e a todos os *Inimigos da Raça Humana*, por mais distantes ou perdidas que possam parecer quando vividas ou quando vistas de cá, estes são os termos da *causa hereditária*⁶² – ou, desta vez com Walter Benjamin, da *tradição dos oprimidos* – e esta é a urgente agenda de Edward Thompson legada ao século XXI.

Uma atitude vital

Por disposição e ânimo, o processo de aprender e ensinar, de ensinar a aprender, de aprender a ensinar, acompanhou Edward Thompson, sobretudo nas quase duas décadas em que se dedicou à tutoria de literatura e história nos cursos noturnos na Universidade de Leeds, em seu programa com a Associação Educacional de Trabalhadores – WEA. O trabalho docente de Thompson na educação de adultos pode ser observado a partir de inúmeros testemunhos de seus alunos trabalhadores que enfatizam o estímulo aos debates, à produção de textos, ao trabalho na construção de seus próprios repertórios de fontes, como presente na recordação de Peter Thorton, um dos alunos:

*As aulas de Edward Thompson (...) tinham esse efeito de fazer com que você percebesse que a história não era algo separado e à parte; ela era uma progressão da qual você era parte. Eu sempre sentia isso. E quando ele tratava de coisas como os tecelões manuais de Yorkshire, os luditas, o desenvolvimento social da revolução industrial nesta parte do mundo, você muito rapidamente percebia o quanto você e a sua gente eram parte daquilo.*⁶³

⁶² Ibidem., p. 306.

⁶³ SEARBY, P.; RULE, J.; MALCOLMSON, R. “Edward Thompson as a teacher: Yorkshire and Warwick”. In: RULE, J.; MALCOLMSON, R. (Ed.). *Protest and survival: the historical experience, essays for E. P. Thompson*. London: The Merlin Press, 1993, p. 17. Apud MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do*

Aos seminários com seus estudantes, Thompson convidava historiadores como Asa Briggs, John Saville, Eric Hobsbawm, Raphael Samuel, Keith Thomas e Royden Harrison.⁶⁴ Naquelas aulas, estava “na escola de seus alunos”.⁶⁵ No final dos anos de 1940, como destacado em um relatório interno de Leeds, Thompson aprendera tanto quanto havia ensinado.⁶⁶ No seu tempo e à sua maneira, Thompson olhava com os olhos de William Cobbett que, mais de um século antes, esteve na escola de seu povo: “Sempre digo que tirei do povo dez vezes mais luz do que comuniquei a eles”.⁶⁷ A urgência e a pertinácia

materialismo histórico. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2012, p. 31. TAYLOR, Richard. (Ed.). *Beyond the Walls. 50 Years of Adult and Continuing Education at the University of Leeds, 1946-1996*. Leeds: The University of Leeds, 1996 (especialmente os artigos de David Goodway e Andy Croft, sobre a tutoria de Edward em classes, respectivamente, de História, nas quais radicariam os embriões de *A Formação da Classe Operária Inglesa* e Literatura, em que eram estudados autores de *Os Românticos*).

⁶⁴ SEARBY, P.; RULE, J.; MALCOLMSON, R. “Edward Thompson as a teacher: Yorkshire and Warwick”. In: RULE, J.; MALCOLMSON, R. (Ed.). *Protest and survival: the historical experience, essays for E. P. Thompson*. London: The Merlin Press, 1993. p. 1-23. Apud FURTADO FILHO, João Ernani. *No calor da guerra fria: E.P. Thompson e a luta nuclear*. Fortaleza: Imprensa Universitária (UFC), 2017, p. 34; FIELDHOUSE, Roger. “Thompson: the adult educator”. In: TAYLOR, Richard; FIELDHOUSE, Roger. (Ed.). *E. P. Thompson and english radicalism*. Manchester: Manchester University Press, 2013.

⁶⁵ BEYNON, Huw. “E. P. Thompson e o Socialismo humanista”. In: BOURDIEU, Pierre (ed); MICLEI, Sergio (Org). *Liber* 1. São Paulo: Edusp, 1997, p. 160.

⁶⁶ FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi; FONTES, Paulo; “Peculiaridades de E. P. Thompson”. In: THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2012, p. 26.

⁶⁷ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989, (v. 3) p. 349-356. Ver também Bryan Palmer: “Thompson explora os caminhos pelos quais o posicionamento e a transformação da consciência de classe, e a subsequente política do desafio revolucionário, foi alimentada por radicais — Cobbett, Hunt, Owen, Bronterre O’Brien, entre outros — e reforçada brutalmente pela repressão, por meio de eventos como Peterloo. Em seu estudo sobre o impacto de radicais como Cobbett, não surpreende que ele enfatize o valor da argumentação. “Cobbett”, Thompson observou, ‘trouxe o ritmo da fala de volta à prosa; mas de uma fala categoricamente enfática, argumentava’. Como Thompson, Cobbett também valorizava o debate, defendendo ‘o Povo, ou a gente comum’, como eles gostavam frequentemente de ser chamados pelas vozes do Establishment, da afirmação de que eles eram ‘incapazes de compreender o argumento’. ‘Qual argumento?’, indagou um beligerante Thompson.” PALMER, Bryan D. “A História enquanto debate: a análise contestadora de ‘A Formação da Classe Operária Inglesa’”. In: *Revista Mundos do Trabalho*,

de sua ação no âmbito de programas de educação de trabalhadores são observadas em inspiradora síntese de João Ernani:

Em cursos de História e Literatura no âmbito de Programas de Educação de Adultos, Thompson salientou o quanto o trabalho em sala de aula e para além dela deveria ser um processo mútuo de ensino e aprendizagem; denunciou os hiatos entre educação e experiência, bem como os laivos de paternalismo ou receio em relação à cultura popular; criticou o entendimento da educação como apenas um meio de mobilidade social e desnaturalizou a associação entre sucesso, prestígio profissional e valor humano.⁶⁸

Sobre os hiatos entre educação e experiência, também como marcas da secular exclusão dos pobres do campo e da cidade aos bens do espírito, às escolas e aos livros que nos libertam das enormes servidões, como dizia nosso Mestre Antônio Cândido, encontramos no Brasil um quanto destes processos de auto-formação e mútua aprendizagem no que-fazer do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST e já aproveitamos para firmar aqui nossa comovida homenagem à experiência internacionalista de educação realizada na Escola Nacional Florestan Fernandes, em Guararema, São Paulo.⁶⁹

Os dois panfletos que ora publicamos em edição fac-símile – *Ameaça Fascista à Grã-Bretanha* e *A luta por uma imprensa livre* –,

vol. 5, n. 10, julho-dezembro de 2013, p. 33.

⁶⁸ FURTADO FILHO, João Ernani. *No calor da guerra fria: E.P. Thompson e a luta nuclear*, Fortaleza: Imprensa Universitária (UFC), 2017, p. 35; Sobre a reflexão de Thompson acerca do processo de ensino e aprendizagem, conferir o ensaio “Educação e experiência”, publicado em THOMPSON, E. P. *Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 11-47. Outras reflexões sobre um Thompson educador podem ser lidas na seguinte coletânea: BERTUCCI, Liane Maria; FARIA FILHO, Luciano Mendes; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. *Edward P. Thompson: história e formação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

⁶⁹ Uma reflexão sobre E. P.Thompson no MST em: STROZAKE, Janaina. “A práxis do Movimento Sem Terra em diálogo com E. P. Thompson: leituras e interpretações”. In: BÓSI, Antonio de Pádua; SOUZA, Aparecida Darc de; MORAIS, Sérgio Paulo. *E. P. Thompson: história, educação e presença*. São Paulo: Edições Verona, 2018.

acompanhada da sensível tradução de João Ernani Furtado Filho, participam da trajetória de Edward Thompson como um intelectual público, um intelectual radical que, na magnífica obra historiográfica, nos panfletos, nas polêmicas, na literatura, na poesia, na intensa jornada militante, interpela a nos convertermos em “agentes peligrosos” à “sociedad capitalista”.⁷⁰

Sua presença, ainda que descontínua, como professor universitário, pode nos motivar também a perceber sua disposição à resistência ativa, fortalecendo os grupos dissidentes em determinados embates na vida acadêmica, como é o caso da revolta estudantil no campus de Warwick, em 1968, na qual Thompson, para além da firme defesa dos estudantes, retira do fato o cerne de sua oposição à direção daquela instituição. Elabora ali, em ato, “uma crítica da influência em grande escala de empresas na vida da Universidade”⁷¹. Do episódio resultaria a publicação *Warwick University Ltd.: Industry, Management, and the Universities* (1970), quando a escrita de alerta é precisa: “a questão não era apenas o que havia acontecido em Warwick, mas o risco que as universidades, em geral, corriam de perder a sua tradicional independência e serem controladas pelo capitalismo industrial”⁷².

As críticas de Thompson às instituições acadêmicas procedem também de sua participação nos grupos de afinidade intelectual extra universitários nos quais a camaradagem e um repertório de leituras

⁷⁰ THOMPSON, E. P. “El socialismo y los intelectuales” In: *E. P. Thompson: Democracia y Socialismo*. Edición crítica Alejandro Estrella; prólogo Bryan D. Palmer; traducción América Bustamante Piedragil. México: UAM, Unidad Cuajimalpa, 2017, p. 92.

⁷¹ DWORKIN, Dennis. “E. P. Thompson: historiador militante, militante historiador” In: *História e Perspectivas*. Uberlândia (1): 33-53, jan./jun. 2014, p. 105.

⁷² Ibidem., p. 105.

em comum poderiam resultar em revistas, debates, grupos editoriais desde o fortalecimento do princípio de ajuda mútua.

O intercâmbio, tanto sério, quanto informal, com os companheiros socialistas ajudou-me mais do que tudo que havia encontrado em Cambridge. Não quero, com isso, dizer que não se pode, afortunadamente, encontrar em certas ocasiões algo na universidade, mas se trata de sublinhar que os intelectuais socialistas ajudaram-se de forma mútua. Não devemos depender das instituições, por benévolas que sejam, mas, sim, ter grupos em que se fale de teoria e história, nos quais existam críticas mútuas. O princípio de se poder fazer e receber duras críticas é muito importante.⁷³

Tal reflexão se desdobra em suas considerações acerca da necessária retomada dos coletivos intelectuais de matriz socialista e, portanto, desapegados do estrito vínculo às instituições formais, como bem expressa na conhecida (e muito atual) entrevista a Michael Merrill, de 1976.

Necessitamos de revistas de história radical e tudo isso, mas também necessitamos de revistas com abordagens amplas que contribuam e que polemizem entre os historiadores, filósofos, economistas e ativistas políticos. Acredito ser possível fazer isso. Afinal, existem pessoas suficientes. O que os socialistas não devem nunca fazer é permitir-se depender inteiramente de instituições estabelecidas: editoras, meios de comunicação comerciais, universidades, fundações. Não quero dizer que todas essas instituições são repressivas: desde já, estas podem fazer muitas coisas positivas. Mas os intelectuais socialistas devem ocupar um lugar sem condicionamentos; ter suas próprias revistas, seus próprios centros teóricos e práticos; lugares onde ninguém trabalhe para requerer títulos catedráticos, mas para a própria transformação da sociedade, lugares onde seja forte a crítica e a autocrítica, mas também a ajuda mútua e o intercâmbio de conhecimentos teóricos e práticos, lugares que prefigurem, de certo modo, a sociedade do futuro.⁷⁴

⁷³ “Uma entrevista com E. P. Thompson” (Entrevistador: Michael Merrill). *História e Perspectivas*. Uberlândia (1): 417-445, jan./jun. 2014, p. 430.

⁷⁴ Ibidem., p. 445.

Sua reflexão aqui parece espelhar a recusa em tornar-se um intelectual estabelecido, o que se torna ainda mais evidente para a conjuntura dos anos de 1970, com o ascenso do projeto ultraliberal implementado à risca na Grã-Bretanha. Neste ponto, é tão esclarecedora quanto atual a afirmação de Josep Fontana⁷⁵ acerca da função de porta-voz do capital e da agenda ultraliberal e regressiva de Margaret Thatcher, inclusive, querendo varrer das escolas inglesas o ensino da história social progressista:

En Gran Bretaña se hizo un esfuerzo deliberado por transformar la enseñanza de la historia en las escuelas, publicando unos programas unificados de los que se quería eliminar cualquier rastro de la vieja historia social progresista. La propia señora Thatcher, que intervenía personalmente en estos debates, no dudó en expresar sus objetivos ante la Cámara de los Comunes: “En lugar de enseñar generalidades y grandes temas, ¿por qué no volvemos a los buenos tiempos de antaño en que se aprendían de memoria los nombres de los reyes y las reinas de Inglaterra, las batallas, los hechos y todos los gloriosos acontecimientos de nuestro pasado?”⁷⁶

A anti-lição da Sra. Thatcher, certamente recolhida também do vocabulário de seu assecla Augusto Pinochet, da sangrenta ditadura no Chile⁷⁷, é hoje ecoada no Brasil quando o capitão fascista na

⁷⁵ Em entrevista de 2016, Josep Fontana dimensiona uma *atitude vital*: “Thompson fue muy importante para mí. No sólo por sus libros, sino por su comportamiento en la vida y en la investigación histórica. Le conocí personalmente y eso me ayudó a entenderle. Lo que sigue vivo de Thompson es, sobre todo, su forma de acercarse a los problemas, de buscar las respuestas en un diálogo entre concepto y dato empírico, sin aceptar la existencia previa de un cuerpo de doctrina que condiciona la investigación. Pero también, como he dicho, lo valoro por su actitud vital: se mantuvo siempre al margen de los escalafones académicos y dedicó muchos años a participar en las campañas por la paz.” Conferir: “Historiografía y Política: Entrevista con el prof. Josep Fontana (Entrevistador: Marcello Felisberto Morais de Assunção – UFG)”. In: *Revista de Teoria da História*, Volume 16, Número 2, Dezembro/2016, p 262.

⁷⁶ FONTANA, Josep. “La formación de E. P. Thompson” In: *História e Perspectivas*. Uberlândia (1): 33-53, jan./jun. 2014, p. 28.

⁷⁷ No ano de 1973 Thompson escreveu o poema *Homage to Salvador Allende*. THOMPSON, E. P. *Collected Poems*. (Edited por Fred Inglis). Newcastle upon Tyne: Bloodaxe Books, 1999, p. 78-79.

presidência da república, atordoado com o vigor da juventude estudantil na rua, quer decretar a inutilidade das ciências humanas. Em momentos agudos de furor autoritário ou fascista no século XXI, quando as instituições escolares e universitárias públicas se tornam um dos alvos preferenciais do combate anti-intelectual; quando as práticas educativas e as Escolas do Campo, em centenas de Assentamentos do MST se encontram sob rude ameaça; quando o pensamento de Paulo Freire é afrontado pela ignorância máxime de quem nunca o leu; a vida militante do grande historiador pode nos ajudar a ouvir seu convite:

*Nuestro autor invitaba a los propios socialistas a que estuvieran atentos a todos aquellos espacios y encuentros donde en ese mismo momento se estaba generando ya energía socialista. Tras este llamado late la convicción del potencial rebelde de cada ser humano concreto. El socialismo de Thompson es indisoluble del humanismo y se entrelaza con el mito de Prometeo: la utopía de una humanidad que no se resigna a la fatalidad de las circunstancias o de lo intolerable y que lucha de manera colectiva por hacerse dueña de su destino.*⁷⁸

Fixamos aqui, quase ao final desta escrita, a palavra de outro grande historiador, Josep Fontana, que sabia tão bem o vocabulário de Thompson e ajuizava que suas reflexões estão relacionadas àquele “espíritu que recorría Europa, aquella aspiración a una democracia social plena nacida al calor del antifascismo”. E das reflexões de Thompson “sacaba una gran esperanza para el futuro, si éramos capaces de recuperar los viejos valores de aquel antifascismo. ¿Sería posible?” Para

⁷⁸ ESTRELLA, Alejandro. “Estudio Introductorio”. In: E. P. Thompson: *Democracia y Socialismo*. Edición crítica Alejandro Estrella; prólogo Bryan D. Palmer; traducción América Bustamante Piedragil. México: UAM, Unidad Cuajimalpa, 2017, p. 61-62.

Thompson, esta não é uma pergunta que podemos fazer à História. É agora, em nosso tempo, uma pergunta que a História nos faz.⁷⁹

E concluímos com Josep Fontana nos convidando à leitura de E. P. Thompson, como um apelo à resistência ativa pois suas “palabras que tienen plena validez hoy (...) cuando todas las conquistas sociales que se habían logrado en dos siglos de luchas colectivas están amenazadas por una nueva y más insidiosa forma de fascismo”⁸⁰

Fortaleza, Ceará, no 15 de maio de 2019.

⁷⁹ THOMPSON, E. P. *Más allá de la frontera. La política de una misión fracassada: Bulgaria*, 1944. (Traducción de Teresa Palomar). Barcelona: El Viejo Topo, 2012, p. 129.

⁸⁰ FONTANA, Josep. “La formación de E. P. Thompson” In: *Historia e Perspectivas*. Überlândia (1): 33-53, jan./jun. 2014, p. 31.

AMEAÇA FASCISTA À GRÃ-BRETANHA

E. P. Thompson

1947

Desde que a guerra acabou nós todos estivemos mais ou menos ocupados cuidando de nossos próprios afazeres. Quando aquele deprimente cogumelo de fumaça dispersou-se de Nagasaki nós retornamos com um alívio estremecido de volta à tarefa de juntar os pedaços de nossas vidas no ponto em que fomos forçados a largar. Agora a crise clama um esforço de todos nós para recuperar a nação¹.

Mas durante esse tempo uma outra gangue de pessoas também esteve bastante ativa – os fascistas Britânicos.

Embora eles tenham feito uma ou duas aparições espetaculosas as suas principais atividades têm sido reservadas e sigilosas. Para cada

¹ N.T.: Na segunda página do panfleto, constam os seguintes dados biográficos: “O autor, Edward P. Thompson, é o irmão do Major Frank Thompson, executado por fascistas búlgaros durante a guerra, e o filho de Edward Thompson, celebrado escritor e historiador. Edward Thompson tem 23 anos de idade. Ele filiou-se ao Partido Comunista em 1942 enquanto estava em Cambridge estudando história. No mesmo ano, ele foi eleito Presidente do Clube Socialista da Universidade de Cambridge. Seu serviço de guerra, que se estendeu de 1942 a 1945, incluiu atividades no Norte da África, Itália e Áustria. Ele combateu como líder de uma tropa de tanques de Cassino ao Vale Po. Após a guerra, ele retornou à Cambridge e conquistou um diploma de guerra em história com honrarias de primeira classe. Em 1947 ele visitou a Bulgária com sua mãe como convidados de honra do Primeiro-Ministro, Georgi Dimitrov, e do governo búlgaro”. Na parte inferior da mesma página, há a descrição da imagem da capa: “No alto: Antes da guerra, fascistas tentam marchar através do East London, são protegidos pela polícia, mas são impedidos por Londrinos furiosos. Abaixo: Mosley posa em Roma com os criminosos fascistas de Mussolini”.

ocasião em que um fascista tiver francamente se mostrado, você pode estar certo de que houve semanas de trabalho precavido. Antigos apoiadores nos negócios e na vida política, nos altos escalões dos Serviços, nos jornais locais e nacionais, e entre os cafajestes e exploradores da alta sociedade foram contatados uma vez mais. Têm sido estabelecidas conexões de “grupos de estudos” ou “grupos de ex-militares” de idiotas e criminosos.

Agora essas pessoas têm tido a audácia de vir (apenas parcialmente) a descoberto com uma organização nacional.

Sir Oswald Mosley tem formado uma nova “União” Britânica.

Os “Sentinelas da Morte” em ação

Você não precisa dizer-me estar enjoado e cansado da palavra “fascismo”. O mundo inteiro está enojado e exausto disso. A terra está azeda pelo sangue que foi derramado. Nós deveríamos, ao invés, esquecer as tragédias da guerra e continuar com nossos próprios ofícios.

Isto é exatamente o que os fascistas querem que façamos.

Estou escrevendo este panfleto porque acredito que essa reativação da atividade fascista nas ruas de nossas próprias cidades é uma preocupação pessoal para cada um, tanto quanto nossos trabalhos, os labores domésticos ou nossos planos privados. E é este caso com o qual devemos lidar *primeiramente*, porque se não o fizermos então todos os outros planos para o futuro não fazem sentido.

Não insinuo que Sir Oswald Mosley chegará ao poder amanhã. Mas eu sei que em questão de semanas o movimento dele pode trazer o terror físico e psicológico à vida de milhares. Nada lembra melhor

os Fascistas que o Besouro Sentinela da Morte². Sem cansaço eles atacam as vigas mestras de nossa sociedade até que todo edifício esteja tão infestado e enxameado que a estrutura desmorona na cabeça das pessoas. Desde que seja permitido a eles trabalhar, o escaravelho está em nossos próprios lares e em nossos próprios futuros. Eles são capazes de derruírem o conjunto da civilização no seu intento de agarrar o poder.

De volta à Besta

Existem muitas coisas que tomamos como garantidas todos os dias, quando lemos nosso jornal favorito ou arejamos nossa cabeça nos botequins. Nós tomamos como garantidas liberdades pelas quais os homens já lutaram, morreram ou foram encarcerados por muito tempo. Nós tomamos como garantidos padrões comuns de comportamento entre nossos concidadãos – nós não esperamos, por exemplo, ser parados por uma corja de bandidos e ser chutados até a morte nas ruas. Nós tomamos como conquistada a civilização.

Mas a história da humanidade é salpicada de civilizações que ruiram. Algumas pereceram tão completamente que devemos procurar por rastros seus entre o entulho há muito queimado ou cacos de cerâmica.

Foi em nosso próprio tempo que os indícios de uma nova grande civilização mundial começaram a aparecer. As pessoas comuns de todos os lugares começaram a aprender como podiam elas mesmas tomar os controles da história e guiar seus próprios futuros. Grandes

² N.T. Trocadilho com o nome do besouro “Deathwatch” (*Xestobium rufovillosum*). Em português, uma aproximação possível, ainda que perdendo-se o rigor taxonômico, seria com o “rola-bosta”.

descobertas científicas tornaram mais próximo um alto padrão de vida para pessoas do mundo todo. O futuro prometia ser estável, uma civilização mundial avançando de resistência em resistência, pois baseada não sobre guerras agressivas e exploração, mas sobre a livre-expressão do desejo de homens e mulheres trabalhadores. Nós paramos no limiar do êxito.

E nesse momento a civilização foi atacada por um barbarismo mais brutal e homicidas a sangue-frio maiores que qualquer um registrado nos anais do homem.

Isso não é exagero. Isso é um fato, e é um fato que todos nós conhecemos.

As pessoas de Londres e Coventry podem dar seu testemunho. O mesmo para as pessoas de Lídice. De Guernica. De Kiev e Leningrado.

Através da Europa e da Ásia câmaras de gás e covas em massa foram abertas, famílias foram desmembradas, sindicatos e liberdades a duras penas conquistadas foram sangrentamente erradicados, nossa herança cultural foi conspurcada e ardeu em chamas. As árvores nos parques das belas cidades foram transformadas em forcas, coturnos marchavam indo e vindo debaixo das janelas à noite.

Essa barbárie era a barbárie do fascismo. Fascismo pode apresentar-se sob diferentes disfarces. Mas é sempre a mesma coisa, quer seja na Alemanha, Japão ou Inglaterra. Ele usa os mesmos métodos brutais. Ele esgrima os mesmos ódios. Ele está sempre voltado contra as pessoas. Seus seguidores são treinados para agir como bestas mais que como gente. Se eles tivessem vencido – e não estamos esquecendo o quão próximo eles *estiveram* disso? – uma civilização a mais, a nossa própria civilização, poderia ter perecido.

Conhecimento e arte teriam sido estrangulados. Afligidas pela de-
vastação da guerra, as pessoas oprimidas e carrancudas, a economia
do mundo teria sido sacudida até o colapso. História teria sido es-
corraçada. Em algum lugar na terra, em muitas centenas de anos, o
Homem teria iniciado novamente essa longa escalada. Isso eu acredito
ser a mais soberana verdade.

Gratidão para nós mesmos

Sabemos que nós temos que agradecer que isso não aconteceu – a
nós mesmos, e ao Exército Vermelho e aos movimentos de resistên-
cia. O que ocorreu ao invés foi glorioso e inspirador. Abandonados
frequentemente por seus líderes, com traidores em seu meio, as pes-
soas comuns do mundo enfrentaram o desafio. Na grande vastidão
da China e nas serras secas da Espanha homens e mulheres pegaram
em armas. O lema “eles não passarão” saudava os fascistas nos muros
de Madri e nas ruas de Bermondsey, aonde os camisas pretas tenta-
ram marchar. A maré fascista alastrou-se até Stalingrado, Indonésia,
El Alamein – e então as pessoas empurram-na de volta. Certamente
nós ainda não temos olvidado os dias da grande ofensiva do Exército
Vermelho, quando nos apinhávamos em torno do sem-fio para ouvir
as Ordens do Dia do Oficial Stálin, e que as pessoas de Moscou ce-
lebravam com uma salva de centenas de armas? Ou o ataque final às
casamatas fascistas em Cassino, a luta sangrenta por Caen, e o grande
salto por sobre o Reno? Ou ainda as primeiras notícias que chegaram
até nós desde a Iugoslávia, ou como os camponeses tinham defendi-
do suas montanhas arbóreas, lutando sem botas ou equipamentos, e
apenas com as armas que eles tiravam das mãos do inimigo?

Muitas pessoas tomaram parte nesse combate. Não é útil fingir que os objetivos de guerra de todos os líderes nacionais eram exatamente os mesmos, ou que cada um nas Forças Armadas Britânicas, por exemplo, concordou perfeitamente. Porém, em uma coisa cada nação e cada indivíduo estava em completa unidade. E isso era – que a guerra estava sendo travada para acabar com essa coisa, fascismo, para de uma vez por todas, esmagá-lo sem deixar sobras.

Eu lembro as polêmicas que usualmente tinhamos no Exército. Elas costumavam ser discussões acaloradas, e havia um punhado de boas opiniões sobre qualquer assunto. Contudo, quando concernia ao fascismo restava muito pouco a debater, exceto a melhor maneira de combatê-lo. E à medida que aprendemos mais sobre os Nazis então nossa determinação cresceu.

Sobre Sir Oswald Mosley e os outros amigos de Hitler na Inglaterra, nossas convicções eram muito fortes. Em geral, nós pensávamos que se Mosley e seus comparsas chegassem a causar algum problema no futuro, eles veriam o que estava guardado para eles. Mas nenhum de nós realmente imaginou que eles não teriam o descaramento de novamente dar as caras.

Mosley está solto

Nós tomamos nosso primeiro choque quando Mosley foi libertado da prisão. Vocês lembram das notícias? Elas vieram logo após a luta sangrenta para conquistar um domínio em Salerno.

Havia muita conversação sobre a inflamação em seus trombos. Foi-nos dito que ele estava “preso a uma cama”, que teria que ter uma perna amputada, e que ele precisava de “mais exercício”. De qualquer

forma, deixaram-no sair. Eu estava no estrangeiro por essa época, e eu não esquecerei o revés que a notícia nos trouxe. Nós recordamos que Hitler foi o convidado especial no casamento de Mosley.

Posteriormente eu ouvi sobre a reação dos Britânicos em casa. Milhares se reuniram em manifestações, e centenas de milhares assinaram petições demandando que Mosley fosse enviado de volta à cadeia. Organizações representando mais de dez milhões de combatentes Britânicos – incluindo a T.U.C., o Movimento Cooperativo, o Partido Trabalhista e o Partido Comunista – protestaram.

Todavia, o Secretário do Interior, Trabalhista, Herbert Morrison, preferiu confiar no julgamento de seus colegas Conservadores ao invés de no senso de justiça de uma população inteira.

Outro Ministro Trabalhista chamou a tempestade de protesto popular de “histeria da turba”.

Os fascistas estão de volta

Nós não podemos enviar Mosley de volta para onde ele deveria, mas, ao menos, nós o mantivemos acuado. Ele permaneceu bastante quieto pelos próximos poucos meses.

Eu não sei o quanto sua perna ficou melhor ou não. O que sei é que ele teve a oportunidade que desejava para planejar o reavivamento de suas atividades.

O esboço geral dos planos fascistas logo tornou-se claro. Eles surgiram não em um, mas sob vários novos disfarces. Vocês lembram como alguns deles apareceram nos noticiários. Capitão Gordon-Canning, um dos velhos oficiais de Mosley, que pagou £500 para o busto de Hitler em um leilão na Embaixada Alemã? “A Casa Real”,

o quartel-general de uma reforma cristã? Os planos de Sir Oswald Mosley de tornar-se editor? O maravilhoso 18B, “bailinho” (15 de Dezembro de 1945) no Hotel Real, em Londres, quando ouviu-se gritaria histérica por “Mosley!”, sendo feita a saudação fascista? E mais recentemente, a Liga Britânica de Ex-Militares (seu principal orador, Sr. Geoffrey Hamm, um velho condutor dos Camisas-Pretas), o qual tinha estado a vender os folhetos de Sir Oswald, mascateando as velhas mentiras fascistas e reintroduzindo os velhos métodos de bandidagem em pacatos distritos de Londres?

Agora, Mosley está unindo todos esses pequenos grupos fascistas em seu “Partido da União”.

Ele não parece em nada perturbado que seus velhos colegas dos dias da B.U.F., William (“Lord Haw-Haw”) Joyce, Amery e Cooper, tenham sido enforcados por traição.

Os fascistas tem voltado.

Alguns fatos claros

Existem algumas coisas que devemos deixar nítidas acerca dos fascistas.

1. *Fascismo não é um termo abusivo.* Ele é um termo político com um sentido exato. Ele descreve a organização e as ideias empregadas pelas mais reacionárias e viciosas seções do grande capital em seu esforço para esmigalhar as pessoas.

2. *Fascismo é anti-democrático.* Ele está aí para destruir qualquer liberdade. Foi para isso que ele veio à existência. O fascismo aflora nos últimos estágios do capitalismo. Toda vez que a classe capitalista pode manter sua posição pela manutenção do controle do Parlamento

ou dos órgãos democráticos do governo, ele fica satisfeito de fazê-lo. Mas, aonde quer que as pessoas tenham ameaçado, pelas vias democráticas, expropriar a classe capitalista e socializar os meios de produção, os açambarcadores e industriais têm chamado o fascismo em seu auxílio. Eles pagam altas somas de dinheiro para essas máfias de aventureiros e malfeiteiros para explorar a miséria que o capitalismo tem criado entre as pessoas, para semear discórdias entre os movimentos progressistas e, finalmente, para tomar o poder à força e banir todas as liberdades democráticas. Essa é a última esperança que eles têm de proteger sua própria propriedade e seus interesses.

3. O fascismo nunca atingiu o poder por meios democráticos. Não na Alemanha – Hitler foi convocado por Hindenburg, o Presidente Alemão, e manteve o poder pela cruel destruição dos Sindicatos, dos Partidos Socialista e Comunista e pelos encarceramentos e execuções em massa. Na última eleição antes de sua queda, os Nazis perderam dois milhões de votos. Não na Itália – a “Marcha sobre Roma”, de Mussolini, aconteceu em um vagão abandonado de uma ferrovia. Ele foi convocado ao poder pelo Rei e, para manter-se no poder, contou com a ajuda das forças armadas. Não na Bulgária – os fascistas tiveram o poder em 1923, através de um golpe de estado (*coup d'etat*) militar. Na luta, milhares de camponeses búlgaros e trabalhadores foram assassinados ou mandados ao exílio. Não na Espanha – Franco foi assegurado no poder pelos instrumentos e exércitos da Alemanha e Itália, por sobre os corpos da população Espanhola, enquanto o Governo Britânico “segurava o anel”. Não na Grécia – os fascistas lá foram postos no poder por tropas Britânicas e por armas e verbas Americanas. A população Grega ainda está lutando.

4. Fascismo sempre é direcionado contra as pessoas. Fascistas podem apresentar toda sorte de política ou de política contraditória ao mesmo tempo. Eles podem prometer liquidar os ricos e trazer grandes benefícios para a classe trabalhadora. Mas, a verdade é o oposto. Na Alemanha Nazista e na Itália Fascista banqueiros, milionários e industriais prosperaram, assim como fazem hoje na Espanha Franquista. Os homens que puseram dinheiros nos fundos fascistas dirigiram seus interesses para os gigantescos lucros da guerra. Os trabalhadores são aqueles que sofrem. Fascistas esmagam seu padrão de vida e banem os sindicatos e organizações através das quais eles poderiam resistir. Para as pessoas, fascismo significa o retorno à servidão.

5. Fascismo ganha e mantém poder pelo crime e pela violência. Os métodos fascistas são métodos criminosos. Fascistas não têm o hábito de costumes democráticos os quais demandam para si mesmos. Eles preferem atingir o poder por mentiras, pela disseminação de boatos, forjicações, intrigas, cartuchos de chumbo e borzeguins, assassinatos e terrorismo, ao invés de pelo debate político aberto. Assim que tomam o poder, toda a força do Estado é voltada para a bandidagem organizada. A evidência da guerra e dos julgamentos de Nuremberg tem provado isso sem contestação.

6. Fascismo almeja a guerra. A “solução” fascista para os problemas internos é voltar-se para a produção de armamentos, lançar guerras de agressão e de pilhagem a outros países e fazer escravos de suas populações.

7. Fascistas são os mesmos ao redor do mundo inteiro. Aonde quer que as condições sejam as mesmas, os mesmos males aparecem. Os fascistas têm a mesma “política”, os mesmos métodos criminosos, e

a mesma “solução” de guerra agressiva. Aonde quer que os Nazis marcharam na guerra eles encontraram traidores para vender seu próprio país para eles, ao preço de manter a população oprimida. Se eles tivessem vindo para a Inglaterra teriam encontrado traidores aqui também.

Os fascistas britânicos

Fascistas britânicos são da mesma linhagem dos fascistas Alemães ou dos fascistas Japoneses.

Eles importaram vários de seus métodos diretamente da Alemanha e da Itália – as camisas pretas, o “Heil, Mosley”, o destacamento dos barras-pesadas, a difusão de mentiras sobre os sindicatos e acerca dos judeus, e o espancamento de contestadores.

Os fascistas iniciaram suas atividades abertas na nossa última grave crise em 1930. Eles fizeram o seu máximo para explorar a miséria da nossa população durante o período de desemprego em massas, e para cegá-las a respeito das reais causas da crise.

Logo que Thyssen, Krupps, e os grandes industriais da Alemanha trouxeram Hitler de volta pelos bastidores em sua ascensão ao poder, então várias lideranças da aristocracia Britânica e da indústria estiveram associadas a Mosley. O *Daily Mail*, em 1934, conduziu uma campanha publicitária em favor dos fascistas, e o último Lord Rothermere contribuiu com um editorial intitulado “Hurrah aos Camisas Pretas”.

Graças ao modo como a população Britânica revidou contra os ataques de Mosley e seus capangas, os fascistas não foram capazes de fazer aqui o que seus primos lograram na Alemanha. Mas Mosley

foi sempre mantido nos arredores pelos capitalistas, os quais sabiam que poderiam precisar novamente dele.

Agora, com o término da guerra, um Governo Trabalhista está no poder. Nós estamos rapidamente nos aproximando de uma crise econômica mais grave que qualquer outra em nossa história. Nós temos tempos muito difíceis pela frente se quisermos emergir como nação forte e independente. Os trabalhadores da Grã-Bretanha estão crescentemente reivindicando que seu Governo tome medidas severas contra os grandes banqueiros e industriais, e para confrontar a crise pela transferência dos meios de produção para as mãos das pessoas.

Você imagina ser um acidente que esse seja o momento exato que os fascistas escolheram para retomar suas velhas atividades?

A crise

Com certeza, isso não é um acidente. Esse é o momento preciso no qual poderíamos esperar que os fascistas renovassem suas atividades. Vamos olhar para algo da propaganda que os fascistas estão vociferando de seus palanques.

1. *Uma demanda por uma liderança forte.* (Mosley é, às vezes, aventureiro como um líder “forte”. Deus sabe o porquê. Quando ele permaneceu como candidato em Smethwick, antes da guerra, seu pai escreveu uma carta à imprensa que Oswald “nunca tinha tido um dia de trabalho honesto em sua vida”). Nós deveríamos saber o que eles entendem por isso agora. O líder “forte” que eles ambicionam é alguém que irá atacar sem piedade os sindicatos e o movimento trabalhista e suprimir toda liberdade de pensamento e expressão. As pessoas desejam uma liderança forte. Mas, não desse tipo. Eles almejam

lideranças escolhidas dentre eles mesmos e que prestem contas a eles próprios, das oficinas e das minas. Eles querem guias que, acima de tudo, sejam devotados à causa da liberdade e que lutem com determinação pelos interesses da população, revidando rudemente a sabotagem dos fascistas e os interesses escusos.

2. Berros sobre a burocracia e restrições. Nós sabemos disso, porque é o mesmo que a linha Conservadora (Tory). Burocracia é uma coisa abominável, e quanto menos dela, melhor. Porém, os fascistas querem substituí-la apenas por uma aristocracia da candidagem, perseguição-vermelha ao invés de tapete vermelho. A solução real para a burocracia é dar aos representantes da classe trabalhadora uma porção maior e melhor na condução do campo e da indústria.

3. Ataques violentos a cidadãos judeus. Essa é uma importação da qual podemos prescindir muito bem nesses tempos de crise – uma importação Nazi. Todo mundo sabe que esse é apenas mais um truque para pôr a população Britânica para olhar por sobre seus ombros (como muitos trabalhadores Alemães fizeram em 1933) de modo que os fascistas possam nocauteá-los. A maior parte do que os fascistas dizem do poder financeiro dos Judeus Britânicos é absolutamente falso. É o capital Judeu que está dominando a política Britânica agora? Ou é o Americano? São os Judeus que estão demandando a suspensão dos controles de preços, o congelamento dos salários, o corte dos serviços sociais e o rebaixamento do nosso padrão de vida? Ou são os Conservadores (*Tories*)? A vasta maioria dos Judeus Britânicos é de nossos vizinhos que trabalham duro. Eles trabalham na bancada próxima ou na poltrona ao lado. Eles lutaram no mesmo destacamento e esquadrão que nós, na guerra, e agora, muitos deles jazem mortos

no estrangeiro. Enquanto estávamos lutando, nós nunca nos afigimos em perguntar se eles eram Judeus ou não. Se eles fossem antifascistas, isso já estava bom o suficiente. Uma reflexão momentânea irá mostrar a falta de sentido que essa propaganda fascista é – e a obscenidade doentia que isso é, vindo, como vem, da boca de muitos dos ex-18B detidos. Os Nazis massacraram mais de 6 milhões de Judeus durante a guerra. Isso não é suficiente?

Eles escondem a verdade

Uma coisa é clara sobre a propaganda fascista. Ela pretende dividir o movimento progressista e desviar a atenção das pessoas a respeito das causas reais da crise.

A crise não é causada pelas finanças Judias ou pelas restrições. Ela é produzida por causas bem mais profundas que essas.

É a culminância de um processo que tem sido desenrolado desde muitos anos passados. É o resultado de todos os anos de mandato Conservador antes da guerra e a negativa capitalista de equipar nossas indústrias com maquinário moderno. Agora, estamos sendo ameaçados pela ganância dos grandes negócios Americanos, o qual está a capturar mercado após mercado.

Acima de tudo, a crise instalou-se porque nós não temos ainda uma economia planificada Socialista. Somente com um mais grandioso planejamento e com ataques vigorosos aos exploradores a crise será resolvida.

Isso é exatamente o que os fascistas estão tentando ocultar das pessoas.

Isso é assunto de todo mundo

Os fascistas são uma perigosa ameaça em nosso país.

Eles são como uma epidemia de cólera, que começa com poucos casos isolados. Se a população Britânica quiser ir para a cova só lá para a frente, e preservar intactas suas liberdades, os fascistas devem ser parados. Mas, o Governo e as pessoas têm que tomar medidas imediatas contra eles.

Contudo, primeiramente, vamos atentar para algumas das objeções que são aventadas toda vez que é sugerido que os fascistas e suas atividades devem ser banidos.

Essas objeções provém de várias fontes. Elas são alardeadas em certas sessões da imprensa Conservadora.

Elas emanam também de alguns líderes do Governo Trabalhista, que ainda não aprenderam as lições dos eventos na Europa.

1. *A polícia ainda tem poderes suficientes para lidar com eles.* Se eles têm, devem usá-lo. Se eles não têm, devem ser fornecidos os poderes de que precisam. O caso “Caunt” tem mostrado que não existem poderes capazes de impedir o Antissemitismo editorial, ainda que provocativo. Apenas um punhado de fascistas tem sido advertido pela polícia ou detido por seus incitamentos. Por outro lado, um bom número de Ex-Combatentes antifascistas tem sido levado a julgamento por protestar e manifestar-se nos encontros deles. Quando os fascistas cometem violência, a polícia não toma nenhuma providência até *depois* que ela tenha sido perpetrada. Eles têm que achar os culpados. De fato, quando judeus idosos foram espancados no East End Londrino, antes da guerra, costumeiramente acontecia que a polícia não conseguia achar os delituosos. Na grande concentração

em Olympia, em 1934, muitos opositores foram jogados porta afora sangrando e gravemente feridos. Eles caíram aos pés da polícia. A polícia explicou que eles não podiam fazer nada, uma vez que o encontro acontecia em uma propriedade privada e que eles “não tinham visto nada”. Está bem claro que os fascistas recepcionam a polícia em suas manifestações – não como uma advertência, mas, feito uma proteção contra o justiçamento das pessoas. Assim fizeram os Nazis.

2. Fascistas são excêntricos. Se não dermos atenção a eles, logo eles desistirão. Muitos fascistas são excêntricos. Eles são homens com rancores, com complexos de inferioridade ou com processos criminais. Uns poucos são idealistas mal guiados. Mas, eles não são menos perigosos por serem desonestos e mal-humorados. Foi de uma quadrilha como essa que Mussolini e Hitler erigiram uma organização perigosa. Deles receberam adoração incondicional e obediência. Usavam deles como porta-vozes de suas mentiras e agentes de seu terror. De fontes influentes eles conseguiam o dinheiro para financiar tais tropas de arruaceiros. Assim que eles chegaram ao poder, muitos de seus próprios seguidores foram rapidamente assassinados. Lembre-se que os métodos fascistas são métodos criminosos. Se eles não amealham atenção berrando através de alto-falantes, então, eles vão espancar os passantes até que consigam. Quanto mais os cidadãos honestos ignoram eles, mais eles infiltrar-se-ão no conjunto de nossa sociedade e prontos para uma tomada de poder.

3. Eles têm o direito de expressar seus próprios pensamentos. Tem mesmo? Nós não permitimos a um maníaco homicida correr livremente para cima e para baixo de nossas ruas à noite. Por que deveríamos dar aos fascistas a liberdade de destruir nossa sociedade? As liberdades do

povo Britânico de expressar seus pensamentos e de escrever o que ele quiser são liberdades gloriosas. Elas não estão consignadas na Carta Magna ou garantidas daqui para a frente. Elas foram conquistadas dos capitalistas após acirrados confrontos das pessoas. Por homens como Thomas Hardy, o sapateiro, e Richard Carlile, o vendedor de livros. O direito de voto foi alcançado pelos Cartistas e seus sucessores, pelos trabalhadores dos cotonifícios de Lancashire, os quais se encontravam em manifestações iluminadas com tochas nos ancoradouros, e os mineiros de South Wales (Gales do Sul), que silenciosamente treinavam com armas caseiras à noite. O direito de organização e de greve foi ganho após anos de combate, prisões e quase fome de centenas de milhares de trabalhadores. Essas liberdades que já amealhamos são dignas de cuidado. Nós devemos defendê-las com obstinação inflexível. Nós devemos negá-las aos Fascistas.

4. Muitos dos problemas são causados pelos Comunistas. Nenhum grande prêmio é oferecido se você adivinhar de que fonte essa narrativa aparece. Ela vem dos Conservadores e dos amigos dos fascistas. O objetivo desses loroteiros é apresentar as atrocidades fascistas como nada mais que parte da querela privada entre eles e os Comunistas. Os pobres fascistas são “tolinhos” que podem ser bastante inofensivos quando não são provocados e enfurecidos pelos mal-educados Comunistas que fazem perguntas nos seus encontros. Esses escritores algumas vezes dão um passo além e aplaudem os fascistas por enfrentarem a “ameaça Comunista”. Os fascistas são muito gratos por essa propaganda, uma vez que queda perfeitamente alinhada com a sua própria. Exatamente por essa propaganda as forças progressivas na Alemanha foram despedaçadas, e os Nazis entraram em

enxurradas através das brechas. Certamente, nós Comunistas, não estamos envergonhados de nosso histórico de combater o fascismo. Em qualquer parte do mundo, os Comunistas têm estado entre os primeiros a resistir à barbárie fascista e em defender a população. Nós temos perdido muitos de nossos melhores camaradas, torturados até a morte em campos de concentração, fuzilados por pelotões de execução e mortos nas montanhas cobertas de neve entre os guerrilheiros. Os Comunistas Britânicos estão entre os primeiros a resistir aos Camisas Pretas daqui. Muitos dos voluntários Britânicos que foram combater os fascistas na Espanha eram membros de nosso Partido. Porém, sabemos que o antifascismo não é um monopólio dos Comunistas, assim como sabemos que os fascistas não aterrorizam somente os Comunistas, mas, todos os democratas. Sabemos muito bem que alguns dos mais bravos antifascistas terão discordado de nós acerca de outras de nossas visões. Agora, uma vez mais, nós não somos as únicas pessoas que estão exigindo que as atividades fascistas sejam paradas. Muitos setores Trabalhistas e dos movimentos sindicais estão reivindicando o mesmo. Vários Conselhos Distritais já protestaram junto ao Ministro do Interior. Assim também como muitos legisladores Trabalhistas. No Congresso das Associações Sindicais, em que oito milhões de trabalhadores estavam representados, o Conselho Geral foi instruído a apresentar exigências estritas ao Governador. Você que está lendo isso pode ser um apoiador, Trabalhista, Liberal, Conservador ou Comunista. Você pode ser um sindicalizado ou Cooperador. Quaisquer que sejam as suas crenças políticas, nós pedimos, em seu próprio interesse, que permaneça conosco nessa luta.

Porque se não agirmos em bastante brevidade, logo a discussão democrática e a vida decente podem tornar-se impossíveis.

O que você pode fazer

Aqui estão algumas coisas que todos nós devemos fazer.

1. Exigir que a publicação, especificamente, da doutrina fascista seja ilegal.
2. Cobrar que a difusão do ódio racial e do Antissemitismo seja considerada crime.
3. Reivindicar que as leis existentes sobre “incitação à violência” e comportamento “calculado para causar uma quebra na paz” possa ser estritamente aplicada: que a polícia deve ser enviada para as concentrações fascistas para fazer prisões e não para garantir proteção.
4. Se os fascistas chegarem à sua localidade, convoque todos os habitantes a assinar petições de protesto ao Ministro do Interior.
5. Apresse o seu Conselho Distrital, sindicato ou organização política a que você pertença, a oficiar projetos de que o fascismo seja considerado ilegal e envie a resolução ao Primeiro-Ministro, Secretário do Interior, seu deputado, etc. Cooperativas, Ex-Combatentes e outras organizações democráticas têm um igual interesse em fazer isso.
6. Escrevam pessoalmente e em grupos aos seus legisladores e convençam a levar a matéria para a Câmara dos Comuns.

Vigilância eterna

O Governo Trabalhista tem sido culpado de severa negligência nessa tarefa. Mas, nós, a população, podemos fazê-lo implementar as ações

que pleiteamos. Várias sessões do movimento Trabalhista já estão fazendo pressão para que ajam.

E quando eles tiverem agido, não nos deixemos ficar contentes apenas com legislações. A única salvaguarda para nossas liberdades, se queremos prevenir bestialidades adicionais e guerras, é a vigilância constante e insone de todas as pessoas.

Lembre-se que para cada fascista que se mostra em uma esquina, existem três ou cinco que estão esperando sua hora atrás das cenas. Não esqueça que aonde quer que os fascistas tenham tornado-se fortes, muitas frações da aristocracia, os banqueiros, os industriais, os pilantras e os exploradores arrebanharam-se para o lado deles.

Enquanto o capitalismo e os grandes negócios permanecerem, e forem ameaçados pelo povo, o fascismo ferve como um vulcão debaixo de nossos pés. Nós podemos bloqueá-lo aqui ou ali. Mas, ele entrará em erupção novamente em outro lugar.

A B.U.F. foi mudada para Liga de Ex-Combatentes. A Liga foi mudada para o Partido da União. O Partido da União pode mudar para um movimento de “Reforma Cristã” ou uma “Marcha do Povo Britânico”.

Porém, através de todos esses disfarces você verá as marcas que eu tenho descrito – as marcas da besta.

Se os coturnos não tiverem que marchar de novo; se o peso atormentado da carne humana não for para ser esganado nas árvores dos nossos parques; se a voz daqueles que amam a liberdade não tiver que ser ouvida através dos muros dos cárceres; se não tivermos que encontrar pelas ruas, atacando nossas famílias, nossas crianças, nossas

amizades; se não tivermos que ouvir à noite o tropel de botinas; se tivermos que salvar a civilização...

Eu tenho mais uma história para contar. O Governo agora diz para não tomarmos conhecimento quando os fascistas chegam: para permanecer em casa e cerrar nossas cortinas. Que coisa curiosa! Isso é o que as mesmas pessoas disseram, antes da guerra, da marcha dos Camisas Pretas.

Os Camisas Pretas marcharam nas ruas, quebraram as vidraças, atacaram os transeuntes.

Mas, então, algo aconteceu. O povo parou de dar ouvidos a esses avisos. Dois mil e quinhentos Camisas Pretas planejavam uma parada através do East End Londrino. Quatro vezes mais policiais foram enviados para “protegê-los”. A população era advertida para ficar reclusa.

Mas as pessoas puseram barricadas nas ruas. Elas postaram-se 300.000 mais fortes no caminho dos fascistas. A polícia não conseguiu abrir uma via através da multidão compacta para que os Camisas Pretas passassem.

As ruas não foram maculadas. E os fascistas não voltaram.

Se nós estamos para salvar-nos –

Não devemos nunca baixar nossa guarda.

Nós devemos interpor nossos corpos entre os fascistas e nossa liberdade.

A LUTA POR UMA IMPRENSA LIVRE

E. P. Thompson
1952

Se alguma vez houve no mundo uma coisa completamente pervertida em seu formato original e tendência foi a imprensa da Inglaterra; a qual, ao invés de esclarecer, desde que tenha qualquer poder, mantém as pessoas na ignorância; que ao contrário de acalentar noções de liberdade, cuida para tornar as pessoas escravas; e que antes de ser seu guardião, é o mais eficiente instrumento nas mãos de todos que oprimem ou desejam oprimi-las... É pelo semelhante da liberdade que os homens são mais eficazmente escravizados. Você apertaria suas correntes para que nunca mais se afrouxassem, você sufocaria a voz da compaixão pelos injustiçados e oprimidos; você providenciaria a completa impunidade do opressor?... seus meios são os nomes e formas da liberdade e da justiça. Então, da mesma maneira, se você suprimisse a divulgação da verdade; se você propagasse mentiras; se você estabelecesse e perpetuasse a ignorância; se você roubasse a experiência da utilidade pública;... se você impedisse os naturais efeitos da observação e sentimento, o principal, e de fato o único eventual significado é o de uma imprensa agridoada e corrompida; e assim é a imprensa da Inglaterra, nenhum homem honesto ousará negar.

Faz aproximadamente 150 anos desde que o grande radical, William Cobbett, proferiu esse austero julgamento acerca da imprensa em seu *Weekly Political Register* (Semanário de Registro Político) (11 de Abril de 1807). Hoje, evidentemente, as palavras do velho criador de problemas estão desatualizadas. Uma Comissão Real não foi designada em 1947 para investigar a Imprensa, e (após dois anos de ruminação

e zoada sobre as provas) não veio a concluir: “É geralmente aceito que a Imprensa Britânica não é inferior a nenhuma do mundo”?

Pode ser. E eu lembro ainda que em 1947 minha esposa e eu tivemos a má sorte de ser espancados por uma gangue de bandidos fascistas em Trieste, pelo crime de lermos um jornal Socialista nas proximidades de uma de suas concentrações. No tumulto minha esposa perdeu algumas de suas roupas, o que daria uma boa “materia”. Quando retornamos para a Inglaterra foi um árduo aprendizado tentar entender o que realmente tinha acontecido. Um jornal de circulação nacional descreveu a loura platinada com braceletes e manoplas que liderou o ataque. Outro arranjou-se para sugerir que os Comunistas estavam na base da confusão (em certo sentido eles estavam!). O fato de que esse foi apenas um entre muitos exemplos de bandidagem desavergonhada e impune contra a Esquerda em uma cidade sob ocupação militar Britânica não mereceu qualquer menção. Nem tampouco nossas correções do fato, ou nossos argumentos acerca da situação, uma vez que as novas (nós fomos informados) já estavam “velhas”. Sem dúvida os editores teriam feito algo por nós somente se pudéssemos ter sido espancados novamente.

Eu não deveria ter mencionado esse incidente sem importância, a não ser pelo fato de que eu estava justamente em uma boa posição de ver a imprensa que não é “inferior a nenhuma do mundo”, uma vez que meu próprio nariz foi a matéria-prima para essa particular papelada de mentiras. Mas, sem dúvida, cada leitor terá exemplos melhores que o meu. É apenas necessário imaginar esse tipo de desonestade calculada e sensacional quando ela é aplicada a algum episódio de graves implicações internacionais.

Decerto, se você é um marinheiro ou tiver visitado a União Soviética ou o Leste Europeu, você terá tido ampla oportunidade de comparar sua própria experiência com os disfarces de fatos que aparecem em aproximadamente todos os jornais nacionais. De fato, se você for à Biblioteca Pública mais próxima e cotejar um jornal de cem, cento e cinquenta anos atrás com um diário hodierno de circulação de massas, você irá descobrir – que não somente cada palavra de William Cobbett ainda soa verdadeira – mas que tem havido uma degeneração absoluta da Imprensa Britânica desde o dia em que seu juízo foi proferido.

A primeira censura

Essa é uma triste configuração das relações a achar-se na nossa famosa imprensa “livre”, e uma triste traição àqueles que combateram para torná-la livre. Porém, antes de poder entender como as presentes cadeias foram atadas, nós devemos observar como as antigas, de censura e perseguição aberta, foram distendidas. Desde a pioneira introdução do jornalismo impresso na Inglaterra no fim do século XV, mandatários têm temido seu poder. No século XVI, o Governo procurou manter controle completo sobre qualquer publicação, por meio de uma rígida censura, e pela limitação das prensas tipográficas a Londres e às universidades. Não apenas o Conselho Privado, mas também a Igreja, a Corporação de Londres e as Empresas de Papelaria, tinham o poder de censurar manuscritos: e o veto estendia-se para poesias e peças teatrais, bem como para panfletos políticos e religiosos.

Quase todos os escritores Elizabetanos tiveram refregas desagradáveis com esses censores, e Shakespeare, ele mesmo, escreveu acerca da

“Arte de ter a língua presa pela Autoridade”. Thomas Nashe, um antigo novelista e panfletário, reclamou da “legião de decifradores com olhos de ratos”, os quais vigiam “noite e dia inquirindo conspirações”: foi apenas necessário que algum advogado pedante depreciasse a palavra “escovada” para concluir que “isso diz respeito ao Imperador da Rússia, e iria parar completamente o trânsito naquele país se todos os libelos não fossem ajuntados e suprimidos, aonde quer que aquela palavra difamatória fosse pronunciada”. Hoje, a bota está no outro pé.

A Câmara Estrelada

Como cresceria a força da classe mercantil e industrial, a Coroa tornou-se mais e mais cruel em seus intentos de suprimir a livre publicação da opinião. Uma rígida censura foi imposta pela famosa Corte da Câmara Estrelada, infligindo sentenças severas de aprisionamento e mutilação contra os indiciados. Em 1637, Prynne e dois outros panfletários foram condenados ao pelourinho, a terem suas orelhas decepadas, a uma multa de £ 5.000, e ao cárcere. Mais que isso, Prynne foi apenado a ter as letras “S. L.” ferradas em suas bochechas, por “Sedicioso Libelista”. Quando no tablado, aguardando seu veredito, esse Puritano incondicional dirigiu-se às pessoas, declarando:

Foi em prol do bem geral e das liberdades de todos vocês, que temos agora e desde há muito comprometido nossas próprias liberdades nessa causa. Pois, vocês sabem, o quanto eles se entricheiraram em suas liberdades, ao nível do Papado; se você não notou em que tempos você está jogado, isso deveria fazer você se preocupar consigo.

Com o carrasco interrompendo seu arrazoado, ele suportou sua sentença com coragem inabalável. Assim era o caráter dos antigos pioneiros da liberdade de imprensa.

John Milton e John Lilburne

Durante a Revolução Inglesa uma enxurrada de panfletos, petições e artigos proveio da imprensa, alcançando uma fatia bem considerável da população, dos artesãos e aprendizes de Londres até as fileiras do Novo Exército Modelo. Não somente Republicanismo, mas também ideias do ateísmo, da democracia avançada e até do comunismo eram ansiosamente discutidas pelas pessoas nas tavernas e ao redor das fogueiras nos campos. “Quando eu vim para o Exército, entre os soldados de Cromwell”, escreveu um pregador Puritano chocado:

Eu descobri uma nova face das coisas, com a qual eu nunca sonhara. Eu ouvi os líderes conspirantes bem raivosos vociferando contra quem intimidasse seus planos de subverter ambos, Igreja e Estado... Alguns temperamentais, gente presunçosa entre eles, incendiavam os demais e faziam todo barulho e alvoroco, e conduziam o Exército como lhes apetecia... Uma grande parte do escarcéu que eles fizeram entre os soldados foi através de panfletos que eles distribuem abundantemente... E os soldados estando constantemente dispersos em seus quartéis, tinham tais livros para ler enquanto não havia ninguém para contraditá-los.

Os prepostos dos grandes latifundiários e interesses comerciais estavam receosos que a Revolução pudesse ser levada mais longe que o desejável, e a censura, que fora reimposta em 1643, foi uma vez mais reforçada. A vítima mais notável foi John Lilburne, o líder dos Niveladores, o qual já havia sido posto no pelourinho, açoitado através de Londres, e acorrentado nos pés e mãos na prisão por importar escritos Puritanos da Holanda no reinado de Charles I. Entre 1646 e sua morte, em 1657, “O Honesto John” (mesmo com sua dupla condenação pelo Júri) foi repetidamente encarcerado, e mesmo exilado, por editar “sedição” e “libelo malicioso”. Outros panfletários Niveladores sofreram a mesma pena.

Enquanto isso, em 1643, John Milton tinha escrito seu famoso *Areopagitica: ou Oração pela Liberdade de Publicação sem Licença*. As liberdades que Milton demandava não eram de nenhuma maneira universais ou unâimes. Em particular, ele almejava negar tais liberdades aos Católicos, cujos agentes – apoiados por agentes estrangeiros – estavam preparados para acionar métodos de terror ou traição para derrubar a Revolução. Os argumentos, porém, que ele esgrimiu têm sido longamente acalentados por sucessivas gerações.

“Dê-me a liberdade, acima de todas as liberdades, de conhecer, de expressar e de interrogar abertamente, de acordo com a consciência”, declarou Milton. Ele comparou o afã de suprimir ideias por meio da censura à “façanha daquele cavalheiro galante que imaginou trancafiar o cantar do galo fechando o portão do quintal”. A supressão da opinião, ele afirmou, não leva à unidade, senão a uma “nojenta estupidez conformista, a um congelamento mortal e desolador da madeira, do feno e do restolho da lavoura, esmagados e congelados juntos”. Seria difícil encontrar uma definição melhor da imprensa capitalista hoje.

O fim do licenciamento

A Restauração de Charles II ratificou a velha censura, pela qual todos os livros deveriam ser licenciados por oficiais do Governo antes da publicação. Contudo, à medida que o país se estabilizava, a necessidade dessa rígida censura não parecia mais tão urgente. Depois de 1688 existiu um compromisso de bom funcionamento entre a coroa e a burguesia terratenente, cujo poder não parecia de modo algum ameaçado. Nenhum grande proletariado industrial tinha ainda vindo

a existir, e os camponeses, fazendeiros e trabalhadores, em sua larga maioria, não podiam ler.

Muitos desses artesãos poderiam ter voltado em desespero para o mundo de Bunyan, em *Pilgrim's Progress* (Peregrinos do Progresso). Afigurou-se pouco arriscado estender a “liberdade” em uma época na qual ninguém perigoso existia para fazer uso dela; e em 1695, foi discretamente combinada a extinção das Leis de Licenciamento. As leis que cobriam sedição, traição, blasfêmia e injúria eram pensadas como suficientes para pôr a imprensa em ordem.

Wilkes e liberdade!

A verdadeira face da burguesia somente foi revelada ao final do século XVIII, quando uma fatia tempestuosa da população formou-se desejando fazer bom uso dessa liberdade. Durante os anos anteriores a 1760, a resistência ao Governo corrupto da aristocracia do período esteve em expansão, e um número crescente de semanários e panfletos foi publicado, exigindo alguma medida de Reforma. Um dos mais comedidos foi *The North Briton* (O Norte Bretão), editado por John Wilkes, então um aventureiro político e audacioso patife, ao invés de campeão dos direitos do povo. O primeiro número de seu jornal iniciou com palavras proféticas: “A *liberdade de imprensa* é a certidão de nascimento de um BRITÂNICO, e é estimada justamente como a mais firme muralha das liberdades desse país”.

Quando, no número 45, Wilkes publicou um ataque franco acerca da Fala do Rei, o Governo decidiu atacar, e emitiu uma proclamação geral para prender qualquer um envolvido com a publicação da matéria. Em 30 de Abril de 1763, Wilkes e outros 48 – impressores,

tipógrafos e livreiros foram presos. Por cinco anos a batalha oscilou entre prós e contras. Wilkes conseguiu que a proclamação geral fosse declarada ilegal, e acionou o Governo por prejuízos. A Corrupta Casa dos Comuns decidiu que o “nº 45 era um libelo sedicioso, a ser incinerado pelo carrasco público. Mas, aqui, as pessoas deram uma mão. A fogueira foi apagada. O verdugo foi escorraçado de cena. Os Londrinos berraram o lema “Wilkes e Liberdade!” e “Nº 45” foi pregado nas paredes de quase todo distrito desde Londres até Yorkshire.

As pessoas tinham tomado controle do movimento, mas Wilkes, ele próprio, havia mudado no decurso do combate, e liderou a luta com táticas magníficas, sagacidade e destemor pessoal. Quando em 1771 a Câmara tentou fazer valer o direito, que havia sempre reclamado, de impedir os jornais de noticiarem os debates parlamentares (como “quebra de confidênci”), Wilkes, na personagem de magistrado da Cidade, libertou os prisioneiros e prendeu o mensageiro da Câmara por ataque. A Câmara fumegou de raiva, mas estava impotente por medo da população de Londres. O Rei declarou que ele “não tinha mais nada a fazer com aquele maldito Wilkes!” e a primeira parte da batalha foi vencida.

Carlile e seus vendedores

A Revolução Francesa de 1789 jogou a aristocracia em pânico: e novamente, de 1816 a 1819 (o ano de “Peterloo”), esse pânico rebentou quando eles viram que as classes médias e o proletariado rapidamente crescente estavam determinados a pôr um fim à corrupção e a tomar parte no poder. Esses foram períodos tanto de grande atividade popular quanto de perseguição selvagem à imprensa e expressão.

Muitos livros foram banidos, incluindo os de Tom Paine, *Rights of Man* (Direitos do Homem) e *The Age of Reason* (Idade da Razão), e *Queen Mab* (Rainha Mab), de Shelley.

Uma indicação da sublevação popular é que, em 1793, as vendas legais dos Direitos do Homem estavam estimadas na fantástica cifra de 200.000. Edições baratas foram vendidas durante todo o tempo em que esteve proibido. Em 1795 a acusação no processo de Thomas Hardy, o Reformador Londrino, declarou que “todo corteiro em Sheffield tinha um”. Em 1816 e 1817 estava novamente à venda “por baixo dos panos” em várias livrarias Radicais.

Em 1818, Richard Carlile, um Londrino que trabalhava com alumínio, decidiu desafiar o Governo e começou a publicar abertamente os escritos de Paine e outros livros proibidos. Ele foi processado por “blasfêmia”, jogado na enxovia por três anos e multado em £ 1.500. Contudo, isso era apenas o início da luta. Sua esposa levou o trabalho adiante, e continuou por dois anos. Então, um assistente ou “lojista” chamado Davidson agiu da mesma maneira. Dois anos. Depois, Jane Carlile, irmã de Richard. Mais dois anos. Por agora, o Governo estava fora do páreo. O sentimento popular estava crescendo tão alto que o Governo não se atrevia a ser o centro das atenções nos julgamentos, e deixava as acusações para as sociedades privadas.

Carlile apelou da prisão por voluntários, e voluntários acorreram de cada parte do país. Dinheiro também chegou em uma proporção de £ 500 por semana. O negócio prosperou. Poemas censurados de Byron e Shelley foram adicionados às obras de Paine. Ao passo que uma loja era fechada, outra era aberta. Voluntário após voluntário cairam por sua condenação. Muitas mulheres desempenharam uma

parte proeminente e corajosa na agitação. Por exemplo, Sra. Susannah Wright foi incriminada em 1822 por publicar – entre outras palavras de Carlile – a opinião sincera que:

Um Sistema Representativo de Governo deveria logo perceber a conveniência de transformar nossas Igrejas e Capelas em Templos da Ciência, e... estimar o Filósofo ao invés do Padre. A arte do Rei e o ministério do Padre Eu sustento são o veneno da Sociedade... Esses dois males operam conjuntamente contra o bem estar tanto do corpo quanto da mente, e para desculpar nossas misérias nessa vida, o derradeiro empenho para nos engrupir com a esperança da felicidade eterna!

Próximo ao fim de uma longa e muito competente defesa, a “Sra. Wright solicitou permissão para retirar-se e amamentar sua criança pequenina que estava chorando”. Ao passar defronte a Corte ela foi saudada por milhares de apoiadores e – no seu retorno – ela retomou sua defesa do ponto em que havia parado, e dirigiu-a para uma conclusão comovente.

Tantos eram os casos que em 1823 as duas principais sociedades de acusação estavam na bancarrota. Em 1825 o Governo novamente deu uma ajuda, mas o sentimento popular correu tão alto que esse foi o último processo oficial. Carlile passou mais de nove anos na cadeia, numa contagem ou n’outra; e seus 150 voluntários entre eles cumpriram mais de 200 anos de prisão antes que sua vitória fosse alcançada. Muitos homens que posteriormente tornaram-se famosos na articulação com a imprensa Radical do Século XIX – entre eles os livreiros Cleave e James Watson – receberam seu batismo de fogo nessa época.

A luta por uma imprensa dos trabalhadores mais barata

Desde essa época até os dias de hoje tem havido muita perseguição política sob a capa de leis de “blasfêmia”, “obscenidade”, etc; e a lei do libelo, em particular, tem sido usada repetidamente contra os jornais da classe operária. Em 1818, por exemplo, ocorreu um famoso julgamento em que o livreiro autodidata William Hone defendeu-se a si próprio e garantiu uma absolvição triunfante em face a uma acusação Governamental por “blasfêmia”, sob alegação de que ele havia projetado sua sátira política ressentida na forma de paródias religiosas.

Nos anos de 1840 houve outra leva de julgamentos políticos por “blasfêmia”, notadamente de Socialistas Owenistas e Livre-Pensadores, Henry Hetherington, Southwell e Holyoake. Em 1883 houve o caso notório em que G. W. Foote, o editor de *Freethinker* (O Livre Pensador) foi encarcerado por três meses; e isso foi seguido por outros casos, destacadamente em Bradford, os quais continuaram no século XX. Porém – enquanto havia ainda um punhado de leis nos livros estatutários que podiam ser usadas para a supressão direta ou intimidação da imprensa – é importante reconhecer que Wilkes e Carlile juntos haviam conquistado uma vitória decisiva.

Na época de “Peterloo” a classe trabalhadora industrial mostrou que era uma força a ser considerada. Um número cada vez crescente de trabalhadores podia ler. Em muitos distritos fabris grupos se ajuntavam para comprar os *Political Registers* (Registros Políticos) de Cobbett ou Sherwin, o *Black Dwarf* (Anão Negro), de Wooler, o *Republican* (Republicano) ou *Hone's Reformer's Register* (Registro da Plaina dos Reformadores), de Carlile, e os artigos eram lidos em voz alta e amplamente discutidos.

As autoridades não menoscabaram a influência desses escritos. Os anos entre 1817 e 1820 foram de contínuas ameaças, proclamações e novas leis contra a imprensa Radical. Cobbett buscou refúgio na América. Após “Peterloo” a ameaça de deportação pairou sobre a cabeça de cada tipógrafo ou editor Radical. Muitos jornais Radicais fecharam por medo das perseguições. Uma amostra acerca do terror do período é que, alguns anos atrás, um operário da construção trouxe ao escritório de *Daily Worker* (Trabalhador Diário/Diário do Trabalhador) dois largos volumes de *Black Dwarf*, os quais ele achara cuidadosamente cimentados nas paredes de uma casa que ele estava demolindo – presumivelmente, escondidos lá nos dias negros após o massacre de Manchester. Todavia, Carlile e seus seguidores vieram adiante e tomaram a dianteira do ataque. E quando o Governo achou que eles não podiam sequer estampar suas opiniões (e suas opiniões eram ainda mais extremas que aquelas de muitos reformadores) eles foram forçados a reconhecer que a completa supressão da imprensa popular era ao mesmo tempo perigosa e fútil. Dessa época em diante, as considerações financeiras tornaram-se da maior importância – o custo do papel para o leitor e o custo de rodar um folheto independente do controle do grande capital.

A primeira batalha – por uma imprensa barata que os trabalhadores pudessem comprar – foi travada na primeira metade do século XIX. A segunda é a batalha que ainda estamos combatendo, e que está ficando mais feroz a cada dia.

O “Grande sem chancela”

A luta por uma imprensa barata é uma das mais emocionantes em nossa história, e há espaço aqui para recordar apenas alguns poucos incidentes. No Século XVIII uma taxa de chancela, e outros encargos, foram impostos aos jornais. Esses foram aumentados nos primeiros dias do Século XIX, de modo a manter as publicações longe do alcance dos “ignorantes”. As pessoas chamavam esses os “Impostos sobre Conhecimento”. Em 1830 os tributos somavam 4 dimes (40 centavos) de estampa em cada jornal, periódico ou semanário: uma taxa de 3 xelins (60 centavos), 6 dimes (60 centavos) sobre cada anúncio: uma taxa de papel de aproximadamente 2 dimes (20 centavos), ou 3 dimes (30 centavos), uma libra: e uma caução muito cara em caso de multas ou calúnia.

The Times (Os Tempos), com um grande rendimento dos anúncios publicitários, não podia ser vendido por menos de 7 dimes (70 centavos). O mais famoso jornal popular de então, o *Weekly Political Register*, o qual Cobbett tinha conduzido sem interrupção desde 1802, foi forçado a subir de preço para 1 xelin e 2 dimes (algo como 50 centavos, hoje em dia). Apenas tavernas ou cafeterias ou grupos definidos de trabalhadores podiam suportar tal custo. Vários editores Radicais tentaram diferentes métodos de esquivar-se dos impostos, pelo fingimento de que seus impressos não eram de notícias.

Cobbett, em 1816, havia decidido apelar diretamente à classe trabalhadora, e deu a lume seu primeiro “Address to the Labourers and Journeymen” (Discurso aos Trabalhadores e Diaristas) (em uma edição de 200.00 exemplares) ao preço de 20 centavos. Por muitos anos ele foi bem sucedido em divulgar seu principal hebdomadário, que

não era de notícias, mas de comentários sobre as notícias, como uma folha separada, com preços entre 20 e 60 centavos.

William Carpenter, em 1830, lançou semanalmente uma “carta” política, solenemente endereçada em cada ocasião a algum famoso reacionário, feito o Duque de Wellington, informando-o das novas. Outros expedientes foram buscados – até tentar imprimir o jornal em tecido! Mas, a maioria dessas experiências findou em processos.

Então, Henry Hetherington, aprendendo com a luta de Carlile, decidiu que a única maneira de vencer estava em desafiar o Governo. Em Julho de 1831, ele publicou o primeiro número de *The Poor Man's Guardian* (O Guardião do Homem Pobre), no formato de uma folha impressa e com lema “Conhecimento é Poder”. Abaixo do título estava escrito: “Publicado em Desafio da Lei, a tentar o Poder do Direito contra o dever”. O preço era de 10 centavos.

The Poor Man's Guardian (do qual um dos editores foi Bronterre O'Brien, o líder Cartista e Socialista) e outros dos “grandes em chancela” daqueles tempos (como, por exemplo, o jornal do líder sindical John Doherty, de Lancashire – *The Herald of the Rights of Industry* (O Arauto dos Direitos da Indústria) são os verdadeiros fundadores da imprensa da classe trabalhadora Britânica. Eles desempenharam um destacado papel nas agitações que levaram ao Programa de Reformas de 1832: na construção das uniões corporativas e na luta pela reforma fabril: em amalgamar solidariedades internacionais; e na preparação das veredas para o movimento Cartista. Antes que *The Poor Man's Guardian* fosse “declarado legal” mais de 500 pessoas foram processadas por sua produção e comércio. Trabalhadores desempregados se voluntariavam a agir como gazeteiros. Aqui vai a

súmula do julgamento de um, Joseph Swann, de Stopckport, que havia servido por quatro anos e meio no Castelo de Chester durante as agitações de Carlile:

ACUSADO (perguntado por quê ele vendeu o “sem chancela”): ... *Eu tenho estado sem emprego por algum tempo, eu também não conseguia arrumar trabalho; minha família toda estava faminta... E por outra razão, a mais forte delas, eu o vendia pelo bem dos meus concidadãos; para deixá-los ver como eles eram pouco representados no Parlamento...*

MAGISTRADO: *Segure sua língua um momento.*

ACUSADO: *Eu não deveria! Pois eu desejo que cada homem leia tais publicações...*

MAGISTRADO: *Você é muito insolente, por conseguinte, você está condenado a três meses de prisão... com trabalhos pesados.*

ACUSADO: *Não tenho nada a agradecer-lhe; e logo quando eu sair eu irei espalhá-los novamente. E, imagine você, o primeiro que eu levarei será para a sua casa.*

As mulheres também acorreram às ruas com os “sem chancela”, e outro famoso julgamento foi o da Sra. Mann, de Leeds. Aproximadamente toda cidade ou grande distrito tinha algum jornal Radical, ainda que muitos não durassem mais que uma dúzia de edições. Por exemplo, o mais notável jornal sem chancela foi *The Voice of West Riding* (A Voz da Zona Oeste), coordenado por Joshua Hobson, de Huddersfield, o qual havia sido um tecelão manual, e que com suas próprias mãos deixou para trás a imprensa calhorda. Quando ele foi sentenciado, ele foi acompanhado, por uma milha ou duas de seu trajeto para a prisão de Wakefield, por um enorme cortejo com bandas e bandeiras.

Em 1836 os “sem chancela” eram tão populares que os próprios jornais legais estavam pressionando pelo fim das taxas. O motivo é

óbvio. Desde que eles pagavam os impostos não conseguiam garantir a venda de seus jornais por menos de 60 centavos ou 1 xelim, ao passo que os “sem chancela” (menores como eram – somente de 4 a 8 páginas estreitas impressas com caracteres diminutos) a 10 ou 20 centavos, estavam arrebatando o mercado mais que eles. A burguesia foi, inclusive, forçada, através de sociedades “filantrópicas”, a subsidiar folhas baratas – *The Penny Magazine* (A Revista do Centavo) e *The Saturday Magazine* (O Magazine de Sábado) – para combater a influência dos “sem chancela”. A taxa de chancela foi, por conseguinte, reduzida de 40 para 10 centavos (muito a contragosto de certo patrício que estava clamando pelo seu total cumprimento por meio da pena de morte!) e outros tributos foram reduzidos proporcionalmente. A agitação (em que Charles Dickens exerceu um papel proeminente) continuou até que a taxa de chancela foi completamente abolida em 1855. O último fardo financeiro a cair foi a fiança por multas ou calúnia, em 1869.

No ano anterior fora feita uma tentativa de aplicar essa “taxa” contra o *National Reformer* (Reformador Nacional), de Charles Bradlaugh, cujo ponto de vista era Radical, Livre Pensador e Republicano. A resposta de Bradlaugh foi a mesma daquela de Carlile e Hetherington – provocação, desafio. Na época em que o Ato foi abolido, no ano seguinte, o Procurador Geral estava a reclamar prejuízos em prol de Bradlaugh na cifra de dez milhões de libras!

A Estrela Nortista

A redução da taxa de estampa foi um ganho da maior importância para o primeiro grande movimento dos trabalhadores organizados, o

movimento Cartista. Isso significa que, de cima abaixo do país, os jornais legais podiam circular – ainda que a altos preços – não estavam além do alcance dos bolsos operários. De longe, a mais importante e famosa dessas folhas foi *The Northern Star* (A Estrela Nortista), que até 1845 era impressa em Leeds. Seu primeiro impressor foi Joshua Hobson, seu proprietário era Feargus O'Connor, e entre seus editores estavam George Julian Harney e Ernest Jones. O preço era de 45 centavos, e logo cedo a circulação alcançou 60.000 exemplares – uma difusão verdadeiramente destacada para a época, especialmente quando se recorda que muitas cópias eram lidas e discutidas por dúzias de trabalhadores. Até o final de 1843 ele teve uma circulação oficial de 117.000 exemplares, e tal cifra foi frequentemente ultrapassada. Seu propósito declarado era o de:

prover um destemido e confiável órgão de representação das Classes Laboriosas, cujos interesses, desde tempos imemoriais, têm sido negligenciados.

Sem *A Estrela Nortista* o movimento Cartista jamais podia ter conquistado o poder que conquistou. O jornal mantinha cada distrito em contato com os outros: podia converter, imediatamente, a agitação em resistência, com edições urgentes: e ajudou o movimento a achar uma política e estratégia comuns. Por outro lado, ele não era órgão da executiva Cartista, mas, de Feargus O'Connor, seu proprietário, e que, às vezes emitiu suas opiniões e esquemas com excessivo peso e influência no movimento. Isso, por seu turno, resultou na publicação de outros pequenos e combativos periódicos Cartistas, através dos quais a autoridade de O'Connor era desacreditada.

Depois que o movimento Cartista declinou, de 1848 em diante, muitas tentativas foram feitas para manter vivos os folhetos e jornais da classe trabalhadora, e *The People's Paper* (A Folha do Povo), de Ernest Jones, foi apoiado por cotizações entre os trabalhadores – muitas delas em tostões e centavos. Com as batalhas por auxílio financeiro, a luta por uma imprensa trabalhista livre entrou em sua fase presente.

A imprensa torna-se grande negócio

A censura descarada tinha falhado. Os “Impostos sobre Conhecimento” haviam falhado. Em 1834, o Nobre Chanceler Brougham havia previsto isso e argumentado em favor da revogação das taxas de chancela. Ele disse, a respeito dos trabalhadores:

“Não é mais uma questão de se eles devem ler ou não... não é mais uma questão do quanto eles podem ou não ser politizados e tomar parte nas discussões de seus próprios interesses; isso já foi decidido há muito tempo atrás. A única questão a responder e o único problema a resolver é como eles devem ler da melhor maneira; como eles devem ser instruídos politicamente e ter costumes políticos formados do modo mais seguro para a constituição do país”.

Entretanto, enquanto Brougham estava discursando, o problema estava se resolvendo por si. Logo em 1807, William Cobbett havia posto o dedo na falácia, enfocando a “liberdade” da imprensa na sociedade capitalista:

Eu não posso ajudar a destacar para vocês a natureza da influência exercida pela publicidade em todos os jornais. Essa é a grande fonte de rendimentos; e tais fontes fluem... de acordo com a política que o jornal adota. Alguns jornais... são de propriedade de empresas de comerciantes ou açambarcadores. E a coisa é considerada

meramente como uma especulação monetária, de fazer o máximo de dinheiro e, lógico, a política mais lucrativa será sempre a preferida.

Logo no início do Século XIX a maioria dos jornais buscou auxílio nos grandes rendimentos com publicidade, amplamente dirigida para o bem-estar das classes médias, cuja política estava bem longe de ser radical. Os pequenos jornais sem chancela envolviam muito pouco capital de fora, e o semanário *Northern Star* estava apto a competir com seus rivais capitalistas em virtude da enorme circulação que o movimento de massas dos trabalhadores tornou possível naqueles tempos emocionantes. Mas, à medida que o movimento retrocedia, a inadequação dessa “livre competição” fez-se sentir, e foi ficando mais nítida desde então. Em 1831, o Lorde Palmerston podia escrever para a Rainha Vitória (em uma missiva que foi factualmente citada nas conclusões da Comissão Real para a Imprensa, de maneira a confirmar que nada estava podre no Reino da Rua da Frota):

O preço real pelo qual cada cópia de jornal é vendida mal paga os custos com papel, impressão e estabelecimento; de fato, é alegado que o preço não repõe esses gastos. O lucro do jornal provém do preço pago pela publicidade, e quanto maior o número de anúncios maiores serão os dividendos. Mas, as propagandas são enviadas de preferência para os jornais que têm as maiores tiragens; e aquele jornal ganha mais ampla circulação, que é a mais divertida, a mais interessante e a mais instrutiva...

E, também (Lorde Palmerston esqueceu de acrescentar) a mais adequada a promover a prosperidade comercial no interior da sociedade capitalista.

Desde 1861 os custos de manter um jornal de circulação nacional e, ao mesmo tempo, as receitas provindas da publicidade, tiveram um crescimento aos pulos e saltos. No século XX a imprensa tornou-se

Grande Negócio, negócio milionário, dependente das receitas publicitárias e vendas chegando à casa dos milhões. Antes da guerra, era estimado que o dispêndio mínimo de capital requerido para o lançamento de um novo jornal diário seria de £ 2.000.000. Os preços estratosféricos de impressão e maquinário nos últimos dez anos fazem que um cálculo semelhante seja ridículo para os dias de hoje.

Ao mesmo tempo, as facilidades que os grandes jornais nacionais podem oferecer para atrair leitores – com redes de correspondentes, cobertura de notícias internacionais, resenhas esportivas, etc – têm crescido proporcionalmente. Ademais, desde o “novo” jornalismo de tablóide do *Daily Mail* (Correio Diário), de Northcliffe, (baseado em métodos pinçados do pioneiro nessa área, *Tit-bits*), hábitos especiais de leitura tem sido conscientemente estimulados entre a audiência, sob o lema de “dar ao público o que ele quer”. Desde que tais jornais são propriedades de indivíduos milionários ou companhias de investimento, e não do Governo, eles são chamados “livres”, e é verdadeiramente lamentável ver quão ansiosamente as senhoritas educadas e cavalheiros da Comissão Real de Imprensa sentem-se particularmente tocados por essa baboseira.

De fato, eles são muito menos “livres” (para você ou para mim) que a administração geral do Grande Negócio admite, desde que vários dos jornais apelidados pela Comissão como “de qualidade” (presumivelmente, sob o mesmo princípio de que queijos velhos e caros são mais apropriados nas mesas da elite refinada que as marcas seriadas, boçais e vulgares) são geridos por intrincados conglomerados cujos objetivos são os de assegurar que os jornais permaneçam nas vielas estreitas e retas da política Conservadora ou Liberal: então,

mesmo que você tenha um milhão de libras para torrar, você não se perceberá “livre” para comprar uma poltrona de comando em *The Observer* (O Observador) ou *The Times*. É em face desse poder crescente, financeiro e psicológico, que a imprensa dos trabalhadores tem lutado pelos últimos setenta anos.

A imprensa Socialista

Em 1831 Hobson construiu seu prelo, deitou fora alguns vinténs em tipos e papel, e estava apto a administrar um pequeno jornal ilegal mais barato que seus rivais capitalistas. Em 1884 o jornal Socialista *Justice* (Justiça) foi iniciado com uma doação de £ 200 do socialista de Sheffield, Edward Carpenter: e era pouco mais que uma folha de propaganda semanal, em nenhum sentido um jornal diário.

The Commonweal (A Cidadania), iniciado em 1885 por William Morris, estava na mesma posição: ele era financiado por um fundo de luta e por subsídios do próprio bolso de Morris: ele nunca alcançou uma circulação maior que 3.000 exemplares. Ele é importante, de qualquer modo, pela sua excelente qualidade e porque ele é, talvez, o primeiro jornal da classe trabalhadora a ser declarado o órgão oficial de um partido operário (a Liga Socialista), e não a possessão de qualquer grupo privado ou individual.

Esses dois jornais eram vendidos nas ruas e em encontros pelos propagandistas (em face das perseguições familiares e multas por “obstrução”) e tiveram um papel de primeira importância na fundação do moderno movimento Trabalhista. O movimento crescente de 50 e 60 anos atrás, conjuntamente às grandes mudanças na técnica de impressão, o que significa que – por um curto período – a produção

mais barata de jornais compensava outras dificuldades financeiras, deu azo para outros jornais operários com uma circulação mais abrangente – *The Labour Elector*, *The Workmen's Times*, *The Cotton Factory Times*, e o *Yorkshire Factory Times* (todos semanais), entre eles – mas, nenhum deles teve tão claramente uma perspectiva Socialista como tiveram *Commonweal* e *Justice* em seu apogeu.

Um dos mais famosos desses jornais foi *The Clarion* (O Archote), editado por Robert Blatchford, e apoiado por centenas de leitores entusiasmados, promovendo suas vendas nas cidades e pedalando em grupos para acompanhar os encontros de Clarion nos distritos. E aqui, permita-se que uma lição exerça sua influência! Do People's Paper, de Jones, a Commonweal, de *The Clarion* ou do antigo *Daily Herald* ao *Daily Worker* de hoje, nenhum jornal dos trabalhadores esteve apto a sobreviver sem a ajuda ativa de seus leitores. Os agentes de notícias haviam boicotado eles todos de tempos em tempos. A polícia havia tentado intimidar os vendedores nas ruas. Os anunciantes haviam condicionado ou retirado seu auxílio. Os únicos jornais operários que não naufragaram tem sido aqueles com um corpo de leitores preparado para trabalhar por eles, semana após semana, como também para colocar fundo as mãos nos bolsos.

Northcliffe & Cia.

“Você deixou o jornalismo como profissão: nós temos feito disso uma marca de comércio”, conta-se que Kennedy Jones, o chefe assistente de Northcliffe na construção do novo *Daily Mail*, teria dito isso ao Lorde Morley. Tais palavras deram o tom para a imprensa popular no século XX. No fim do Século XIX, nem a imprensa nacional, nem a

provincial, fizeram qualquer fingimento de falar para os trabalhadores: eles se dirigiam às classes médias e altas, e sua circulação era ínfima comparada com aquelas de hoje. Por outro lado, certos padrões de conduta profissional eram geralmente observados na maioria dos jornais. Enquanto os jornais representavam os pontos de vistas Liberal ou Conservador, por suas lideranças e em sua seleção das notícias, esperava-se que as matérias fossem factuais e não distorcidas por parcialidades. Reportagens completas eram ofertadas sobre os debates parlamentares, importantes pronunciamentos, eventos internacionais, e esperava-se que o leitor tirasse algumas conclusões por si mesmo. Enquanto os jornais eram ainda dependentes dos dividendos publicitários, um editor com altos parâmetros profissionais, feito C. P. Scott, do *Manchester Guardian*, ressentiu-se e resistiu a qualquer intento de modificar a política ou o caráter do jornal com interesses de agradar os grandes anunciantes.

Alfred Harmsworth, Lord Northcliffe, alteraram tudo isso em questão de meses. Apelo elitista, crime e sensacionalismo eram a ordem do dia, uma exploração cínica das mentes fatigadas e das aspirações ranzinhas das vidas frustradas da classe média, pequena burguesia e trabalhadores, entre os quais o *Daily Mail* atingiu circulações de mais de um milhão de exemplares antes da Primeira Guerra Mundial:

Sem colunas de longo fôlego de meras palavras e discursos tolos... Fazer o jornal algo feliz, fresco e livre de estupidez, e cheio de contrastes nas notícias. O motorista de táxi e a operária fabril iriam preferir ler notícias acerca das tradições da Sociedade e costumes da periferia da Zona Oeste que causos sórdidos sobre a vida miserável... Todos querem ler a respeito de pessoas em melhores circunstâncias que as próprias dele ou dela.

... tais foram algumas das ordens que Northcliffe deu ao seu Editor de Notícias, Tom Clarke (*Meu Diário Northcliffe*). Desde que as grandes tiragens e o otimismo abandonaram os anunciantes, jornal após jornal teve que seguir o mesmo caminho. Jornalistas deixaram de considerar as pessoas como responsáveis, seres humanos pensantes, mas como otários a ser divertidos ou chocados pelas últimas mirabolâncias ou “furos”. O articulista tornou-se menos importante. Sugestão e insinuação, manchetes e instantâneos de notícias curtas tomaram o lugar da argumentação e da apresentação factual dos eventos. Os jornais ilustrados, *The Daily Mirror*, *Graphic* e *Sketch* aplicaram novas técnicas para distrair e influenciar a mente das pessoas.

Não são somente as visões políticas dos grandes jornais hodiernos que são profundamente reacionárias; mas, a sua moralidade inteira e a maneira como eles deturpam a vida são degeneradas e corruptas. Um assassino sexual merece várias colunas de detalhes sugestivos: uma nova obra de arte, uma realização do trabalho construtivo, uma proposta Soviética para a paz, podem não ser sequer mencionados. É salutar perceber isso, porque é impossível combinar métodos comerciais sensacionalistas com políticas da classe trabalhadora verdadeiramente livres e independentes.

Quando, em 1930, 51% das ações do *Daily Herald* foram vendidas para a Imprensa de Odham, foi aventado que a T. U. C. (retendo 49% das ações e alguns outros direitos) poderia ainda manter controle do caráter político do jornal. Ainda que a executiva da T. U. C. tenha mantido uma política militante da classe trabalhadora durante os últimos 20 anos, a ideia ter-se-ia provado irrealizável. Nós temos o testemunho de um antigo editor do *Daily Herald*, Sr. Francis

Williams (em seu *Imprensa, Parlamento e População*) da influência da administração de Odham:

Editorialmente, o Daily Herald estava sobre constante compulsão de ser chamativo. Ele (Lorde Southwood) não demonstrou à época muito interesse no que eles diziam: era como eles pareciam que afetava ele. Ele julgava um jornal pelo tanto que ele atraía o olho popular: ele parecia radiante, cheio de animação, entretido, excitante: ele poderia fazer as pessoas otimistas?

Os métodos pelos quais o *Daily Herald* era comercializado e dada sua vasta circulação (o aumento das tiragens de 400.000 para 1.750.000 é noticiado como tendo custado £ 1.325.000, ou £ 1 por cabeça), tais métodos, que beneficiam os anunciantes e idiotizam e distraem as pessoas das realidades da sociedade capitalista, são incompatíveis tanto com a liberdade real, quanto com as tradições do movimento da classe trabalhadora. O *Political Register*, de Cobbett, o *Poor Man's Guardian*, de Hetherington, *Northern Star*, de O'Connor – todos esses jornais ajudaram a erigir movimentos poderosos porque eles sabiam que seus leitores eram responsáveis e inteligentes.

Reynold's News, com sua recente explosão de meretrizes desnudas e matérias atinentes à vida noturna e prostituição, deveria meditar sobre os caminhos que está trilhando, antes que seja tarde demais.

Os Donos da Notícia e seus impérios

Northcliffe e seu irmão, Lorde Rothermere, também são os ancestrais dos Senhores da Imprensa do Século XX – uma linhagem que se estende por Lorde Ilife, Lorde Camrose, Lorde Kemsley, Lorde Southwood, Lorde Beaverbrook, Lorde Layton, e outros mais. Northcliffe exerceu a tirania pessoal de mais longo alcance sobre todo assunto ligado ao

seu grupo de jornais e periódicos, de questões de política nacional, demissões, até o quanto ou se deveria haver macacos e elefantes nas tirinhas infantis. Seus funcionários eram bombardeados com ordens arbitrárias, telegramas, telefonemas, de sua mansão campestre, ou do Sul da França ou cruzando o Atlântico. Em um momento, ele poderia estar atacando uma campanha por mais gases pestilentes a ser usados contra os alemães; no próximo instante, ele poderia estar a sentimentalizar acerca de seu amor pelas crianças.

Na medida em que esse excepcional “gênio” da imprensa era um ignorante e neurótico megalomaníaco (ele disse do chapéu de Napoleão: “Eu uma vez o pus. Ele me caiu bem”) o exercício de sua exigente “liberdade” custou à sociedade a perda de centenas de milhares de vidas, milhares de mentes corrompidas e lares tornados miseráveis pela fome e necessidade:

Durante a greve dos carvoeiros de 1912, as ordens chegaram rudes e rápidas... – Deixe isso ser chamado de greve negra, era a ordem... Ele achava que o reinado da turba deveria estar chegando, então, a multidão deveria ser dividida; à audiência deveria ser exibido como os mineiros estavam curtindo no litoral ou nas corridas de cachorros enquanto trabalhadores desprotegidos em outras ocupações sofriam com a ‘paralisação repugnante. (My Northcliffe Diary).

Os Senhores da Imprensa e donos de jornais e diretores de hoje raramente interferem, na mesma desmesurada proporção, nos assuntos de suas folhas: mas, é evidente que eles aprenderam seu ofício com Northcliffe, e mantém um controle estrito em todas as matérias de importância. As motivações variam desde aquele rasteiro comercialismo argentário ao afã por poder político pessoal, expresso francamente por Lorde Beaverbrook perante a Comissão Real de

Imprensa: “*Eu rodo o jornal puramente pelo propósito de fazer propaganda, e nenhuma outra razão*”.

As oportunidades para ambos, o poder irresponsável e os lucros vultosos (os dividendos da indústria da notícia em 1937 foram de £ 6.857.493, em 1946 de £ 13.732.695, um salto de mais de 100%) desses ditadores do “Quarto Estado” têm crescido admiravelmente durante essa centúria pelo desenvolvimento de grandes cadeias de comunicação ou monopólios locais. Entre 1921 e 1939 as campanhas pelas tiragens massivas eram acompanhadas de todo tipo de truque publicitário, por uma infinidade de brindes gratuitos, seguros grátis e recompensas para os novos leitores – chegando, no todo, a mais de £ 3.000.000. Ao mesmo tempo, as grandes redes combatiam para assumir o controle dos diários locais e da imprensa semanal.

Ao final do Século XIX, muitas cidades com mais de 50.000 habitantes tinham dois ou mais jornais locais, administrados de modo independente, os quais – quaisquer que fossem suas políticas – mantinham alguma tradição de cobertura justa e patriotismo local. Muitos deles, como o *Newcastle Daily Chronicle*, de Joseph Cohen, e *The Western Times*, de Exeter, editado por Thomas Latimer, o “Cobbett do Oeste”, eram famosos por sua política Radical independente. Agora, *The Western Times* é parte da cadeia Harmsworth: o *Newcastle Evening Chronicle* é um dos jornais das Gazetas Kemsley Ltda. O mesmo processo é evidente em cada recanto do país. Existem, hoje em dia, apenas sete cidades em que circulam jornais diários ou folhas vespertinas de proprietários diferentes, competidores. Na grande maioria das cidades não há alternativa: e se você quiser um matutino local ou uma

folha da tarde, as chances são quase certas de isso ser propriedade de alguma grande rede.

A Comissão Real

Desde que a Comissão Real espargiu uma demão de cal sobre toda a imprensa capitalista tornou-se impróprio falar em “monopólios” e coisas assim. De fato, os argumentos que os Comissários utilizaram para justificar o presente estado das relações não resistem a uma investigação ligeira: eles são exatamente os mesmos argumentos que os economistas do *laissez-faire* (liberalismo) usaram no início do Século XIX para combater a reforma das fábricas e uma legislação social básica. Os Comissários obtinham grande satisfação do fato de que muitos jornais locais (bem como folhas nacionais e Domingueiras) tinham falido nesse século, não pela agressão direta das grandes redes, mas, através da ação de fatores econômicos inexoráveis – a competição dos diários nacionais, os custos crescentes da produção dos jornais, a relutância dos anunciantes em apoiar folhas com pequena circulação e por aí vai. Eles, inclusive, acharam conforto na sugestão de que a dependência dos periódicos em relação aos rendimentos publicitários tornava-os independentes dos subsídios de fontes mais “dúbias”.

A interpretação deles de “liberdade de imprensa” parece ter parado justo na “liberdade” do financista e multimilionário de controlar jornais e influenciar mentes e moralidades sem interferência: e a limitada “liberdade” do público de selecionar por si um ou outro dos jornais que os especuladores e as companhias de acionistas oferecem. Liberdade real – a liberdade para você e para mim de ter uma fatia, mesmo que indireta, em controlar a política e a condução dos jornais,

ou de ter nossas opiniões representadas em suas colunas – não foi preocupação deles. O fato de que tal “liberdade”, como existe, existe apenas para os jornais *capitalistas* e que os anunciantes não irão financiar um jornal que ataca o capitalismo em si, não foi considerado digno de um parágrafo.

A sugestão de que a licença irrestrita a um punhado de Senhores da imprensa é incompatível com a liberdade e saúde da grande maioria, que – nas palavras de Olive Schreiner – um “jornal diário que não esteja baseado no intento de disseminar a verdade é um copo de veneno servido toda manhã para debilitar as pessoas”, esse alvitre foi posto de lado como um ataque à “liberdade”. É verdade que os Comissários acharam algumas coisas para deplorar na sensacional imprensa diária; mas, após olharem para ela à direita e à esquerda, de alto a baixo e de trás para frente, eles puderam apenas chegar à triste concordância de que as pessoas deveriam querer tais coisas, na medida em que as compravam, e interferir seria uma violação na liberdade deles.

A luta por liberdade hoje

Esse é o argumento mais pernicioso de todos. “É pela silhueta da liberdade que os homens são mais eficazmente escravizados” – as palavras de Cobbett soam mais verdadeiras que nunca hoje. O gosto das pessoas, decerto, é largamente formado pelo que elas já conhecem, e a imprensa popular sabe bem como sugerir e insinuar uma “demanda”. Grandes somas de dinheiro têm sido gastas em pesquisas exatamente sobre esse poder de sugestão. Mas, mesmo assim, as pessoas CONSEGUEM o que elas querem? Visões Comunistas, é verdade, não

são, ainda, largamente populares na Inglaterra: não devemos esperar encontrar muitos jornais comunistas. Mas, nas duas últimas Eleições Gerais mais da metade do eleitorado votou nos Trabalhistas. Existem mais de mil jornais semanários locais na Inglaterra hoje. Quantos deles são jornais Socialistas? Se tanto, uma dúzia? Existe em torno de uma centena de jornais provinciais diários (matutinos e vespertinos). *Algum* deles Socialista? Existem nove jornais nacionais diários, e aqui, enfim, nós achamos um, o *Daily Herald*, que professa falar para o votante Trabalhista. Porém, tal jornal, nós já notamos, obteve a boa vontade dos anunciantes e sua circulação massiva somente ao custo de sua integridade Socialista.

O fato, então, é esse. “Monopólio” não é uma palavra de ordem assustadora: é um termo exato para descrever o estado geral da imprensa na Inglaterra hoje. Entre a sombra da liberdade e variedade existe um monopólio da imprensa capitalista, dividido entre uns poucos negócios comerciais enormes dos quais a intensa rivalidade competitiva (adormecida no momento, mas pronta para reviver a qualquer momento) entre as duas guerras retirou da jogada quatro de doze jornais nacionais existentes em 1921. Desde aquela época NENHUM novo jornal capitalista entrou em cena, aquele monopólio não foi exitosamente desafiado. O único novo jornal nacional a ser estabelecido nos últimos trinta anos é o *Daily Worker*.

O Trabalhador Diário

A luta pela liberdade de imprensa nesse século tem sido a luta contra o monopólio capitalista da imprensa. O primeiro desafio veio do *Daily Herald*, estabelecido em 1911 como um hebdomadário, e como

um diário em 1912. Apoiado por um corpo de leitores entusiasmado e por uma ótima equipe de jornalistas, por dez anos, sob a editoria de George Lansbury, manteve o caráter de um combatente jornal Socialista. Mas, nos anos de 1920, ele passou mais e mais para a direita, e foi desafiado, por seu turno, pelo *The Worker*, o *Sunday Worker* e *Worker's Life*, os veículos do Movimento de Minorias Nacionais e do Partido Comunista.

Em 1º de janeiro de 1930 (dois meses antes de o *Daily Herald* ser finalmente vendido para Odham) o primeiro número de *Daily Worker* foi impresso. Ele apareceu no auge das campanhas de circulação dos grandes jornais diários com brindes gratuitos, e a Rua da Frota prognosticou para ele uma vida mais curta ainda que aquela anunciada pelos “especialistas militares” para o Exército Vermelho sob a invasão da União Soviética por Hitler. Isso foi mais arriscado que antes – e é ainda arriscado – mas ele sobreviveu, e o modo pelo qual ele conseguiu foi descrito por seu último editor, Bill Rust, em *The Story of the Daily Worker*.

No trajeto, ele tem passado por boicotes de vendedores, intervenção policial e censura, processo por calúnia após processo por calúnia, destinados a reduzi-lo à bancarrota, supressão direta, e todos os tipos mesquinhos de intimidação. Ele teve êxito onde nenhum outro jornal ousou aventurar-se pela simples razão de que, sozinho entre os demais, esse não é um jornal capitalista.

Desde o início – muito antes de que a Sociedade Popular de Imprensa fosse instituída, através da qual os leitores, então, tinham a propriedade formal e controle sobre o seu jornal – foi criado um novo tipo de relação entre seus leitores e sua equipe. Por um lado, o

Daily Worker tinha construído uma equipe de alguns dos mais hábeis jornalistas da Rua da Frota, juntamente a homens cuja experiência havia sido formada, não como um daqueles jovens de Northcliffe, mas em fábricas, oficinas e minas. Uma equipe como essa não seria estimulada por promessas de salários enormes ou títulos de nobreza ou nomeações especiais, mas havia sido preparada para sacrificar a ideia capitalista de uma “carreira” e, se necessário, sofrer prisões, contanto que o próprio jornal continuasse.

Porém, a força do jornal, enfim, tinha estado com seus leitores. Nenhum golpe publicitário de seguro gratuito tinha sido necessário para erigir sua circulação; seus leitores tinham estado ativos, semana após semana, na loja, nas esquinas ou nas campainhas, trazendo leitores adicionais. Quando os comerciantes tinham boicotado o jornal, os leitores tinham tomado os primeiros trens e distribuído o jornal eles mesmos. Nenhum grande orçamento publicitário tinha feito a ponte entre os custos de produção e o retorno das vendas e os leitores, mês após mês, através de seu Fundo de Luta, tinham suprido a necessidade de seus próprios bolsos: tanto que, hoje em dia, com os preços disparados de impressão, aproximadamente £ 4.000 chegam cada mês, em centavos, meias-coroas e cédulas de libra para manter o jornal ativo. Não apenas o jornal tem sobrevivido. Seus leitores criaram algo em estilo, e ele agora tem alguns dos mais modernos equipamentos, e é um dos jornais mais bem produzidos na Rua da Frota.

Opinião Pública e Paz

A Opinião Pública, ao final, irá decidir a questão da paz ou da guerra atômica. Todavia, a luta para ganhar a opinião pública para o lado da

paz é também a luta pela liberdade da imprensa do controle monopolista. William Morris entendeu isso na década de 1880:

O que é “Opinião Pública” em nosso dias em que o dinheiro manda?... Opinião Pública, isso é, a Imprensa, é, nos dias de hoje, como toda empresa privada, uma preocupação mercenária de promover lucros. A Imprensa de hoje é estabelecida, em primeira instância, para fazer dinheiro em cima da ignorância, curiosidade e credulidade do público. Seja verdadeiro ou falso, seja bom ou mau, você pode imprimir e distribuir entre as pessoas todo tipo de coisa, desde que você possa pagar por isso. Se você não pode, então, você está à mercê daqueles que podem... O legislador supremo das pessoas “civilizadas” é a Carteira de Dinheiro. Ela manda não apenas na Oficina e no Depósito; ela manda no Parlamento, na Sala de Aula, no Púlpito, e na Imprensa. Em sua última forma a Carteira de Dinheiro exerce seus mais corruptos, seus mais mortais poderes sobre você, porque ela influencia e realmente fabrica a Opinião Pública, a opinião de grandes massas da população, sim, a sua própria opinião, a opinião de todos vocês que são fáceis ou indiferentes o suficiente para comprar isso, e tomar como genuína a que é a moeda mais falsificada do mercado.

Os últimos dez anos, com suas condições especiais, têm visto um arrefecimento de alguns dos métodos mais violentos de construção de impérios e competição no interior do mundo da imprensa capitalista. Mas, ao mesmo tempo, eles têm visto um declínio muito rápido nos parâmetros da imprensa burguesa. Não tem havido necessidade alguma de exercer a censura sobre eles – a censura tem vindo de dentro deles! Jornais que fingem ser “liberais” têm fechado suas colunas de correspondência a toda crítica fundamental de sua política, têm expurgado suas equipes dos articulistas progressistas e maskaram comunicados do Gabinete Exterior e propaganda Americana. Nos assuntos internacionais, por exemplo, qualquer um tem apenas que observar o tratamento deles da eclosão da guerra na Coreia, a

supressão dos comunicados Norte Coreanos, o virtual silenciamento de um especialista, como o Sr. John Pratt, e de uma testemunha ocular como a Dra. Monica Felton.

Em nenhum lugar a Comissão Real de Imprensa revelou mais sua complacência flagrante e parcialidade que em seus comentários atinentes ao tratamento pelos jornais dos Assuntos Internacionais. Aqui ela devotou vários parágrafos para um ataque ao *Daily Worker* (pelo simples motivo de o jornal ter adotado a prática universal na Rua da Frota de inserir comentários nas colunas de notícias e manchetes) e passou uma censura ao *Daily Express* por uma vez negligenciar suas obrigações com a classe capitalista, tanto quanto por relegar “o mais importante pronunciamento acerca da política externa Americana”, do General Marshall, “devotado à crítica franca das ‘práticas inflamatórias’ da União Soviética”, para uma pequena, deveras abreviada, coluna no rodapé da primeira página: além disso, a Comissão não fez mais nenhum comentário sobre o tratamento das relações internacionais por causa “da dificuldade de averiguar os fatos”.

Não teria, entretanto, sido difícil para qualquer estudante inteligente “averiguar o fato” de que pronunciamentos e mais pronunciamentos dos líderes soviéticos sobre paz, desarmamento e abolição dos arsenais atômicos, nos últimos cinco anos, não apenas não alcançam as primeiras páginas da maioria dos jornais diários nacionais; e que – se eles foram sequer mencionados – têm aparecido somente como uma frase isolada, retirada de seu contexto e emoldurada com comentários irônicos. A verdade do assunto é esta: em suas últimas análises, os membros da Comissão Real estavam interessados apenas

em julgar a imprensa pelas balizas de sua habilidade em servir à sociedade capitalista.

A luta por liberdade deve continuar

Hoje em dia, de fato, a situação é muito grave. É grave não somente para Socialistas, Comunistas, pacifistas – para aqueles que sustentam opiniões que os Lordes da imprensa têm decretado serem “impopulares”: é grave para todos aqueles que se importam dois centavos com nossas grandes tradições Radicais, que sinceramente desejam que mesmo seus oponentes devam ter o direito de expressar suas opiniões. A purga de opinião dentro do monopólio da imprensa capitalista tem chegado à fervura: mesmo a palavra “paz” foi extirpada em alguns jornais, até que seus leitores começaram a reclamar. Os diários nacionais, em sua busca pelo sensacional e corrompido, atados ao rumor mais selvagem ou ao incidente mais trivial, aproveitam toda oportunidade para inflamar a incompreensão entre nós e a população Russa. O jornalismo comercial (como as estrelas de cinema Britânicas) está começando a pavonear um sotaque Americano, e os leitores Britânicos são servidos com colunas elogiando o “Modo de Vida Americano”. Aonde quer que jornalistas honestos resistam a esses processos, não importa quais sejam sua experiência e reputação, eles perdem seus empregos, feito fossem moleques de recado, como nos casos recentes de Tom Hopkinson e James Cameron, do *Picture Post*.

Em assuntos internos, não existe, agora, um único jornal capitalista com o qual se possa contar para uma cobertura isenta – quanto mais para apoiar – a crescente luta da população Britânica em defesa de suas condições de vida, seus serviços sociais, habitações e escolas.

Quando os trabalhadores irrompem em greve, mais rápido que nunca o *Daily Herald* será encontrado, ao lado do *Daily Mail*, a traficar causos assustadores sobre “Conspirações Comunistas” e “agentes”, os quais são tão ridículos que até os quadrinhos infantis parecem sen-satos, comparados a eles. Apenas o *Daily Worker*, com seus experien-tes correspondentes industriais e seu lastro de boa-vontade entre os sindicalistas em cada canto do país, pode ser acreditado em dar uma liderança sincera e combativa às pessoas em sua luta contra o de-semprigo, a carestia crescente e o custo de vida, nos meses recentes.

No topo disso, todas as outras brechas para opinião estão sendo fechadas. O controle Americano sobre as fontes de suprimento de papel, combinado com seu voto sobre nosso comércio com a União Soviética, e a prioridade dada aos artefatos de guerra nos nossos gastos em dólar, tem levado a um aumento fenomenal no preço da impressão e de todos os tipos de papel. Em 1951 (de acordo com a *World Press News*), no ano todo, a cada semana, um jornal Britânico ou periódico fechava as portas. Livros, que sempre foram um luxo para os trabalhadores industriais, agora, estão ficando além do alcance até de profissionais liberais, técnicos, professores e estudantes, para quem eles são os “instrumentos de trabalho”. 1952 promete aumen-tos adicionais nos custos.

Hoje, o *Daily Worker* tornou-se um dos últimos canais para a circu-lação de opiniões livres, o único jornal a postar-se entre a população e a campanha sem precedentes de mentiras e a guerra de propaganda da imprensa capitalista. Enquanto existir o “Diário”, então em cada grande oficina ou fábrica, ferrovia, porto ou mina, haverá leitores que

podem lutar por sensatez e verdade. Sem isso, nosso povo iria vagar na escuridão total, cego e enganado, para um desastre certo.

Mas, não é suficiente apenas continuar e salvar nosso jornal. Nós precisamos ganhar novos leitores semana a semana. Esse é o desafio.

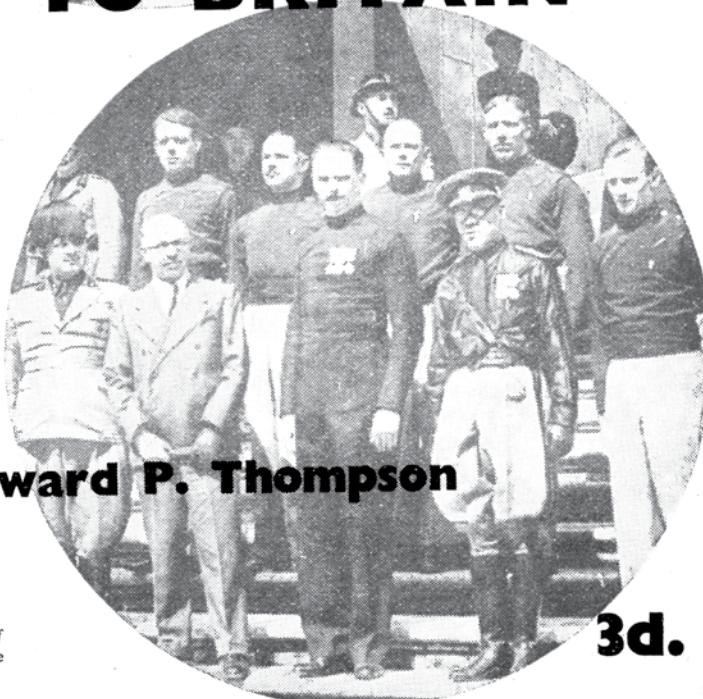
Essa é uma porfia tão severa quanto aquelas que Cobbett, Carlyle ou Hetherington tiveram que encarar. Mas, se nós aprendermos com esses tenazes pioneiros o senso, não de defesa, mas, de *desafio*, afronta, então, nós conseguiremos.

FASCIST THREAT TO BRITAIN

E. P. Thompson
Farleigh Press, 1947



FASCIST THREAT TO BRITAIN



By Edward P. Thompson

*For description of
pictures see inside*

3d.

The author, Edward P. Thompson, is the brother of Major Frank Thompson, executed by Bulgarian fascists during the war, and the son of Edward Thompson, celebrated writer and historian. Edward Thompson is 23 years old. He joined the Communist Party in 1942 while at Cambridge studying history. In the same year he was elected President of Cambridge University Socialist Club.

His war service during 1942-1945 included service in North Africa, Italy and Austria. He fought as a tank troop leader from Cassino to the Po Valley.

After the war, he returned to Cambridge and took a war degree in history with first-class honours.

In 1947 he visited Bulgaria with his mother as honoured guests of the Prime Minister, Georgi Dimitrov, and the Bulgarian Government.

COVER PICTURES

Top: Before the war, fascists try to march through East London, are protected by police, but are stopped by angry Londoners.

Bottom: Mosley poses in Rome with Mussolini's fascist criminals.

FASCIST THREAT TO BRITAIN

SINCE the war ended we've all been more or less busy attending to our own affairs. As that grim mushroom of smoke dispersed from Nagasaki we turned with a shudder of relief back to the business of piecing our lives together where we were forced to leave off. Now the crisis claims an effort from all of us to pull the nation through.

But during this time another gang of people have also been very active—the British fascists.

Although they have made one or two showy appearances, their main activities have been quiet and underhand. For every time a fascist has openly shown himself, you can be sure that there have been weeks of cautious purposeful work. Old supporters in business and political life, in the high ranks of the Services, on national and local newspapers, and among the spivs and drones of high society have been contacted once again. Chains of "study-groups" or "ex-service groups" of dupes and criminals have been established.

Now these people have had the audacity to come (only partly) into the open with a national organisation.

Sir Oswald Mosley has formed a new British "Union".

THE "DEATH WATCH" AT WORK

You need not tell me that you are sick and tired of the word "fascism". The whole world is sick and tired of it. The earth is sour with the blood it has shed. We would rather forget the tragedies of war and get on with our own jobs.

This is exactly what the fascists want us to do.

I am writing this pamphlet because I believe that this revival of fascist activity in the streets of our own cities is as much a personal affair to every one of us as our jobs, our house-hunting, or our private plans. And it is the affair with which we must deal *first*, because if we do not then all other plans for the future make nonsense.

I don't suggest that Sir Oswald Mosley will come to power tomorrow. But I know that in a matter of weeks his movement

can bring physical and psychological terror into the lives of thousands. It can corrupt the whole of the nation's political life.

Fascists resemble nothing so much as the Death Watch Beetle. Tirelessly they attack the great timbers of our society until the whole fabric is so riddled and honeycombed that the structure crashes on the heads of the people. As long as they are allowed to work, the Death Watch is in our own homes and our own futures. They are capable of pulling down the whole of civilisation in their effort to grab power.

BACK TO THE BEAST

There are many things which we take for granted every day, when we read our favourite paper or speak our minds in the pub. We take for granted freedoms for which men once fought, died or served long terms of imprisonment. We take for granted common standards of behaviour among our fellow-men—we don't, for instance, expect to be stopped by a gang of thugs and be kicked to death in the street. We take for granted civilisation.

But the history of the human race is littered with civilisations which failed. Some have perished so completely that we must search for clues of them among long-buried rubble and shreds of pottery.

It was in our own time that the features of a great new world civilisation began to appear. The common people everywhere began to learn how they might seize hold themselves of the controls of history and guide their own future. Great scientific discoveries brought near a high standard of living for the people of the world. The future promised to be stable, a world civilisation advancing from strength to new strength, because it would be based not upon aggressive wars and exploitation but upon the freely-expressed will of working men and women. We stood on the threshold of success.

And in this moment civilisation was attacked by a barbarism more brutal and cold-bloodedly murderous than any in the recorded annals of man.

This is no overstatement. It is a fact, and it is a fact which we all know.

The people of London and of Coventry can give testimony. So can the people of Lidice. Of Guernica. Of Kiev and Leningrad.

Throughout Europe and Asia gas-chambers and mass graves

were opened, families were torn apart, trade unions and hard-won freedoms were bloodily stamped out, our cultural inheritance was defiled and burnt. The trees in the parks of beautiful cities were turned into gallows, jackboots passed up and down under the windows at night.

This barbarism was the barbarism of fascism. Fascism may come under different disguises. But it is always the same thing, whether it comes in Germany, Japan or England. It uses the same brutal methods. It stirs up the same hatreds. It is always aimed against the people. Its followers are trained to act as beasts rather than as men. If they had succeeded—and aren't we forgetting how nearly they *did* succeed?—one more civilisation, our own, would have perished.

Learning and art would have been throttled. Stricken by the devastation of war, the people oppressed and sullen, the economy of the world would have shuddered to a halt. History would have been scrubbed out. Somewhere on the earth, in many hundreds of years, Man would have started on his long climb again. This I believe to be the sober truth.

THANKS TO OURSELVES

We know that we have ourselves to thank that this did not happen—ourselves, and the Red Army and the resistance movements. What happened instead was glorious and inspiring. Deserted often by their leaders, with traitors in their midst, the common people of the world took up the challenge. In the great expanse of China and the dry sierras of Spain men and women took up arms. The slogan "They Shall Not Pass" greeted the fascists on the walls of Madrid and in the streets of Bermondsey where the Blackshirts tried to march. The fascist tide reached out as far as Stalingrad, Indonesia, El Alamein—and then the people hurled it back. Surely we have not forgotten already the days of the great Red Army offensives, when we clustered round the wireless to hear Marshal Stalin's Orders of the Day, and the people of Moscow celebrated with salutes from a hundred guns? Or the final assault on the fascist blockhouses of Cassino, the bloody wrestling for Caen, and the great leap over the Rhine? Or yet the first news which came through to us from Yugoslavia, of how the peasants had taken to their wooded mountains, fighting without boots or equipment, and with only the arms which they tore from the enemy's hands?

Many peoples took part in this fight. It's no use pretending that the war aims of all the national leaders were exactly the same, or that everyone in the British Army for instance, agreed perfectly. But on one thing every nation and every individual was in complete unity. And that was—that the war was being fought to end this thing, fascism, for all time, to crush it without a trace.

I remember the discussions we used to have in the Army. They used to be heated discussions, and there were a good many opinions held on every subject. But when it came to fascism there was very little left to discuss, except the best way to fight it. And as we learnt more about the Nazis so our determination grew.

As for Sir Oswald Mosley and the other friends of Hitler in England, our opinions were very strong. In general, we thought that if Mosley and his friends ever caused any trouble in the future, they would get what was coming to them. But none of us really thought that they would ever have the cheek to show their faces again.

MOSLEY IS RELEASED

We got our first shock when Mosley was released from prison. Do you remember the news? It came just after the bloody fighting to gain a grip hold at Salerno.

There was a lot of talk about his thrombo-phlebitis. We were told that he was "bedridden," that he might have to have a leg amputated, and that he needed "more exercise." Anyway, he was let out.

I was overseas at the time, and I will not forget the setback the news gave us. We remembered that Hitler was best man at Mosley's wedding.

Later I heard about the reaction of the British people at home. Thousands gathered to demonstrate, and hundreds of thousands signed petitions demanding that Mosley be sent back to jail. Organisations representing over ten million British warworkers—including the T.U.C., the Co-operative movement, the Labour Party and the Communist Party—protested.

But the Labour Home Secretary, Herbert Morrison, preferred to trust the judgment of his Tory associates to the sense of justice of a whole people.

Another Labour Minister called the storm of popular protest "mob hysteria."

THE FASCISTS COME BACK

We couldn't get Mosley put back to where he belonged, but at least we got him rattled. He kept pretty quiet for the next few months.

I don't know whether his leg got better or not. I do know that he had the opportunity he wanted to plan for a revival of his activities.

The general outline of the fascist plans soon became clear. They came out not in one but in several new disguises. Do you remember how some of them came into the news? Captain Gordon-Canning, one of Mosley's old lieutenants, who paid £500 for Hitler's bust at an auction at the German Embassy? "Kingdom House," the headquarters of a "Legion of Christian Reform"? Sir Oswald Mosley's plans for becoming a "publisher"? The great 18B "re-union dance" (December 15, 1945) at the Royal Hotel, London, when there were hysterical cries of "Mosley!" and the fascist salute was given? And more recently the "British League of Ex-Servicemen" (its main speaker, Mr. Geoffrey Hamm, an old Blackshirt leader) which has been selling Sir Oswald's pamphlets, peddling the old fascist lies and reintroducing the old fascist methods of thuggery in peaceable districts of London?

Now Mosley is uniting all these small fascist groups into his "Union Party."

He does not seem at all perturbed that his old colleagues of the B.U.F. days, William ("Lord Haw-Haw") Joyce, Amery and Cooper, have been hanged for treason.

The fascists have come back.

SOME STRAIGHT FACTS

There are some things which we must get clear about fascism.

1. *Fascism is not a term of abuse.* It is a political term with an exact meaning. It describes the organisation and ideas employed by the most reactionary and vicious sections of big business in their efforts to crush the people.

2. *Fascism is anti-democratic.* It is out to destroy every freedom. That is why it came into existence.

Fascism breeds in the last stages of capitalism. Whenever the capitalist class can maintain its position by keeping control of the Parliament or democratic organs of government, it is content to do so.

But wherever the people have threatened, by democratic means,

to expropriate the capitalist class and socialise the means of production, the big property-owners and industrialists have called in fascism to their aid. They have paid huge sums of money to these gangs of adventurers and thugs to exploit the misery which capitalism has created among the people, to drive divisions in the progressive movement, and finally to seize power by force and stamp out all democratic liberties. This is the last hope they have of protecting their own property and interests.

3. *Fascism has never achieved power by democratic means.*

Not in Germany—Hitler was called in by Hindenburg, the German President, and held power by ruthless destruction of the trade unions, Socialist and Communist Parties, and by mass executions and imprisonments. In the last election before they took over the Nazis lost two million votes.

Not in Italy—Mussolini's “march on Rome” took place in a railway sleeping car. He was called to power by the King, and assisted to hold power by the Army.

Not in Bulgaria—the fascists took power in 1923 by military *coup d'état*. Thousands of Bulgarian peasants and workers were killed or driven into exile in the struggle.

Not in Spain—Franco was thrust in power by German and Italian armies and equipment, over the bodies of the Spanish people, while the British Government “kept the ring.”

Not in Greece—the fascists there are held in power by British troops and American arms and loans. The Greek people are still fighting.

4. *Fascism is always aimed at the people.* Fascists may present all sorts of policies or contradictory policies at the same time. They may promise to soak the rich and bring great benefits to the working class.

But the truth is the opposite. In Nazi Germany and Fascist Italy bankers, millionaires and industrialists thrived, as they do in Franco Spain today. The men who paid the money into the fascist funds drew their interests in huge war profits.

The working people are those who suffer. Fascism slashes their standard of living and bans the trade unions and organisations through which they could fight back.

For the people fascism means a return to serfdom.

5. *Fascism gains and maintains power by crime and violence.* Fascist methods are criminal methods. Fascists have no use for the democratic rights which they demand for themselves. They prefer to gain power by lies, rumour-mongering, forgeries,

intrigue, lead piping and jackboots, assassination and terrorism rather than by straight political argument. Once they seize power the whole force of the State is turned to organised gangsterdom. The evidence of the war and of the Nuremberg trials has proved this without question.

6. *Fascism aims at war.* The fascist "solution" to the internal problems of a country is to switch over to armaments production, to launch wars of aggression and to pillage other countries and make slaves of their peoples.

7. *Fascists are the same the whole world over.* Wherever the conditions are the same, the same disease appears. The fascists have the same "policy," the same criminal methods, and the same "solution" of aggressive war.

Wherever the Nazis marched in the war they found quislings to sell their own countries to them, at the price of keeping down the people.

If they had come to England they would have found quislings here too.

THE BRITISH FASCISTS

British fascists are just the same breed as German fascists or Japanese fascists.

They imported many of their methods directly from Germany and Italy—the blackshirt, the "Heil, Mosley," the detachments of thugs, the spreading of lies about trade unions and about the Jews, and the beating-up of hecklers.

The fascists started their open activities in our last severe economic crisis in 1930. They did their utmost to exploit the misery of our people during the period of mass unemployment, and to blind them to the real causes of the crisis.

Just as Thyssen, Krupps and the great industrialists of Germany backed Hitler behind the scenes in his rise to power, so many leading members of the British aristocracy and of industry were associated with Mosley. The *Daily Mail* in 1934 conducted a publicity campaign on behalf of the fascists, and the late Lord Rothermere contributed a leading article headed "Hurrah for the Blackshirts!"

Thanks to the way the British people fought back against Mosley and his thugs, the fascists were unable to do here what their cousins did in Germany. But Mosley has always been kept in the background by the capitalists, who knew that they might need him again.

Now, with the war over, a Labour Government is in power.

We are rapidly approaching an economic crisis as grave as any in our history. We have very hard times to come if we are to emerge a strong and independent nation. The workers of Britain are increasingly urging their Government to take stern measures against the great bankers and industrialists, and to meet the crisis by transferring the means of production into the hands of the people.

Do you think it is an accident that this is the very moment the fascists have chosen to take up their old activity?

THE CRISIS

Of course, it is no accident. This is the precise moment that we might expect the fascists to renew their activities.

Let us look at some of the propaganda which the fascists are bawling from their platforms.

1. *A demand for strong leadership.* (Mosley is sometimes put forward as a "strong" leader. God knows why. When he stood as a candidate at Smethwick before the war his father wrote in a letter to the press that Oswald "had never done an honest day's work in his life.")

We ought to know what they mean by this now. The "strong" leader they want is one who will attack without mercy the Trade Union and Labour movement, and suppress all freedom of thought and speech.

The people do want strong leadership. But not of this sort. They want leaders chosen from among themselves and answerable to themselves, from the workshops and the mines. They want leaders who, above all, are devoted to the cause of freedom, and who fight determinedly for the people's interests, meeting ruthlessly the sabotage of fascists and vested interests.

2. *Howls about bureaucracy and restrictions.*

We know this, because it is the same as the Tory line.

Bureaucracy is an abominable thing, and the less of it the better. But the fascists want to substitute for it only an aristocracy of thuggery; red-baiting in place of red tape. The real answer to bureaucracy is to give representatives of working people a greater share in running the country and industry.

3. *Vicious attacks on Jewish citizens.*

This is an import which we could very well do without in this time of crisis—a Nazi import.

Everyone knows that this is just one more trick to get the British people to look over their shoulders (as many of the

German workers did in 1933) so that the fascists can knock them down.

Most of what the fascists say about the financial power of British Jews is sheer invention. Is it Jewish capital which is dominating British policy now? Or is it American? Is it the Jews who are demanding the lifting of price controls, the freezing of wages, the cutting of social services, and the lowering of our standards of living? Or is it the Tories?

The vast majority of British Jews are our hard-working neighbours. They work at the next bench or the next desk. They fought in the same company and squadron with us in the war, and now many of them lie dead overseas. While we were fighting we never troubled to ask them whether they were Jews or not. If they were anti-fascists that was good enough.

A moment's thought will show what nonsense this fascist propaganda is—and what sickening filth it is, coming as it does from the mouths of many ex-18B detainees. The Nazis butchered more than 6 million Jews during the war. Isn't that enough?

THEY HIDE THE TRUTH

One thing is clear about fascist propaganda. It aims to divide the progressive movement and to divert the attention of the people from the real causes of the crisis.

The crisis is not caused by Jewish finance or by restrictions. It is produced by causes far deeper than that.

It is the culmination of a process which has been developing for many years past. It is the result of all the years of Tory rule before the war and capitalist neglect to equip our basic industries with modern machinery. Now we are challenged by greedy American big business, which is seizing market after market.

Above all, the crisis has come because we have not yet got a planned Socialist economy. Only with greater planning and vigorous attacks on the capitalists will the crisis be solved.

This is exactly what the fascists are trying to hide from the people.

IT IS EVERYBODY'S BUSINESS

The fascists are a dangerous menace in our country.

They are like a cholera epidemic, which starts with a few isolated cases. If the British people are to get through the grave days ahead, and preserve intact their freedoms, the fascists must

be stopped. Both the Government and the people must take immediate measures against them.

But first let us look at some of the objections which are being put forward whenever it is suggested that the fascists and their activities should be banned.

These objections come from various sources. They are voiced loudly in certain sections of the Tory press.

They also come from some Labour Government leaders, who have not yet learned the lessons of events in Europe.

1. *"The police already have enough powers to deal with them."*

If they have, they should use them. If they have not, they should be given the powers they need. The "Caunt" case has shown that no powers exist to prevent written anti-Semitism, however provocative.

Only a handful of fascists have been cautioned by the police or bound over for their incitement. On the other hand, a good many anti-fascist ex-Servicemen have been brought into court for protesting and demonstrating at their meetings.

When the fascists commit violence, the police can't take any action until *after* it has been done. They have to find the culprits. In fact, when aged Jews were beaten up in the East End of London before the war, it usually happened that the police *couldn't* find the culprits. At the great fascist rally at Olympia in 1934 many hecklers were thrown from the doors bleeding and severely injured. They fell at the feet of the police. The police explained that they could do nothing since the meeting was on private property and they had "seen nothing happen."

It is quite clear that the fascists welcome the police at their meetings—not as a warning, but as protection from the justice of the people. So did the Nazis.

2. *"Fascists are cranks." "If we take no notice of them they'll soon give up."*

Many fascists are cranks. They are men with grudges, with inferiority complexes or with criminal records. A few are misguided idealists.

But they are no less dangerous for being crooks and half-wits. It was from such a rabble as this that Mussolini and Hitler built up a dangerous organisation. From them they got unquestioned worship and obedience. They used them as mouth-pieces for their lies and agents of their terror. From influential sources they got the money to pay these storm-troopers. As

soon as they came to power many of their own followers—the idealists and dupes—were quickly murdered.

Remember fascist methods are criminal methods. If they don't attract attention by bawling through loud-speakers, then they will beat up the passers-by until they do. The more that honest citizens ignore them, the more they will filter into the whole of our society and make ready for a grab for power.

3. *“They've got the right to speak their own minds.”*

Have they? We don't let a homicidal maniac run “free” up and down our streets at night. Why should we give fascists “freedom” to destroy our society?

The freedoms of the British people to speak their minds and write what they like are glorious freedoms. They were not written into the Magna Carta or granted from on high. They were wrested from the capitalists after bitter struggle by the people. By men like Thomas Hardy, the shoemaker, and Richard Carlile, the bookseller. The right to vote was won by the Chartist and their successors, by the workers from the cotton mills of Lancashire, who met in torchlight demonstrations on the moors, and the miners of South Wales, who silently drilled with home-made arms at night. The right to organise and to strike was won after years of struggle, lock-outs, and near starvation by hundreds of thousands of workers.

Those freedoms we have already won are worth our care. We should defend them with inflexible purpose. We should deny them to Fascists.

4. *“Most of the trouble is caused by Communists.”*

No great prize is offered if you can guess the source this story comes from. It comes from the Tories and from the friends of the fascists.

The aim of the story-tellers is to present fascist outrages as nothing more than part of a private quarrel between them and the Communists. The poor fascists are “silly little” men who would be quite harmless were they not provoked and enraged by bad-mannered Communists who ask questions at their meetings. These writers sometimes go one step further and applaud the fascists for standing up to the “Communist menace.”

The fascists are very grateful for this propaganda, since it falls into line perfectly with their own. By exactly this propaganda the progressive forces in Germany were split, and the Nazis poured in through the breach.

Certainly, we Communists are not ashamed of our record in fighting fascism. In every part of the world Communists have been among the first to resist the fascist barbarism and to defend the people. We have lost many of our finest comrades, tortured to death in concentration camps, shot by firing squads and dying among snow-covered mountains with the partisans.

British Communists were among the first to resist the Black-shirts here. Many of the British volunteers who went to fight the fascists in Spain were members of our Party.

But we know that anti-fascism isn't a Communist monopoly, just as we know that fascism threatens, not Communists alone, but all democrats. We know very well that some of the bravest anti-fascists have disagreed with us on other of our views.

Now, once again, we are not the only people who are demanding that fascist activities be stopped. Many sections of the Labour and trade union movements are demanding the same. Several Borough Councils have already protested to the Home Secretary. So have many Labour M.P.s. At the Trades Union Congress, where eight million workers were represented, the General Council was instructed to put firm demands to the Government.

You who are reading this may be a Labour, Liberal, Conservative or Communist supporter. You may be a trade unionist or Co-operator. Whatever your political beliefs we ask you, in your own interest, to stand together on this. For if we do not act very soon, democratic discussion and decent living may become impossible.

WHAT YOU CAN DO

Here are some of the things which we must all do.

1. Demand that the spreading of specifically fascist doctrine should be outlawed.
2. Demand that the spreading of racial hatred and anti-Semitism should be made a crime.
3. Demand that existing laws regarding "incitement to violence" and behaviour "calculated to cause a breach of the peace" should be strictly enforced: that police should be sent to fascist meetings to make arrests and not to afford protection.
4. If the fascists come into your locality, get all the inhabitants to sign a petition of protest to the Home Secretary.
5. Urge your Borough Council, trade union, or the political organisation to which you belong to go on record for the out-

lawing of fascism and send the resolution to the Prime Minister, Home Secretary, your M.P., etc. Co-operative, ex-Service and other democratic organisations have an equal interest in doing this.

6. Write personally and in groups to your M.P. and persuade him to take up the matter in the House of Commons.

ETERNAL VIGILANCE

The Labour Government has been guilty of gross neglect of its duty. But we, the people, can make them take the action we demand. Great sections of the Labour movement are already pressing them to act.

And when they have acted, do not let us be content with legislation alone. The only safeguard for our freedoms, if we are to prevent further bestialities and wars, is the constant un-sleeping vigilance of the whole people.

Remember that for every fascist who shows himself on a street corner, there are three or five who are waiting their time behind the scenes. Do not forget that wherever the fascists have become strong, great sections of the aristocracy, the bankers, the industrialists, the spivs and the drones have flocked to their side.

As long as capitalism and big business remain, and are threatened by the people, fascism burns like a volcano under our feet. We may block it here or there. But it will burn up again in another place.

The B.U.F. has changed to the League of Ex-Servicemen. The League has changed to the Union Party. The Union Party may change to a movement for "Christian Reform" or a "Rally of the British People."

But through all these disguises you will see the marks I have described—the marks of the beast.

If the jackboots are not to march again; if the tormented weight of human flesh is not to hang from the trees of our parks; if the voices of those who love freedom are not to be heard through prison walls; if we are not to meet in secret, distrusting our families, our children, our friends; if we are not to listen for the footsteps at night; if we are to save civilisation . . .

I have one more story to tell. The Government tells us now to take no notice when the fascists come: to stay indoors and draw our curtains. What a curious thing! This is what the same people said before the war of the Blackshirt marches.

The Blackshirts marched in the streets, broke open the windows, assaulted the passers-by.

But then something happened. The people stopped listening to this advice. Two thousand five hundred Blackshirts planned a march through the East End of London. Four times as many police were detailed to "protect" them. The people were advised to stay indoors.

But the people put up barricades in their streets. They stood 300,000 strong in the way of the fascists. The police could not beat a way through the bodies of the people for the Blackshirts to pass.

The streets were not defiled. And the fascists did not come back.

If we are to save ourselves—

We must never drop our guard.

We must place our bodies between the fascists and our freedom.

JOIN

*The surest safeguard against Fascism in
Britain is a stronger Communist Party*

THE COMMUNIST PARTY

the Party which was the first to recognise the menace of Fascism, has been the most vigilant and determined in exposing it, and has fought it from the start.

*Fill in this form, cut out and send to the
Communist Party, 16 King Street, London, W.C.2*

NAME

ADDRESS

Published by the Communist Party, 16 King Street, London, W.C.2.
and Printed by Farleigh Press Ltd. (T.U.), Watford, Herts. CP/O/70/11/47.

THE STRUGGLE FOR A FREE PRESS

E. P. Thompson
A People's Press Publication, 1952

The

POOR MAN'S
GUARDIAN

NORTHERN STAR

Struggle

COMMONWEAL

THE CLARION

For A

DAILY HERALD

Free

DAILY WORKER

Press

BY E. P. THOMPSON

Price Sixpence

The Struggle For A Free Press

by E. P. Thompson

A PEOPLE'S PRESS PUBLICATION
London, April 1952

Published by Peoples Press Printing
Society Ltd., 75 Farringdon Road,
London, E.C.1, and Printed by Haynor
Publications Ltd. (T.U.), London,
S.E.1.

"IF there ever was in the world a thing completely perverted from its original design and tendency, it is the press of England; which instead of enlightening does, as far as it has any power, keep the people in ignorance; which, instead of cherishing notions of liberty, tends to the making of the people slaves; and which instead of being their guardian, is the most efficient instrument in the hands of all those who oppress, or who wish to oppress, them. . . . It is by the semblance of freedom that men are most effectually enslaved. Would you rivet their chains never again to be loosened; would you stifle the voice of compassion towards the injured and oppressed; would you provide complete impunity to the oppressor? . . . your means are the names and forms of freedom and of justice. So, likewise, if you would suppress the promulgation of truth; if you would propagate falsehood; if you would engender and perpetuate ignorance; if you would rob of its utility experience; . . . if you would prevent the natural effect of observation and feeling, the most, and, indeed, the only effectual means, is a shackled and corrupted press; and that such is the press of England no honest man will attempt to deny."

It is nearly 150 years since the great Radical, William Cobbett, made this uncompromising judgment on the press in his *Weekly Political Register* (April 11, 1807). Today, of course, the words of the old trouble-maker are out of date. Was not a Royal Commission appointed in 1947 to investigate the Press, and did it not (after two years of munching and rumbling over the evidence) conclude: "It is generally agreed that the British Press is inferior to none in the world"?

Perhaps. And yet I remember that in 1947 my wife and I had the bad luck to get beaten up by a gang of Fascist thugs in Trieste, for the crime of reading a Socialist newspaper near one of their meetings. In the process my wife lost some of her clothes, which made good "copy." When we got back to England it was quite an education to find out what really happened. One national newspaper described the platinum blonde with knuckle-dusters who led the attack. Another managed to suggest that the Communists were at the bottom of the trouble (in one sense they were!). The fact that this was only one among many such examples of unreproved shameless thuggery against the Left in a city under British military occupation did not merit a mention. Nor did our corrections of fact, or our comments upon the business, since the news (we were told) was already "stale." No doubt the editors would have done something for us if only we could have got beaten up again.

I would not have mentioned this unimportant incident, if it had not been for the fact that I was in a fairly good position to view the press "inferior to none in the world," since my own nose was the raw material for this particular tissue of falsehood. But no doubt every reader will have better examples than mine. It is only necessary to imagine this kind of calculated and sensational dishonesty when it is applied to some incident of grave international implications.

Certainly if you are a docker, or have ever visited the Soviet Union or Eastern Europe, you will have had ample opportunity to compare your own experience with the travesties of fact appearing in nearly every national newspaper. In fact, if you go into your nearest Reference Library and compare a newspaper of one hundred or one hundred and fifty years ago with a mass circulation daily today, you will discover that—not only does every word of William Cobbett still ring true—but that there has been an absolute degeneration of the British Press since the day when his judgment was written down.

The first censorship

This is a sad state of affairs to find in our famous "free" press, and a sad betrayal of those who fought to make it free. But, before we can understand how the present chains were shackled, we must see how the older ones, of censorship and open persecution, were loosened. From the first introduction of the printing press into England at the end of the 15th Century, rulers have feared its power. In the 16th Century, the Government sought to maintain complete control over every publication, by means of a rigid censorship, and by limiting printing presses to London and the universities. Not only the Privy Council, but also the Church, the London Corporation and the Stationers' Company had the power to censor manuscripts: and the censorship extended to poetry and plays, as well as to political and religious pamphlets.

Nearly all Elizabethan writers had some unpleasant brush with these censorships, and Shakespeare himself wrote of "Art made tongue-tied by Authority." Thomas Nashe, an early novelist and pamphleteer, complained of the "legion of mice-eyed decipherers" who sat up "night and day in sifting out treasons": it was only necessary to put down the word "rush" for some upstart lawyer to conclude "it is meant for the Emperor of Russia, and it will utterly mar the traffic into that country if all the pamphlets be not called in and suppressed, wherein that libelling word is mentioned." Today the boot is on the other foot!

The Star Chamber

As the strength of the merchant and trading class increased, the Crown became more and more vicious in its attempts to suppress the free publication of opinion. A rigid censorship was imposed by the

notorious Court of Star Chamber, inflicting severe terms of imprisonment and mutilation against offenders. In 1637 Prynne and two other pamphleteers were sentenced to the pillory, to have their ears cut off, to a fine of £5,000, and to life imprisonment. In addition, Prynne was sentenced to have the letters "S.L." branded on his cheeks for "Seditious Libeller." When on the scaffold awaiting his sentence, this staunch Puritan addressed the people, declaring:

"It was for the general good and liberties of you all, that we have now thus far engaged our own liberties in this cause. For, did you know, how deeply they have entrenched on your liberties in point of Popery; if you knew but into what times you are cast, it would make you look about you."

Upon the executioner breaking off his speech, he bore his sentence with unflinching courage. Such was the mettle of the early pioneers of the freedom of the press.

John Milton and John Lilburne

During the English Revolution a flood of pamphlets, petitions and papers came from the press, reaching a very wide section of the people, from the artisans and apprentices of London to the rank-and-file of the New Model Army. Not only Republicanism, but also atheism and advanced democratic and even communist ideas were eagerly discussed by the people in the taverns and around the camp fires. "When I came to the Army, among Cromwell's soldiers," wrote one shocked Puritan divine:

"I found a new face of things which I never dreamed of. I heard the plotting heads very hot upon that which intimated their intention to subvert both Church and State. . . . A few fiery, self-conceited men among them kindled the rest and made all the noise and bustle, and carried about the Army as they pleased. . . . A great part of the mischief they did among the soldiers was by pamphlets which they abundantly dispersed. . . . And soldiers being usually dispersed in their quarters, they had such books to read when they had none to contradict them."

The representatives of the big landed and commercial interests were afraid that the Revolution might be taken further than was to their liking, and the censorship, which had been reimposed in 1643, was once again enforced. The most famous victim was John Lilburne, the Leveller leader, who had already been pilloried, whipped through London, and manacled hand and foot in prison for importing Puritan writings from Holland in the reign of Charles I. Between 1646 and his death in 1657 "Honest John" (although twice acquitted by jury) was repeatedly imprisoned, and once exiled, for publishing "sedition" and "malicious libel." Other Leveller pamphleteers suffered the same fate.

Meanwhile, in 1643, John Milton had written his famous *Areopagitica: or Speech for the Liberty of Unlicensed Printing*. The freedoms

Milton demanded were by no means universal or without restraint. In particular, he wished to deny these freedoms to the Catholics, whose agents—supported by foreign powers—were prepared to stop short of no method of terror or treason to overthrow the Revolution. But the arguments he put forward have long been appealed to by succeeding generations.

“ Give me the liberty to know, to utter, and to argue freely according to conscience, above all liberties,” declared Milton. He compared the attempt to suppress ideas by means of censorship “ to the exploit of that gallant man who thought to pound up the crows by shutting his park gate.” The suppression of opinion, he said, leads not to unity but to “ a gross conforming stupidity, a stark and dead congealment of wood and hay and stubble, forced and frozen together.” It would be difficult to find a better description of the capitalist press today.

The end of licensing

The Restoration of Charles II confirmed the old censorship, by which all books must be licensed by Government officials before publication. But, as the country settled down, the need for this rigid censorship no longer appeared so urgent. After 1688 a good working compromise existed between the crown and the landed bourgeoisie, whose power seemed in no way threatened. No large industrial proletariat had yet come into existence, and the peasants, farm labourers and workers by and large could not read.

Many of those artisans who could had turned in despair to the world of Bunyan’s *Pilgrim’s Progress*. There seemed to be little danger in extending “ freedom ” at a time when no one dangerous existed to make use of it ; and in 1695 the Licensing Laws were quietly allowed to drop out of existence. The laws covering sedition, treason, blasphemy and libel were thought sufficient to keep the press in order.

Wilkes and liberty !

The true face of the bourgeoisie was only revealed at the end of the 18th Century, when a section of the people arose who intended to put this freedom to good use. During the years before 1760 resistance to the corrupt aristocratic Government of the time had been growing, and an increasing number of weekly papers and pamphlets were published demanding some measure of Reform. One of the most outspoken was *The North Briton*, run by John Wilkes, at this time a political adventurer and courageous rogue rather than a champion of the people’s rights. The first number of this paper opened with the prophetic words: “ The *liberty of the press* is the birthright of a BRITON, and is justly esteemed the firmest bulwark of the liberties of this country.”

When, in Number 45, Wilkes published a forthright attack on the King’s Speech, the Government decided to strike, and issued a general

warrant to arrest everyone connected with the publication of the issue. On April 30, 1763, Wilkes and 48 others—printers, compositors and booksellers were arrested. For five years the battle swung to and fro. Wilkes got the general warrant declared illegal, and mulcted the Government for damages. The Corrupt House of Commons resolved that “No. 45” was a seditious libel, to be burnt by the public hangman. But here the people took a hand. The bonfire was put out. The hangman was chased off the scene. The Londoners shouted the slogan “Wilkes and Liberty!” and “No. 45” was chalked up on the walls in nearly every town from London to Yorkshire.

The people had taken hold of the movement, but Wilkes himself was changed in the struggle, and led the fight with magnificent tactics, wit and personal courage. When in 1771 the House attempted to assert the right, which it had always claimed, of preventing newspapers from reporting Parliamentary debates (as “breach of privilege”), Wilkes, in the role of a City magistrate, discharged the prisoners and arrested the messenger of the House for assault. The House fumed with rage, but were impotent for fear of the people of London. The King declared he “would have no more to do with that devil Wilkes!” and the first part of the battle was won.

Carlile and his shopmen

The French Revolution of 1789 threw the aristocracy into a panic: and again, from 1816 to 1819 (the year of “Peterloo”), their panic broke out when they saw the middle classes and the rapidly growing proletariat were determined to put an end to corruption and to take a share in power. Both these periods are times of great popular activity and of savage persecution of press and speech. Many books were banned, including Tom Paine’s *Rights of Man* and *The Age of Reason*, and Shelley’s *Queen Mab*.

An indication of the popular tipsurge is that, by 1793, the legal sales of the *Rights of Man* were placed at the astounding figure of 200,000. Cheap editions were sold throughout the time it was banned. In 1795 the prosecution in the trial of Thomas Hardy, the London Reformer, declared that “every cutler in Sheffield had one.” In 1816 and 1817 it was again on sale “under the counter” in many Radical bookshops.

In 1818 Richard Carlile, a London tinsmith, decided to defy the Government and started openly to publish Paine’s writings and other banned books. He was prosecuted for “blasphemy,” jailed for three years and fined £1,500. But this was only the beginning of the fight. His wife carried on the work, and went down for two years. Then an assistant or “shopman” called Davidson followed suit. Two years. Then Jane Carlile, Richard’s sister. Two years again. By now the Government was out of the running. Popular feeling was growing so high that it did not dare to take the limelight of prosecuting, and left the prosecutions to private societies.

Carlile appealed from prison for volunteers, and volunteers came from every part of the country. Money also came in at the rate of

£500 a week. The business thrrove. Banned poems of Byron and Shelley were added to the works of Paine. As one shop was closed, another opened. Volunteer after volunteer went down for his sentence. Several women played a prominent and courageous part in the agitation. For example, Mrs. Susannah Wright was indicted in 1822 for publishing—among other words of Carlile—the forthright opinion that:

“A Representative System of Government would soon see the propriety of turning our Churches and Chapels into Temples of Science, and . . . cherishing the Philosopher instead of the Priest. Kingcraft and Priestcraft I hold to be the bane of Society. . . . Those two evils operate jointly against the welfare both of the body and mind, and to palliate our miseries in this life, the latter endeavour to bamboozle us with a hope of eternal happiness!”

Towards the end of a long and very capable defence, “Mrs. Wright requested permission to retire and suckle her infant child that was crying.” On passing to and from the Court she was cheered by thousands of supporters, and—on her return—she took up her defence where she left off, and carried it to a moving conclusion.

So many were the cases that by 1823 the two main prosecuting societies were bankrupt. In 1825 the Government took a hand again, but popular feeling ran so high that it was the last official prosecution. Carlile spent more than nine years in prison on one count or another; and his 150 volunteers between them served more than 200 years imprisonment before their victory was won. Many men who later became famous in connection with the 19th Century Radical press—among them the booksellers Cleave and James Watson—received their baptism of fire at this time.

The fight for a cheap workers' press

From this time until the present day there have been many political prosecutions under the cover of the laws of “blasphemy,” “obscenity,” etc.; and the law of libel in particular has been used repeatedly against working-class papers. In 1818, for example, there was a famous trial in which the self-educated publisher William Hone defended himself and secured a triumphant acquittal in the face of a Government prosecution for “blasphemy” on the grounds that he had cast his bitter political satire into the forms of religious parodies.

In the 1840s there was another batch of political “blasphemy” trials, notably of the Owenite Socialists and Free-thinkers, Henry Hetherington, Southwell and Holyoake. In 1883 there was a notorious case in which G. W. Foote, the editor of the *Freethinker*, was jailed for three months: and this was followed by other cases, notably in Bradford, which continued into this century. But—while there are still plenty of laws on the statute book which can be used for direct suppression or intimidation of the press—it is important to recognise that Wilkes and Carlile together had won a decisive victory.

At the time of “Peterloo” the industrial working class showed that it was a power to reckon with. Ever growing numbers of workers

could read. In many industrial districts groups clubbed together to buy Cobbett's or Sherwin's *Political Registers*, Woo'er's *Black Dwarf*, Carlile's *Republican* or Hone's *Reformer's Register* and the papers were then read aloud and eagerly discussed.

The authorities did not underestimate the influence of these papers. The years between 1817 and 1820 were ones of continual threats, proclamations and new laws against the Radical press. Cobbett took refuge in America. After "Peterloo" the threat of transportation hung over the head of every Radical printer and editor. Several Radical papers closed down for fear of prosecutions. A comment upon the terror of the time is that some years ago a building worker brought into the office of the *Daily Worker* two bound volumes of the *Black Dwarf* which he had found carefully bricked up in the walls of a house he was demolishing—presumably hidden there in the black days after the Manchester massacre. But Carlile and his followers came forward and took the brunt of the attack. And when the Government found out that they could not even stamp out his opinions (and his opinions were far more extreme than those of many reformers), they were forced to realise that outright suppression of the people's press was both dangerous and futile. From that time onwards financial considerations became of the first importance—the cost of the paper to the reader, and the cost of running a paper independent of big business control.

The first battle—for a cheap press the workers can buy—was fought out in the first half of the last century. The second is the battle we are still fighting, and it is getting fiercer every day.

The "Great Unstamped"

The battle for a cheap press is one of the most stirring in our history, and there is space here only to recount a few incidents. In the 18th Century a stamp tax, and other duties, were imposed on newspapers. These were increased in the first years of the 19th Century in order to keep papers out of the reach of the "ignorant." The people called these the "Taxes on Knowledge." In 1830 they amounted to a 4d. stamp on each newspaper, daily or weekly: a duty of 3s. 6d. on every advertisement: a paper duty of about 2d. or 3d. a lb.: and a very large surety in case of fines or libel.

The Times, with a big revenue from advertisements, could not be sold at less than 7d. The most famous popular newspaper of the day, the *Weekly Political Register*, which Cobbett had run almost without interruption since 1802, was forced to go up in price to 1s. 2d. (more like 5s. today). Only taverns or coffee houses or definite groups of workers could afford such a price. Various Radical publishers tried different methods of evading the tax, by pretending that their papers were not newspapers.

Cobbett, in 1816, had decided to appeal directly to the working-class, and brought out his first "Address to the Labourers and Journey-men" (in an edition of 200,000) at the price of 2d. For several years he succeeded in bringing out his weekly leader, which was not news but commentary on the news, as a separate sheet at prices between 2d. and 6d.

William Carpenter, in 1830, brought out a weekly political "letter," solemnly addressing it each week to some notorious reactionary, like the Duke of Wellington, informing him of the news. Other expedients were tried—even to printing the "paper" on cotton! But most of these experiments ended up in prosecutions.

Then Henry Hetherington, learning from Carlile's fight, decided the only way to win was to defy the Government. In July, 1831, he brought out the first number of *The Poor Man's Guardian*, stamped with a design of a printing press and the slogan "Knowledge is Power." Under the title was printed: "Published in Defiance of the Law, to try the Power of Right against Might." The price was 1d.

The Poor Man's Guardian (one of whose editors was Brontë O'Brien, the Chartist leader and Socialist) and others of the "great unstamped" of these years (as, for example, the paper of the trade union leader John Doherty of Lancashire—*The Herald of the Rights of Industry*) are the true founders of the British working-class press. They played a great part in the agitation leading up to the Reform Bill of 1832: in building trade unionism and fighting for factory reform: in cementing international solidarity: and in preparing the way for the Chartist movement. Before the *Poor Man's Guardian* was "declared legal" more than 500 people were prosecuted for its production and sale. Unemployed workers volunteered to act as newsvendors. Here is an account of the trial of one, Joseph Swann of Stockport, who had already served four and a half years in Chester Castle during Carlile's agitation:

DEFENDANT (asked why he sold the "Unstamped"): . . . I have been out of employment for some time, neither can I obtain work; my family are all starving. . . . And for another reason, the weightiest of all, I sell them for the good of my countrymen; to let them see how they are misrepresented in Parliament . . .

BENCH: Hold your tongue a moment.

DEFENDANT: I shall not! for I wish every man to read those publications . . .

BENCH: You are very insolent, therefore you are committed to three months imprisonment . . . to hard labour.

DEFENDANT: I've nothing to thank you for; and whenever I come out I'll hawk them again. And, mind you, the first that I hawk shall be to your house.

The women also came on to the streets with the "unstamped," and another famous prosecution was of Mrs. Mann of Leeds. Nearly every city and large district had some Radical paper, although some did not last for more than a dozen issues. For example, the *most* notable Yorkshire unstamped paper was *The Voice of the West Riding*, run by Joshua Hobson of Huddersfield, who had been a handloom weaver, and who knocked together the wooden printing press with his own hands. When he was prosecuted, he was accompanied for a mile or two on his way to Wakefield jail by a huge procession with band and banners.

By 1836 the "unstamped" were so popular that the legal papers themselves were pressing for the abolition of the tax. The reason is

obvious. So long as they paid the tax they could not afford to sell their papers at less than 6d. or 1s., whereas the "unstamped" (small as they were—only 4 to 8 tiny pages of cramped print) at 1d. or 2d. were sweeping the market before them. The bourgeoisie were even forced, through "philanthropic" societies, to subsidise cheap papers—*The Penny Magazine* and *The Saturday Magazine*—to combat their influence. The stamp tax was accordingly reduced from 4d. to 1d. (much to the disappointment of certain gentry who were clamouring for its full enforcement by means of the death penalty!) and the other duties were reduced in proportion. Agitation (in which Charles Dickens took a prominent part) continued until the stamp duty was altogether repealed in 1855. The last of the financial burdens to go was the surety for fines or libel, in 1869.

The year before an attempt had been made to enforce this "tax" against Charles Bradlaugh's *National Reformer*, whose outlook was Radical, Freethinking and Republican. Bradlaugh's answer was the same as that of Carlile and Hetherington—defiance. By the time the Act was repealed the next year, the Attorney-General was claiming penalties from Bradlaugh to the amount of over ten million pounds!

The Northern Star

The reduction of the stamp duty was a gain of the first importance for the first great movement of the organised workers, the Chartist movement. It meant that, up and down the country, legal papers could be run which—while still high-priced—were not beyond the reach of the workers' pockets. By far the most important and famous of these papers was *The Northern Star*, which until 1845 was printed in Leeds. Its first printer was Joshua Hobson, its owner was Feargus O'Connor, and among its editors were George Julian Harney and Ernest Jones. The price was 4½d., and quite early the circulation reached 60,000—a truly remarkable circulation for the time, especially when it is remembered that most copies were read and discussed by up to a dozen workers. By the end of 1843 it had an official circulation of 117,000, and this figure was often exceeded. Its object was declared to be:

"to furnish a fearless and faithful organ for the representation of the Labouring Classes, whose interests from time immemorial have been shamelessly neglected."

Without the *Northern Star* the Chartist movement could never have attained the power it did. The paper kept every district in touch with the others: could bring agitation to bear at once on urgent issues; and helped the movement to find a common policy and strategy. On the other hand, it was the organ not of the Chartist executive but of Feargus O'Connor, its proprietor, and at times gave his opinions and schemes undue weight and influence in the movement. This, in turn, resulted in the publication of other small, struggling Chartist periodicals by those who distrusted O'Connor's authority.

After the Chartist movement subsided, from 1848 onwards, many attempts were made to keep the working class papers and journals alive, and Ernest Jones's *The People's Paper* was supported for several years by collections from the workers—much of it in pennies and half-

pennies. With this struggle for financial help, the battle for a free workers' press entered its present phase.

The press becomes big business

Outright suppression had failed. The "Taxes on Knowledge" had failed. In 1834 the Lord Chancellor, Brougham, had foreseen this, and had argued for the repeal of the stamp duties. He said of the workers:

"It is no longer a question whether they shall read or not . . . it is no longer a question whether they shall be politicians, and take part in the discussion of their own interests, or not; that is decided long ago. The only question to answer, and the only problem to solve, is, how they shall read in the best manner; how they shall be instructed politically, and have political habits formed the most safe for the constitution of the country. . . ."

But, already when Brougham was speaking, the problem was solving itself. As early as 1807 William Cobbett had put his finger on the fallacy underlying the "freedom" of the press in capitalist society:

"I cannot help pointing out to you the nature of the influence arising from advertisements in all the papers. This is the great source of emolument; and this source flows . . . according to the politics of the paper through which it runs. Some papers . . . are the property of companies of traders or speculators. The thing is regarded merely as a money speculation, is to be made the most of, and, of course, the most profitable politics will be always preferred."

Quite early in the 19th Century most newspapers relied upon a large revenue from advertisements directed largely at the well-to-do middle classes, whose politics were far from radical. The tiny unstamped papers involved very little capital outlay, and the weekly *Northern Star* was able to compete with its capitalist rivals by virtue of the enormous circulation which the mass movement of the workers in those stirring times made possible. But as the movement fell back, the inequality of this "free competition" at once made itself felt, and has grown sharper ever since. By 1861 Lord Palmerston could write to Queen Victoria (in a letter which was actually quoted in the conclusions of the Royal Commission on the Press in order to confirm that nothing is rotten in the State of Fleet Street):

"The actual price at which each copy of the newspaper is sold barely pays the expense of paper, printing, and establishment; it is indeed said that the price does not repay those expenses. The profit of the newspaper arises from the price paid for advertisements, and the greater the number of advertisements the greater the profit. But advertisements are sent by preference to the newspaper which has the greatest circulation; and that paper gets

the widest circulation which is the most amusing, the most interesting, and the most instructive. . . .

and, also (Lord Palmerston forgot to add) the most likely to promote commercial prosperity within capitalist society.

Since 1861 the cost of running a national newspaper, and, at the same time, the revenue drawn from advertisements by the newspapers, has risen by leaps and bounds. In this century the press has become Big Business, millionaire business, dependent upon advertising revenue and sales topping the million mark. Before the war it was estimated that the minimum capital outlay required for launching a new national daily would be £2,000,000. The rocketing price of newsprint and machinery in the last ten years make a similar calculation ridiculous for today.

At the same time the facilities the great national newspapers can offer to attract readers—in networks of correspondents, foreign news coverage, sports coverage, etc.—has increased proportionately. Further, ever since the “new” tabloid journalism of Northcliffe’s *Daily Mail* (based on methods picked up from the pioneer in this field, *Tit-bits*), special reading habits have been consciously encouraged among the public, under the slogan of “giving the public what it wants.” Since these papers are owned by individual millionaires or profit-making companies and not by the Government, they are called “free,” and it was indeed pitiful to see how eagerly the learned ladies and gentlemen of the Royal Commission on the Press fell for this particular chestnut.

In fact, they are rather less “free” (to you or me) than the general run of Big Business concerns, since several of the papers dubbed by the Commission “quality” papers (presumably on the same principle that old high cheeses are more appropriate on the tables of polite society than the upstart and vulgar processed brands) are governed by complicated trusts whose aims are to ensure that the papers remain on the straight and narrow paths of Conservative or Liberal politics: so that, even if you have a million pounds to spare, you will not find yourself “free” to buy a controlling share in *The Observer* or *The Times*. It is in the face of this growing power, financial and psychological, that the worker’s press has struggled over the past seventy years.

The Socialist press

In 1831 Hobson built his press, laid out a few shillings on type and paper, and was able to run a small illegal paper *cheaper* than his capitalist rivals. In 1884 the Socialist paper *Justice* was started with a gift of £200 from the Sheffield socialist, Edward Carpenter: and it was little more than a weekly propaganda sheet, not by any means a daily newspaper.

The Commonweal, started in 1885 by William Morris, was in the same position: it was supported by a fighting fund, and by subsidies from Morris’s own pocket: it never reached a circulation above 3,000. It is important, however, for its excellent quality, and because it is perhaps the first working class paper to be declared to be the official organ of a worker’s party (the Socialist League), and not the possession of any individual or private group.

These two papers were sold in the streets and at meetings by the propagandists (in the face of the familiar prosecutions and fines for "obstruction") and had a rôle of the first importance in founding the modern Labour movement. The growing movement of 50 and 60 years ago, together with the great changes in printing technique which meant that—for a short period—the cheaper mass production of newspapers offset other financial difficulties, gave rise to other working class papers with a larger circulation—*The Labour Elector*, *The Workmen's Times*, *The Cotton Factory Times*, and the *Yorkshire Factory Times* (all weeklies) among them—but none of them had such a clear Socialist outlook as did *Commonweal* and *Justice* at their best.

One of the most famous of these papers was *The Clarion*, edited by Robert Blatchford, and supported by hundreds of enthusiastic readers, pushing its sales in the towns and cycling in parties to hold Clarion meetings in the villages. And here let one lesson be rubbed in! From Jones's *People's Paper* to *The Commonweal*, from *The Clarion* or the early *Daily Herald* to the *Daily Worker* today, no worker's paper has ever been able to survive without the active help of its readers. The newsagents have boycotted them all from time to time. The police have tried to intimidate the street sellers. The advertisers have withheld or withdrawn their support. The only worker's papers which have kept afloat have been those with a readership prepared to work for them week after week, and reach deep into their pockets as well.

Northcliffe & Co.

"You left journalism a profession: we have made it a branch of commerce," Kennedy Jones, Northcliffe's chief assistant in building the new *Daily Mail*, is reported to have said to Lord Morley. These words set the tone for the popular press of this century. At the end of the 19th Century neither the national nor the provincial press made any pretence of speaking for the workers: they addressed the middle and upper classes, and their circulations were tiny compared to those of today. On the other hand, certain standards of professional conduct were generally observed on most papers. While the papers represented Liberal or Tory viewpoints in their leaders and in their selection of news, the presentation of news was expected to be factual and undistorted by bias. Full reports were given of parliamentary debates, important speeches, international events, and the reader was expected to make up some of his opinions for himself. While the papers were already dependent upon advertising revenue, an editor with high professional standards, like C. P. Scott of the *Manchester Guardian*, resented and resisted any attempt to modify the policy or character of the paper in the interests of pleasing the big advertisers.

Alfred Harmsworth, Lord Northcliffe, altered all this in a matter of months. Snob appeal, crime and sensationalism were the order of the day, a cynical exploitation of the tired minds and the nagging aspirations of frustrated lives of the middle classes, petit bourgeoisie and workers, amongst whom the *Daily Mail* built up over one million circulation before the First World War:

"No long-winded columns of mere words and hackneyed speeches . . . Make the paper a happy one, fresh and free from

dullness, and with plenty of contrasts in the news . . . The taxi-cab driver and the factory girl would rather read news about Society folk and West End doings than sordid stories about low life . . . Everyone likes reading about people in better circumstances than his or her own . . .

—these were some of the orders Northcliffe gave his News Editor, Tom Clarke (*My Northcliffe Diary*). Since both big circulations and optimism drew the advertisers, paper after paper had to follow suit. Journalists ceased to regard people as responsible, thinking human beings, but as suckers to be coddled or shocked by the latest stunt or “scoop.” The leader became less important. Suggestion and insinuation, headlines and short news “flashes” replaced argument and factual presentation of events. The pictorial papers, *The Daily Mirror*, *Graphic* and *Sketch*, worked out new techniques to distract and influence people’s minds.

Not only are the political views of the great popular dailies today profoundly reactionary, but their whole morality and the way in which they distort life is degenerate and corrupt. A sexual murder merits several columns of suggestive details: a new work of art, an achievement of constructive labour, a Soviet proposal for peace, may not be mentioned at all. It is important to realise this, because it is impossible to combine sensational commercial methods with really free and independent working-class politics.

When, in 1930, 51 per cent. of the shares in the *Daily Herald* were sold to Odham’s Press, it was suggested that the T.U.C. (retaining 49 per cent. of the shares, and certain other rights) would still maintain control of the political character of the paper. Even had the executive of the T.U.C. maintained a militant working class policy during the past 20 years, the idea would have proved unworkable. We have the testimony of a former editor of the *Daily Herald*, Mr. Francis Williams (in his *Press, Parliament and People*) of the influence of Odham’s manager:

“Editorially the ‘Daily Herald’ was under constant compulsion to be bright. He (Lord Southwood) did not at that time display much interest in what they said; it was how they looked that affected him. He judged a newspaper by how it attracted the popular eye; did it look bright, cheerful, entertaining, exciting; would it make people optimistic?”

The methods by which the *Daily Herald* was commercialised and given its vast circulation (the raising of the figure from 400,000 to 1,750,000 is reported to have cost £1,325,000, or £1 per head), these methods which please the advertisers and fool and distract the people from the realities of capitalist society, are incompatible both with real freedom and with the traditions of the working class movement. Cobbett’s *Political Register*, Hetherington’s *Poor Man’s Guardian*, O’Connor’s *Northern Star*—all these papers helped to build powerful movements because they knew their readers were responsible and intelligent.

Reynold’s News, with its recent outbreaks of undressed floozies and features on night life and prostitution should reflect upon the path it is treading before it is too late.

The Press Lords and their empires

Northcliffe and his brother, Lord Rothermere, were also the fore-runners of the 20th Century Press Lords—the line that runs on through Lord Iliffe, Lord Camrose, Lord Kemsley, Lord Southwood, Lord Beaverbrook, Lord Layton, and so on. Northcliffe exercised the most far-reaching personal tyranny over every matter connected with his group of papers and periodicals, from questions of national policy and staffing down to whether there should be monkeys and elephants in the children's strip cartoon. His staff were bombarded with arbitrary orders, telegrams, phone messages, from his country mansion, from the South of France or across the Atlantic. At one moment he would be beating up a campaign for more deadly poison gases to be used against the Germans, at the next he would be sentimentalising about his love for children.

Since this particular "genius" of the press was an ignorant and neurotic megalomaniac (he said of Napoleon's hat, "I once had it on. It fits me.") the exercise of his particular "freedom" cost society the loss of hundreds of thousands of lives, thousands of minds corrupted and homes made miserable by hunger and want:

"During the coal strike of 1912 the orders came thick and fast . . . 'Let it be called the black strike,' was the order . . . He thought mob rule might be coming so the mob must be divided; the public must be shown how the miners were enjoying themselves at the seaside or dog races while helpless workers in other industries suffered from the 'creeping paralysis.'" (My Northcliffe Diary.)

The press Lords and newspaper proprietors and directors of today rarely intervene on the same grandiose scale in the affairs of their papers: but it is evident that they learned their trade from Northcliffe, and maintain a firm hold on all matters of importance. Motives vary from those of plain money-making commercialism to the desire for personal political power expressed frankly by Lord Beaverbrook before the Royal Commission on the Press: "*I run the paper purely for the purpose of making propaganda, and with no other motive.*"

The opportunities for both irresponsible power and vast profits (the profits of the newspaper industry in 1937 were £6,857,493, in 1946 £13,732,695, a jump of over 100 per cent.) of these dictators of the "Fourth Estate" have been greatly increased during this century by the development of great newspaper chains or local monopolies. Between 1921 and 1939 the campaigns for mass circulations were accompanied by every kind of publicity stunt, by wholesale free gifts, free insurance, and bribes for new readers—in all amounting to over £3,000,000. At the same time the big chains fought to gain control over the local daily and weekly press.

At the end of the 19th Century many towns of over 50,000 population had two or more local papers, independently owned, which—whatever their politics—maintained some tradition of fair reporting and local patriotism. Several of them, like Joseph Cowen's *Newcastle Daily Chronicle* and *The Western Times* of Exeter, edited by Thomas Latimer, the "Cobbett of the West," were famous for their independent Radical politics. Now *The Western Times* is part of the Harmsworth

chain: the *Newcastle Evening Chronicle* is one of Kemsley Newspapers, Ltd. The same process is evident in every part of the country. There are today only seven provincial cities in which there are daily or evening newspapers in different, competing ownerships. In the great majority of towns there is no choice of newspaper: and if you want a local morning or evening paper the chances are about even that it will be owned by one of the great chains.

The Royal Commission

Since the Royal Commission splashed whitewash all over the capitalist press, it has become bad form to talk about "monopolies" and so forth. In fact, the arguments the Commissioners used to justify the present state of affairs will not bear a moment's investigation: they are exactly the same arguments as the apologists of *laissez-faire* economics used in the beginning of the 19th Century to resist factory reform and elementary social legislation. The Commissioners derived great satisfaction from the fact that many local papers (as well as national and Sunday papers) have died in this century, not from the direct aggression of the chains, but through the workings of inexorable economic factors—the competition of national dailies, the rising costs of newspaper production, the reluctance of advertisers to support papers with small circulations, and so on. They even found comfort in the suggestion that the dependence of papers upon advertising revenue makes them independent of subsidies from more "dubious" sources.

Their interpretation of the "freedom of the press" appears to have stopped short at the "freedom" of the financier and multi-millionaire to control newspapers and influence minds and morals without interference: and the limited "freedom" of the public to select for themselves one or other of the papers which the financiers and joint-stock companies offer to them. Real freedom—the freedom for you or me to have a share, however indirect, in controlling the policy and conduct of newspapers, or to have our opinions represented in their columns—was no concern of theirs. The fact that such "freedom" as exists exists only for *capitalist* newspapers, and that advertisers will not support a paper which strikes at capitalism itself, was not considered worth a paragraph.

The suggestion that the unbridled licence of a handful of press Lords is incompatible with the freedom and health of the great majority, that—in the words of Olive Schreiner—"a daily paper not based on an attempt to disseminate truth is a cup of poison sent round every morning to debilitate the people," this suggestion was brushed aside as an attack on "freedom." It is true that the Commissioners found some things to deplore in the sensational daily press; but, after looking at them right and left, upside-down and back-to-front, they could only come to the sad agreement that the people must want these things if they buy them, and it would be an infringement of their liberty to interfere.

The fight for freedom today

This is the most pernicious argument of all. "It is by the semblance of freedom that men are most effectually enslaved"—the words

of Cobbett ring more true than ever today. People's tastes, of course, are largely formed by what they already know, and the popular press knows well how to suggest and insinuate a "demand." Great sums of money have been spent on research into exactly this power of suggestion. But, even so, DO people get what they want? Communist views, it is true, are not widely popular in Britain yet: we might not expect to find many Communist newspapers. But at the last two General Elections more than half the electorate voted Labour. There are over one thousand local weekly newspapers in Britain today. How many are Socialist papers? As many as a dozen? There are about one hundred provincial daily papers (morning and evening). Are *any* of them Socialist? There are nine national daily papers, and here, at last, we find one, the *Daily Herald*, which professes to speak for the Labour voter. But this paper, we have already noticed, obtained the good-will of advertisers and its mass circulation only at the cost of its Socialist integrity.

The fact, then, is this. "Monopoly" is not a scare catch-word: it is an exact term describing the general state of the press in Britain today. Beneath the semblance of freedom and variety there is a capitalist press monopoly, divided between a few enormous commercial concerns whose intense competitive rivalry (slumbering at the moment, but due to revive at any time) between the two wars drove out of business four of the twelve national dailies in existence in 1921. Since that time NO new capitalist paper has entered the field, has successfully challenged that monopoly. *The only new national daily to be established in the past thirty years is the "Daily Worker."*

The Daily Worker

The fight for the freedom of the press in this century has been the fight against the capitalist press monopoly. The first challenge came from the *Daily Herald*, established in 1911 as a weekly, and as a daily in 1912. Supported by an enthusiastic readership and a fine team of journalists, for ten years under the editorship of George Lansbury it kept the character of a fighting Socialist paper. But in the 1920s it passed more and more to the right, and was challenged in its turn by *The Worker*, the *Sunday Worker* and *Worker's Life*, the organs of the National Minority Movement and of the Communist Party.

On January 1st, 1930 (two months before the *Daily Herald* was finally sold out to Odham's) the first number of the *Daily Worker* was printed. It came out at the very height of the free gift circulation campaigns of the national dailies, and Fleet Street predicted a life for it rather less long than that pronounced for the Red Army by the "military experts" upon Hitler's invasion of the Soviet Union. It was touch-and-go more than once—it is still touch-and-go—but it did survive, and the way it did has been described by its late editor, Bill Rust, in *The Story of the Daily Worker*.

On the way, it has passed through wholesalers' boycotts, police intervention and censorship, libel action after libel action designed to reduce it to bankruptcy, outright suppression, and all kinds of petty intimidation. It has succeeded where no other paper has dared to venture for the simple reason that it, alone among the others, is not a capitalist newspaper.

From the very first—long before the People's Printing Press Society was established, through which the readers now have formal ownership and control over their paper—it established a new kind of relationship between its readers and its staff. On the one hand, the *Daily Worker* has built up a staff of some of the ablest newspapermen in Fleet Street, together with men whose experience has been formed, not as one of Northcliffe's "young men," but in the factories, workshops, and mines. Such a staff has not been goaded on with promises of enormous salaries, or knighthoods or special appointments, but has been prepared to sacrifice the capitalist idea of a "career," and, if necessary, suffer imprisonment, provided the paper itself goes on.

But the strength of the paper, has, in the end, been with its readers. No free insurance stunts have been needed to build its circulation ; its readers have been active week after week in the workshop, at the street-corner, or on the knocker, bringing the extra readers in. When the wholesalers have boycotted the paper, the readers have met the early trains and circulated the paper themselves. No large advertising revenue has bridged the gap between production costs and sales returns, and month by month the readers, through their Fighting Fund, have met the need from their own pockets: so that today, with the soaring price of newsprint, nearly £4,000 comes in each month, in pennies, half-crowns, and pound notes to keep their paper going. Not only has the paper survived. Its readers have set it up in style, and it now has some of the most modern equipment, and is one of the best produced papers on Fleet Street.

Public Opinion and Peace

Public opinion, in the end, will decide the issue of peace or atomic war. But the fight to win public opinion to the side of peace is also the fight for the freedom of the press from monopoly control. William Morris understood this in the 1880s:

"What is 'Public Opinion' in our days of money rule? . . . Public Opinion, that is, the Press, is, nowadays, like all private enterprise, a profit-mongering mercenary concern. The Press of today is established, in the first instance, to make money out of the ignorance, curiosity, and credulity of the public. Whether true or false, whether good or bad, you can get printed and circulated among the people everything, if only you can pay for it. If you cannot, then you are at the mercy of those who can. . . . The supreme ruler of 'civilised' people is the Money-Bag. It rules not only in the Workshop and in the Warehouse; it rules in Parliament, in the Schoolroom, in the Pulpit and in the Press. In the latter form the Money-Bag wields its most corrupting, its most deadly power over you, because it influences and actually makes Public Opinion, the opinion of the great mass of the people, aye, your own opinion, the opinion of all of you who are simple

or indifferent enough to buy it, and take for genuine what is the basest coin in the market! "

The past ten years, with their special conditions, have seen an abatement of some of the more violent methods of empire-building and competition within the world of the capitalist press. But at the same time they have seen a very rapid decline in the standards of the bourgeois press. There has been no need to exercise a censorship upon them—the censorship has come from within! Papers which pretend to be "liberal" have closed their correspondence columns to all fundamental criticisms of their policy, have purged their staffs of progressive correspondents, and peddle Foreign Office and American propaganda hand-outs. In foreign affairs, for example, one has only to observe their treatment of the outbreak of war in Korea, the suppression of North Korean statements, the virtual silencing of an expert like Sir John Pratt and an eye witness like Dr. Monica Felton.

In no place did the Royal Commission on the Press reveal more of its gross complacency and bias than in its comments upon newspapers' treatment of foreign affairs. Here it devoted several paragraphs to an attack on the *Daily Worker* (on the sole grounds of the paper having adopted the universal Fleet Street practice of introducing comment into the news columns and headlines), and passed a censure on the *Daily Express* for once neglecting its duty to the capitalist class so far as to relegate "a most important speech on American foreign policy" by General Marshall, "devoted to outspoken criticism of the 'inflammatory practices' of the Soviet Union," to a small, much-abbreviated, column at the foot of the front page; beyond this it made no comment upon the treatment of foreign affairs because of "the difficulty of ascertaining the facts."

It should not, however, have been difficult for any intelligent schoolboy to have "ascertained the fact" that statement after statement by Soviet leaders upon peace, disarmament, and the abolition of atomic weapons in the past five years, have not only not reached the front pages of most of the national dailies, but—if they have been mentioned at all—have only appeared as some isolated sentence, wrested from its context, and framed with ironical comment. The truth of the matter is this: in the last analysis, the members of the Royal Commission were only interested in judging the press by the standard of its serviceableness to capitalist society.

The fight for freedom must go on

Today the situation is very grave indeed. It is grave not only for Socialists, Communists, pacifists—for those who hold opinions the press Lords have decreed to be "unpopular": it is grave for all those who care tuppence for our great Radical traditions, who sincerely desire that even their opponents should have the right to express their opinions. The purge of opinion within the capitalist press monopoly has come in earnest: even the word "peace" got purged in some papers until their readers began to complain. The national dailies, in their search for the sensational and the corrupt, fasten upon the wildest rumour or most trivial incident, seize every pretext to inflame

misunderstanding between ourselves and the Russian people. Commercial journalism (like British film stars) is beginning to affect an American accent, and British readers are served up with columns eulogising the "American Way of Life." Where honest journalists resist these processes, no matter what their experience and reputation, they lose their jobs like office-boys, as in the recent cases of Tom Hopkinson and James Cameron of *Picture Post*.

In home affairs, there is now not one single capitalist paper which can be relied upon to give a fair report—let alone to *support*—the growing fight of the British people in defence of their living conditions, their social services, homes and schools. When the workers come out on strike, more often than not the *Daily Herald* will be found alongside the *Daily Mail*, peddling scare stories about "Communist plots" and "agents" which are so ridiculous that even the children's "comics" seem sensible beside them. Only the *Daily Worker*, with its experienced industrial correspondents and its fund of goodwill among the trade unionists in every part of the country, can be trusted to give a forthright, fighting lead to the people in their struggle against unemployment and the rising cost of living in the coming months.

On top of this, all other outlets for opinion are closing down. American control over the sources of paper supply, combined with their veto upon our trade with the Soviet Union, and the priority given to war materials in our dollar expenditure, has led to a phenomenal increase in the price of newsprint and all kinds of paper. In 1951 (according to the *World's Press News*) one British newspaper or periodical closed down for every week in the year. Books, always a luxury for the industrial worker, are now passing beyond the reach even of the professional worker, the technicians, teachers, and students for whom they are a "tool of the trade." 1952 promises further rises in costs.

Today the *Daily Worker* has become one of the last channels for the circulation of free opinion, the only paper to stand between the people and the unprincipled campaign of lies and war propaganda of the capitalist press. So long as the "Daily" exists, then in nearly every great workshop or factory, rail dépôt or mine, there are readers who can fight for sanity and truth. Without it, our people would grope in total darkness, blind and misled, to certain disaster.

But it isn't enough just to hold on and save our paper. We must win new readers week by week. That is the challenge.

It is a challenge in every way as grave as the one which Cobbett, Carlile, or Hetherington, had to face. But if we learn from these stubborn pioneers the mood, not of defence, but of *defiance*, then we shall succeed.

Now you must read

THE STORY OF THE DAILY WORKER

by William Rust

128 pages. Illustrated. Paper Bound 2/6. Cloth 6/-.

From all Bookshops or People's Press Printing Society, Ltd., 75 Farringdon Road, London, E.C.1.

LABOUR MONTHLY

Editor: R. Palme Dutt

Founded 1921 as an Independent Journal of Labour Unity and a Magazine of International Labour, it is more indispensable than ever today.

Read what they say about it :

Readers of the Daily Worker should become regular readers of this great publication.—**J. R. Campbell, Editor, Daily Worker.**

Never more necessary than now.—**S. O. Davies, M.P.**

The British movement is blessed with having a journal rendering such magnificent services.—**J. B. Figgins.**

A never-failing guide to the workers and oppressed Colonial peoples.—**William Gallacher.**

Invaluable!—**Dr. Hewlett Johnson, Dean of Canterbury.**

A weapon that strengthens everyone wishing to build Socialism in their time.—**Harry Pollitt.**

Order from all newsagents, bookshops, 1/6.

April contents include : Easter Congress Signposts (R. Palme Dutt); How We Began the Fight (Eddie Lloyd, Parc and Dare Lodge); Leonardo da Vinci (Professor J. D. Bernal, F.R.S.); Trade: Free or Bond? (Henry Purcell); Lisbon and After (Rev. Stanley Evans); Burma on the March (John Struthers).

Postal subscription, 9s. half yearly, 18s. yearly, from F.P., 134 Ballards Lane, London, N.3.

E. P. THOMPSON: UMA BIBLIOGRAFIA

Thiago da Silva Nobre

Com o intuito de dar a conhecer aos leitores interessados no vasto repertório da escrita de Edward Palmer Thompson (1924-1993), apresentamos aqui uma listagem bibliográfica de seus livros, artigos, panfletos, resenhas, poemas e entrevistas.

Nossa pesquisa adotou como base alguns levantamentos anteriores que procederam esforço semelhante, visando ajudar aos interessados a construir seu próprio percurso e caminho de leitura da obra de E. P. Thompson. Para tal recorremos aos estudos e seleções bibliográficas de Harvey Kaye, Dorothy Thompson, Déa Ribeiro Fenelon, Adrià Llacuna, Marcelo Badaró Mattos, Alejandro Estrella, Bryan D. Palmer e José Angel Ruiz Jiménez.¹ Nossa apanhado prendeu-se à obra vária

¹ Ver: KAYE, Harvey J; MCCLELLAND, Keith. *E. P. Thompson. Critical Perspectives*. Cambridge: Polity Press, 1990; THOMPSON, Dorothy. *Selección de Lecturas Complementares*. In: E. P. Thompson Obra Esencial. Ed. de Dorothy Thompson. Barcelona: Crítica, 2002; FENELON, Déa Ribeiro. E. P. Thompson: bibliografía seleccionada". In: Revista Projeto Histórica, São Paulo, n. 12, 1995; LLACUNA, Adrià. E. P. Thompson. Un Comentario Bibliográfico". In: SANS, Julián; BABIANO, José. ERICE, Francisco (eds.). *E. P. Thompson Marxismo e História Social*. Madrid: Silgo XXI España Editores, 2016; MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a Tradução Crítica Ativa do Materialismo Histórico*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2012; ESTRELLA, Alejandro. Estudio Introductorio". In: *E. P. Thompson. Democracia y Socialismo*. México: UAM, Unidad Cuajimalpa, 2017; JIMÉNEZ, José Angel Ruiz. *Contra el Reino de la Bestia*. Granada: Universid de Granada, 2009; PALMER, Brian D. E. P. Thompson Objeções e Oposições. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

de E. P. Thompson, pois uma listagem de obras “sobre Thompson” resultaria em demasiadas ausências, tão extensa é a produção em diversas línguas e distintas áreas do conhecimento.

Como toda bibliografia, esta é incompleta e aberta à complementação. Esta relação da obra de E. P. Thompson – historiador, escritor, poeta, panfletário, polemista, conferencista, professor, militante social, ativista – é uma trilha de leituras dispostas aos pesquisadores, permanecendo em formação. Como afirmado com a publicação desta brochura, o que se deseja aqui é a partilha das leituras de um intelectual público cuja retórica apaixonante e escrita militante podem nos ajudar a trilhar coletivamente os caminhos da luta social internacionalista.

Livros e textos em obras coletivas

There is a Spirit in Europe. London: Victor Gollancz Ltd., 1947. [com T. J. Thompson]

The Railway: an adventure in construction. London: The British Yugoslav Association, 1948. The British Yugoslav Association, 1948.

Willliam Morris: romantic do revolutionary. Londres: Merlin Press, 1955.

Out of Apathy. Londres: Stevens and Sons, 1960.

Homage to Tom Maguire. In: BRIGGS, A. SAVILLE, J. (org.) *Essays in Labour History.* London: Macmillan, 1960.

The Making of the English Working Class. Harmondsworth: Penguin, 1963.

Preface In: LYND, S. *Class Conflict, Slavery and the United States Constitution.* Indianapolis: Bobbs-Merrill Co., 1967.

New Left: May Day Manifesto. London: May Day Manifesto Committee, 1967. [com Raymond Williams e Stuart Hall]

Education and Experience. Leeds: Leeds University Press, 1968.

Introduction. In: PELL, F. *The Rising of Luddites, Chartist and Plug-Drawers*. London: Franck Class, 1968.

Disenchantment or Default? A Lay Sermon. In: O'BRIEN, C. C. VANECH, W. D (org.). *Power and Consciousness*. New York: New York University Press, 1968.

The Unknown Mayhew. Middlesex: Penguin Books, 1973. [com E. Yeo] *Warwick University Ltd*. London: Allen Lane, 1975.

Whigs and Hunters: the origins of the black act. London: Allen Lane, 1975.

Détene and Disarmament. In: COATES, K (org.). *Détene and Socialist Democracy: a discussion with Roy Medvedev*. Nottingham: Spokesman, 1975.

The meaning of Solidarity. In: PELIKAN, Jüri. (Et. Alli.). *Civil and Academic Freedom In the USSR and Eastern Europe*. Nottingham: Bertrand Russell Peace Foundation/Spokesman Books, 1975.

The Grid of Inheritance. In: *Family and Inheritance: Rural Society in Western Society (1200 – 1800)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976. [com Jack Goody, Joan Thirsk]

La formación histórica de la clase obrera: Inglaterra: 1780-1832. Barcelona: Laia, 1977.

Response to Tony Benn. In: COATES, K. SINGLETON, F (org.). *The Just Society*. Nottinham: Spokesman Press, 1977.

Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase. Barcelona: Crítica, 1979.

Writing by Candlelight. London: The Merlin Press, 1980.

Protest and Survive. Middlesex: Penguin Books, 1980.

Albion's Fatal Tree. London: Penguin, 1980. [com D. Hay, P. Linebaugh]

Exterminism and Cold War. London: Verso, 1880. [Et. Alli]

A Miséria da Teoria. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

The Politics of Theory. In: SAMUEL, R (org.). *People's History and Socialist Theory*. Londres: Routledge & Keagan Paul, 1981.

An alternative to Doomsday. In: THOMPSON, E. P. (Et. Alli.). *Britain and the Bomb*. The New Statesman papers on destruction and disarmament. London: New Statesman, 1981.

Beyond the superpowers. In: THOMPSON, E. P. (Et. Alli.). *Britain and the Bomb*. The New Statesman papers on destruction and disarmament. London: New Statesman, 1981

East-West Dissidents: a conversation on disarmament. [Com Roy Medvedev] In: COATES, Ken. (Et. Alli.). *Eleventh Hour for Europe*. Nottingham: Spokesman Books, 1981.

Zero Option. London: Merlin Press, 1982.

A Mid-Atlantic Moderate In: CLARKE, Michael; MOWLAM, Marjorie. *Debate on Disarmament*. London: Routledge and Keagan Paul, 1982.

The New Hungarian Peace Movement. London: Merlin-END, 1983.

The poverty of theory and other essays. London: The Merlin Press, 1978.

Double Exposure. London: The Merlin Press, 1985.

Exterminismo e Guerra Fria. São Paulo: Brasiliense, 1985. [com Mike Davis, Noam Chomsky, Rudolf Bahro, Alan Wolfe, Roy e Zhores Medvedev]

Star Wars. Middlesex: Penguin Books, 1985.

The Heavy Dancers. London: The Merlin Press, 1985.

Mad Dogs: the U. S. raids on Lybia. London: Pluto, 1986. [com Mary Kaldor]

Prospectus for a Habitable Planet. Harmondsworth: Penguin, 1987. [com Dan Smith]

A Formação da Classe Operária Inglesa. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987. (3 volumes).

Eighteenth-Century Ranters: did they exist? In: ELEY, G. HUNT, W (org.). *Reviving the English Revolution*. London: Verso, 1988.

William Morris: de romântico a revolucionário. Valênciâ: Alfons el Magnànim, 1988.

The Saykaos Papers. London: Bloomsbury, 1988.

La formación de la clase obrera en Inglaterra. Barcelona: Crítica, 1989.

Ends and Histories. In: KALDOR, M (org.). *Europe from Below: An East-West dialogue*. London: Verson, 1991.

The Ends of Cold War: A Rejoinder. In: BLACKBURN, Robin (Ed.). *After the Fall Failure of Communism and the Future of Socialism*. London: Verso, 1991.

Homage to Tom McGrath. In: GIBBONS, Reginald. DES PRES, Terrence (org.). *Tom McGrath: life and the poem*. Urbana: University of Illinois Press, 1992.

Alien Homage: Edward Thompson and Rabindranath Tagore. Oxford: Oxford University Press, 1993.

Witness against the Beast. New York: The New Press, 1993.

Making History. New York: The New Press, 1994.

Beyond the Frontier. The politics of a failed mission. Bulgaria, 1944. Stanford: Stanford University Press, 1997.

Senhores & Caçadores. 2^a ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997.

As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos. NEGRO, Antônio L. SILVA, Sérgio (org.). Campinas: Unicamp, 2001.

The Essential of E. P. Thompson. Ed. de Dorothy Thompson. Nova York: New Press, 2001.

Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Os Românticos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Obra Esencial. Ed. de Dorothy Thompson. Barcelona: Crítica, 2002.

E. P. Thompson and the Making of the New Left: essays and polemics. London: Lawrence and Wishart, 2014.

Panfletos

Fascist Threat to Britain. Londres: The Communist Party of Great Britain, 1947.

The Struggle for a free press. Londres: People's Press Society, 1952.

The Communism of William Morris. Londres: The William Morris Society, 1965. [Conferência 4 de maio de 1959]

Education and experience. Fifth Mansbridge Memorial Lecture, 1968.

Homage to Salvador Allende [poema], Spokesman Broadsheet, 30 de setembro de 1973.

Protest and Survive. CND e Bertrand Russel Peace Foundation, 1980.
[Publicado também em Monthly Review Press, dezembro de 1981]

The Defence of Britain: a Sequel to Protest and Survive. Londres: Merlin/END, 1983.

Infant and Emperor: poems for Christmas. Londres: Merlin Press, 1983.

Star Wars: Self-Destruct Incorporated. Londres: Merlin Press, 1985.

Outros Documentos

Visit to Spain, 20-24 February, Discurso de E. P. Thompson em Barcelona durante a campanha sobre o referendo OTAN, 1986.

Where are We Now?, Memorando interno ao conselho editorial da New Left Review, abril, 1963.

Artigos em periódicos

Poetry's not so easy, *Our Time*, junho de 1947.

Comments on a People's Culture, *Our Time*, outubro de 1947.

Mr Camero, *The Highway*, abril de 1949.

A New poet, *Our Time*, junho de 1949.

The Murder of William Morris, *Arena*, n. 2, 1951.

William Morris and the moral issues of today, *Arena*, n.2, 1951.

Winter Wheat in Omsk, *World News*, 30 de junho, 1956.

Why are we publishing?, *The Reasoner*, n.1, julho de 1956.

Reply to George Matthews, *The Reasoner*, n. 1, julho de 1956.

The Case for Socialism, *The Reasoner*, n. 2, setembro de 1956.

Through the Smoke of Budapest, *The Reasoner*, n. 3, novembro de 1956.

Socialism and the Intellectuals, *Universities and Left Review*(ULR), n. 1, primavera de 1957.

Socialism and the Intellectuals: A Reply, *ULR*, n. 2, verão de 1957.

Socialist Humanism: An Epistle to Philistines, *The New Reasoner*, n. 1, verão de 1957.

The Making of London, *The New Reasoner*, n. 3, inverno de 1957-1958.

Letter to Our Readers, *The New Reasoner*, n. 5, verão de 1958.

Agency and Choice, *The New Reasoner*, n. 5, verão de 1958.

NATO, neutralism and survival, *ULR*, n. 4, 1958.

Commitment in Politics, *ULR*, n. 6, 1959.

The New Left, *The New Reasoner*, n. 9, verão de 1959.

An Psessay on Ephology, *The New Reasoner*, n. 10, outono de 1959.

At the point of production, *New Left Review* (NLR), n. 1, janeiro/fevereiro de 1960.

Revolution, *NLR*, n. 3, maio/junho de 1960.

Letter to Readers, *NLR*, n. 4, julho/agosto de 1960.

Countermarching to Armageddon, *NLR*, n. 4, julho/agosto de 1960.

A Communist Salute, *The Reasoner*, outubro de 1960.

Revolution Again: Or, shut your ears and run!, *NLR*, n. 6, novembro/dezembro de 1960.

The Long Revolution (I / II), *NLR* n. 9-10, maio/junho/julho/agosto de 1961.

Notes for Readers, *NLR*, novembro/dezembro de 1961.

Documents: The North of England Socialist Federation, *Labour History Review*, n. 6, primavera de 1963.

C. Wright Mills: The Responsible Craftsman, *Peace News*, n. 22/n. 29, novembro de 1963.

Working class culture – The transition to industrialism, *Bulletin of the Society for the Study of Labour History* (SSLH), n. 9, 1964.

The Peculiarities of the English, *Socialist Register*, 1965.

History from Below, *TLS*, n. 7, abril de 1966.

Glandular Aggression, *New Society*, jan de 1967.

Time, Work-discipline, and Industrial Capitalism, *Past and Present*, n. 38, 1967

The Political Education of Henry Matthew, *Victorian Studies*, n. 11 (1), 1967.

English Trade Unionism and Other Labour Movements Before 1790, *Bulletin of the SSLH*, n. 17, outono de 1968.

The Business University, *New Society*, 19 de fevereiro de 1970.

A Report on Lord Radcliffe, *New Society*, 30 de abril de 1970.

Sir, writing by the candlelight, *New Society*, 24 de dezembro de 1970.

Organising the Left, *TLS*, 19 de fevereiro de 1971.

The Moral Economy of the English Crowd in the 18th Century, *Past and Present*, n. 50, 1971.

Yesterday's manikin, *New Society*, 29 de julho de 1971.

A special case, *New Society*, 24 de fevereiro de 1972.

Rough Music: le charivari anglais, *Annales E. S. C.*, n. 27, 1972.

An Open Letter to Leszek Kolakowski, *Socialist Register*, 1973.

Alexander Pope and the Windsor Blacks, *TLS*, 7 de setembro de 1973.

Responses to Reality, *New Society*, 4 de outubro de 1973.

In Citizens, Bad Books, *New Society*, 28 de março de 1974.

Patrician Society, plebeian culture, *Journal of Social History*, n. 7, verão de 1974.

A question of manners, *New Society*, 11 de julho de 1974.

A nice place to visit, *New York Review of Books*, 6 de fevereiro de 1975.

Time on the Cross, *TLS*, 4 de julho de 1975.

Romanticism, Utopianism, and Moralism: The Case of William Morris", *New Left Review*, n. 99, setembro/outubro de 1976.

The Marx Claimants, *The Guardian*, 16 de setembro de 1976.

Caudwell", *Socialist Register*, n. 14, 1977.

Folklore, Anthropology and Social History. *Indian Historical Review*, n. III (2), janeiro de 1978,

The Politics of the Judiciary, *TLS*, 27 de janeiro de 1978.

Eighteenth-Century English Society: Class Struggle without Class?, *Social History*, n. III, maio de 1978.

The State and its enemies, *New Society*, 19 de outubro de 1978.

The State within the State, *New Statesman*, 10 de novembro de 1978.

The Nehru Tradition, *Guardian*, 16 de novembro de 1978.

An Elisabethan Diary, *Vole*, fevereiro de 1979.

The Acceptable Faces of Marxism, *The Observer*, 4 de fevereiro de 1979.

Comment on Common values?. An argument, *Stand* , n. 20, 1979.

Commitment and Poetry, *Stand*, n. 20, 1979.

Edgell Rickword, *Poetry Nation Review*, Suplemento 28, 6(1), 1979.

On the new issue of postage stamps, *New Society*, 8 de novembro de 1979.

Law and order and the police, *New Society*, 15 de novembro de 1979.

The rule of the judges, *New Society*, 22 de novembro de 1979.

Trial by jury, *New Society*, 29 de novembro de 1979.

Anarchy and culture, *New Society*, 6 de dezembro de 1979.

The end of an episode?, *New Society*, 13 de dezembro de 1979.

An alternative to Doomsday, *New Statesman*, 21-28 de dezembro de 1979.

A Show for the European Theatre?, *The Guardian*, 23 de fevereiro de 1980.

The common people and the law, *New Society*, 24 de julho de 1980.

Danger of being too clever by half, *The Guardian*, 10 de agosto de 1980.

Notes on Exterminism: The Last Stage of Civilisation, *NLR*, n. 121, inverno de 1980.

Thinking about the New Movement, *END Bulletin*, n. 1, 1980.

Letter to America, *The Nation*, 24 janeiro de 1981.

Proposals for Discussion, *END Bulletin*, n. 5, verão de 1981.

Rough Music et charivari. Quelques réflexions complémentaires, *Civilisations et Sociétés*, n. 67 (Le charivari"), 1981.

Eurozone Reality, *Sanity*, n. 5, outubro-novembro de 1981.

Foreword, Charter 77, *END Bulletin*, n. 8, primavera de 1982.

The War of Thatcher's Face, *The Times*, 29 de abril de 1982.

Deterrence and Addiction, *Yale Review*, n. 72, outubro de 1982.

Will 1983 end in darkness for Europe?, *Sanity*, n. 12, dez de 1983.

Revolution in a Cold Climate, *END Journal*, n. 8, fevereiro-março-de 1984.

Bumpy but beneficial, *END Journal*, n. 9, abril-maio de 1984.

E. P. Thompson replies to Sabata, *New Statesman*, 4 de maio de 1984.

Por un continente democrático y pacífico, *Mientras Tanto*, n.21, dezembro de 1984.

Agenda: The Ideological Delirium with Strikes Chords in the Worst Traditions of American Populism, *Guardian*, 18 de fevereiro de 1985.

Five years on, *END Journal*, n. 16/17, verão de 1985.

Una Europa sin bloques, una España neutral, *Mientras Tanto*, n.25, 1/2, fevereiro de 1986.

Perspectivas para la paz, *En Pie de Paz*, n. 1, 1986.

The Pie Isn't in the Sky: Look Who's Really Behind Star Wars, *The Nation*, 1 de março de 1986.

Memories of Tagore, *London Review of Books*, n. 8, 22 de maio de 1986.

Agendas for Radical History, *Radical History Review*, n. 36, 1986.

26 July 1987, Court Appeal: the Public Interest v. the Interested Public, Ex parte the Fourth State, *London Review of Books*, n. 8, 4 de setembro de 1986.

The Reasons of the Yahoo, *Yale Review*, n. 75, outubro de 1986.

Changing the Nature of Politics, *END Journal*, n. 19, 1986.

Subduing the jury, *London Review of Books*, n. 8, 4 de dezembro de 1986.

Subduing the jury, *London Review of Books*, n. 8, 18 de dezembro de 1986.

Eurocentrism, Indocentrism and Internationalism, *END Journal*, n. 31, dezembro 1986 – janeiro 1987.

Diary, *London Review of Books*, n. 9, 7 de maio de 1987.

Seconds away, *London Review of Books*, n. 9, 7 de maio de 1987.

Protest and Revise, *END Journal*, n. 37.

Letter Against Loans to Chile, *The New York Review of Books*, 11 de junho de 1987.

Homage to Thomas McGrath, *TriQuarterly*, n. 70, verão de 1987.

On the Rant, *London Review of Books*, n.9, 1 de outubro de 1987.

Las dispatches from the border country: Raymond Williams, *The Nation*, 5 de março de 1988.

En la muerte de Raymond Williams, *Mientras Tanto*, n. 34, 1988.

Wordsworth's crisis [carta], *London Review of Books*, 11, 2 de março de 1989.

Crackdown in Prague, *The New York Review of Books*, 13 de abril de 1989.

Look Forward, no Backward!, *Sanity*, 5 de maio de 1989.

History Turns on a New Hinge: END and Beginning, *NewStatesman*, 29 jan de 1990.

Our Mission Remains: Break up the Blocks in Europe, *The Nation*, agosto de 1990.

Mixed Soviet Blessings, *The Guardian*, 11 agosto de 1991.

The Making, *The New York Review of Books*, 19 de dezembro de 1991.

Perdonad si disiento, *Tiempo de Paz*, n. 26, 1992-1993.

Theory and Evidence, *History Workshop Journal*, n. 35, 1993.

The Making of the Ruling Class, *Dissent*, junho de 1993.

La formación de una clase dominante, *Debats*, n. 45, 1993.

Hunting the Jacobin Fox, *Past and Present*, n. 142, 1994.

Bases para una paz democrática, *Tiempo de Paz*, n. 52-53, 1999.

Reflexões sobre Jacoby e tudo mais. In: *História e Perspectivas*. Uberlândia (55): 13-26, jul./dez. 2016.

Resenhas

God and King and Law, *The New Reasoner*, n. 3, inverno de 1957-58.

The Book of Numbers, *Times Literary Supplement (TLS)*, n. 9, dez de 1965.

Man Bites Yeoman, *TLS*, 11 de dezembro de 1969.

Anthropology and the Discipline of Historical Context, *Midland History*, n. 1, n. 3, 1972.

Under the same roof-tree, *TLS*, 4 de maio de 1973.

Testing Class Struggle, *Times Higher Education Supplement*, 8 de março de 1974.

Mary Wollstonecraft, *New Society*, 19 de setembro de 1974.

A nice place to visit, *New York Review of Books*, 6 de fevereiro de 1975.

On History, Sociology and Historical Relevance, *British Journal of Sociology*, vol 27, nº 3, September 1976.

English Daughter, *New Society*, 5 de março de 1977.

Happy families, *New Society*, n. 8, setembro de 1977.

Sold like a sheep for £ 1, *New Society*, 14 de dez de 1978.

On the Rant, *London Review of Books*, n. 9, 9 de julho de 1987.

Wordsworth's crisis, *London Review of Books*, n. 10, 8 de dezembro de 1988.

Blake's Tone, *London Review of Books*, n. 15, 28 de janeiro de 1993.

Benevolent Mr Godwin, *London Review of Books*, n. 15, 8 de julho de 1993.

Entrevistas

An Interview with E. P. Thompson, *Radical History Review*, n. 3, 1976.

Una entrevista con E. P. Thompson, *Tradición, revuelta y conciencia de clase*, 1979.

Recovering the libertarian tradition, *The Leveller*, n. 22, janeiro de 1979.

Europe Reborn. An Interview with E. P. Thompson, *Peace News*, 15 de maio de 1981.

European Nuclear Disarmament: an interview with E. P. Thompson, *The Socialist Review*, n. 58, 1981.

Where do you stand?, *New Socialist*, n. 3, janeiro-fevereiro de 1982.

Nuclear weapons, the arms race and the peace movement, *California Living*, 11 de setembro de 1983.

The politics of Peace", *Aurora Online*, 1990.

Conversando con E. P. Thompson", *En Peu de Pau*, junho-setembro de 1984 [reeditado em *Mientras Tanto*], setembro-outubro de 1993.

Interview with Michael Merrill, em H. Abelove et al. (org.), *Visions of History*, New York, Pantheon, 1984.

Beyond the blocs: non-aligned peace, an interview with E. P. Thompson, Edmonton, EastEuropean Solidarity Committee, 1984.

East and West Europe belong to the same culture, *The Listener*, 13 de junho de 1985.

Entrevista: La Campaña del Referéndum. Edward Thompson: Si España sale de la OTAN, aumentará la seguridad española y mundial", *El País*, 24 de fev de 1986.

Making history: an interview with E. P. Thompson, *Peace and Democracy News*, n. 23, 1991.

O Espírito Whig sem o Elitismo. In: BOURDIEU, Pierre. MICELI, Sérgio. (org.). *Liber* 1. São Paulo: Ed. USP, 1997.

Poemas

On the liberation of Seoul, *Arena*, n.2, 1951.

Homage to Salvador Allende, *Spokesman Broadsheet*, 30 setembro de 1973.

Infant and Emperor Poems for Christmas, London, Merlin, 1983.

Powers and Names, *London Review of Books*, n.8, 23 de janeiro de 1986

Collected Poems. Edited by Fred Inglis. Newcastle: Bloodaxe Books, 1999.

Tradução do Inglês de João Ernani Furtado Filho a partir dos panfletos originais “Fascist threat to Britain” (Londres: Farleigh Press, 1947) e “The Struggle for a Free Press” (Londres: A People’s Press, 1952).

Coordenação Editorial

*Adelaide Gonçalves, João Ernani Furtado Filho, Lucas Assis de Oliveira
e Vanda Souto*

Projeto Gráfico e Diagramação

Tarcísio Bezerra Martins Filho

Ilustração Frontispício

Júnior Punk

T4681 Thompson, E. P.
E. P. Thompson: panfletário antifascista / E. P. Thompson;
tradução de João Ernani Furtado Filho. — Fortaleza: Plebeu
Gabinete de Leitura, 2019.

160 p.: il.

ISBN: 978-85-93619-05-2

1. Antifascismo 2. Imprensa livre 3. Panfleto

CDD 907.2

Esta publicação de **distribuição gratuita** resulta de um trabalho coletivo e da ajuda mútua. Nossos agradecimentos a Francisco José Pinheiro, chefe do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará.

Este livro foi composto com as fontes **Amiri**, para textos, criada pelos designers Khaled Hosny e Sebastian Kosch com licença livre; e **Abolition**, para títulos, criada pelo designer Mattox Shuler na For Foundry licenciada através do Adobe Fonts.

PLEBEU GABINETE DE LEITURA

Plebeu Gabinete de Leitura

R. Floriano Peixoto, 735 - 5º andar -
Centro, Fortaleza - CE, 60025-131.